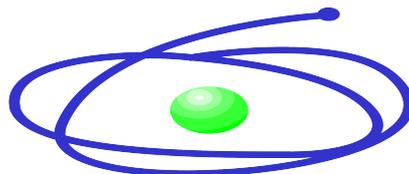




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – POSLA**

**JANAINA LISBOA LOPES FREIRE**

**UMA ANÁLISE CÍRCULOBAKHTINIANA DO ESTILO E DA RESPONSIVIDADE  
EM PROPAGANDA ANTIVIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL: O CASO DA  
CAMPANHA PUBLICITÁRIA *CHILDHOOD BRASIL***

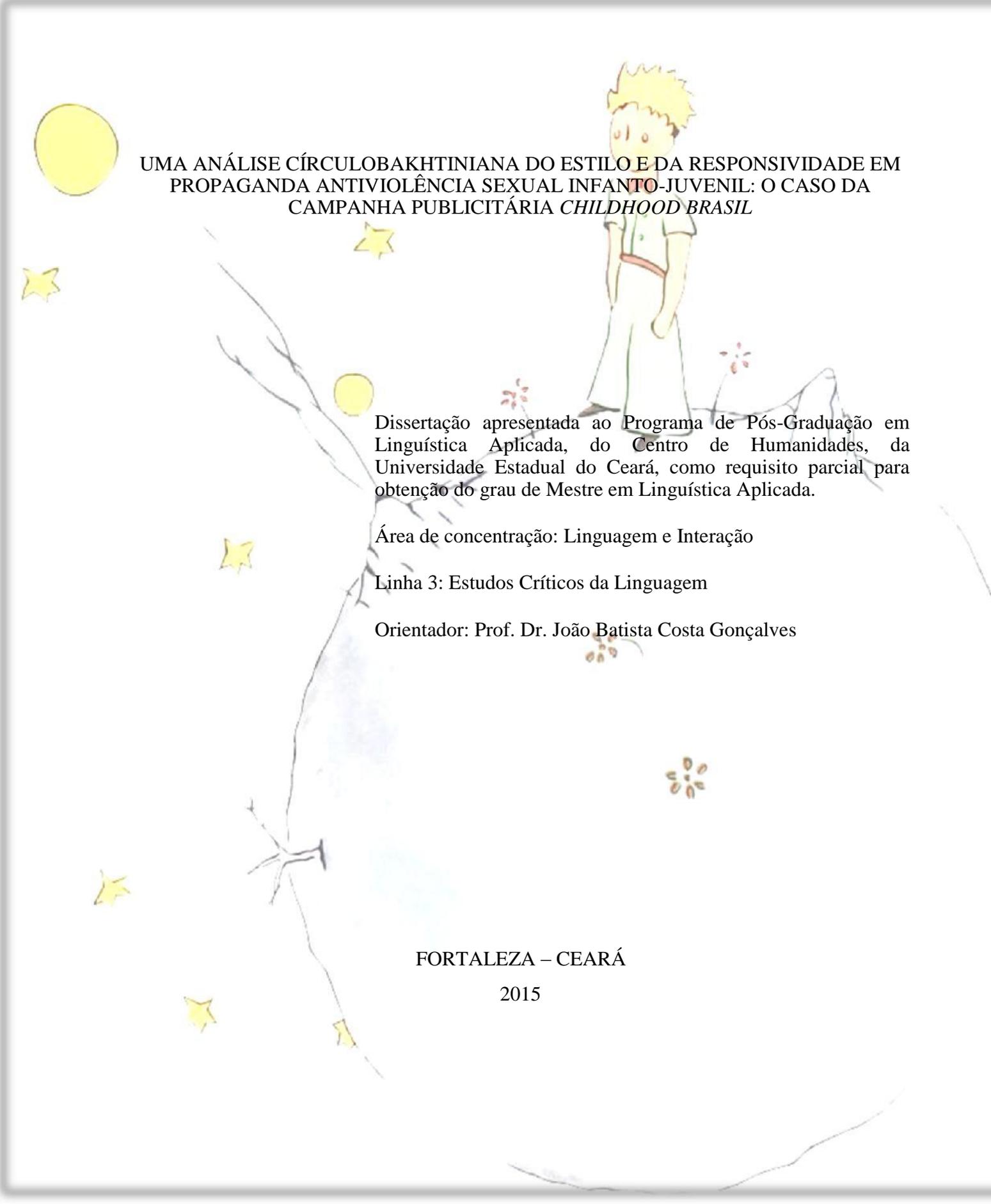


**C A P E S**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2015**

JANAINA LISBOA LOPES FREIRE



UMA ANÁLISE CÍRCULOBAKHTINIANA DO ESTILO E DA RESPONSABILIDADE EM  
PROPAGANDA ANTIVIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL: O CASO DA  
CAMPANHA PUBLICITÁRIA *CHILDHOOD BRASIL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da  
Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação

Linha 3: Estudos Críticos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves

FORTALEZA – CEARÁ

2015

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Freire, Janaina Lisboa Lopes.

Uma Análise Círculobakhtiniana do Estilo e da Responsividade em Propaganda Antiviolença Sexual Infanto-Juvenil: O Caso da Campanha Publicitária da Childhood Brasil [recurso eletrônico] / Janaina Lisboa Lopes Freire. 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 146 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Prof. Dr. João Batista da Costa Gonçalves.

1. Círculo de Bakhtin. 2. Responsividade. 3. Estilo. 4. Propaganda Social. 5. Violência sexual infanto-juvenil. I. Título.

JANAINA LISBOA LOPES FREIRE

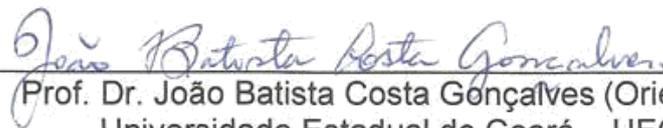
UMA ANÁLISE CIRCULOBAKHTINIANA DO ESTILO E DA RESPONSABILIDADE EM PROPAGANDA ANTIVIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL: O CASO DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA *CHILDHOOD BRASIL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

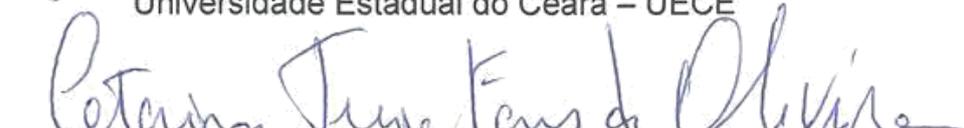
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 13 / 03 / 2015.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – UECE

  
Prof. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira (1º Membro)

Universidade Federal do Ceará - UFC

  
Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes (2º Membro)

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Você, que achou este escrito por acidente,  
peço com meu mais profundo afeto e gratidão,  
que, por favor, compartilhe dois terços desta  
dedicatória com minha mãe e Deus menino.



## AGRADECIMENTOS

Sendo uma pessoa apaixonada pela linguagem e uma humilde aprendiz desse elaborado engenho, é difícil, para mim, a arte de compor em matéria verbal os sons dos meus suspiros que entoam o amor, a admiração e a gratidão. Assim, antes de tudo, agradeço ao primo-artista de todas as linguagens, o *Verbo*, pela *alumni* que sou e por todos aqueles que me iluminam. Pois eu não seria senão à luz:

Da força, do sorriso e do carinho da minha mãe, Emília, imaculados após ter despertado de um sono de beleza que durou oito meses. E do companheirismo e do amor dos meus irmãos, Manoel e Carolina, no a-cor-dar à vida. – *Meus primeiros amores, minhas rainhas e meu rei, vocês nem sabem que é para vocês que eu construo todos meus castelos. Ah, sabem.*

Do amor e da lealdade incondicionais das minhas raízes nômades e híbridas: tio-pai Orestes, tia-mãe Glorângela e meus primos-irmãos, Orestinho e Talitha; E da brisa do além (a)mar que sopra do peito de meu pai, Geraldo, dos meus tios Marcos, Paulo, Rita, e de suas lindas famílias. – *É muito amor para pouco “eu te amo”.*

Do riso solto e do choro fácil proporcionados pela irmandade bela e insensata, que desdiz a ordem dos limites do espaço e do tempo, de Camila, Cinthya, Gessiane, Lana, Nathália e Sandra. E que se ritualiza nas conversas com Angélica, Cinthia, Lilian, Victor, Onias, Fran e João Lucas. – *Obrigada por toda a afabilidade traduzida em torcida, piada e zanga.*

Da adesão (incerta), da precisão e da retidão da bússola que me deu rumo e liberdade. Se fosse, então, para escolher de novo hoje a orientação, eu escolheria João Batista da Costa Gonçalves, sempre. – *Obrigada, Professor, por todos os muitos votos de confiança e desafios.*

Da inspiração pelo comprometimento apaixonado e apaixonante nos preciosos ensinamentos de Claudiana Nogueira, Dina Ferreira e Rozania Moraes. – *Não conheço palavra que caiba, ao mesmo tempo, a grandeza e a humildade de vocês.*

Do cirandar colorido com a doce (a)morenyce da minha Laryssa e da minha Elayne, e com imperiosidade amarela (amar ela!) da minha Indira; cantado nos bendizeres de Sipriano e Alves. – *Ao desbravar o território no qual eu era o Outro, cada um de vocês fincou em uma bandeira cujos respectivos emblemas são: uma borboleta, uma flor, uma leoa, uma espada e uma cruz. Obrigada, pelos espetões de boniteza.*

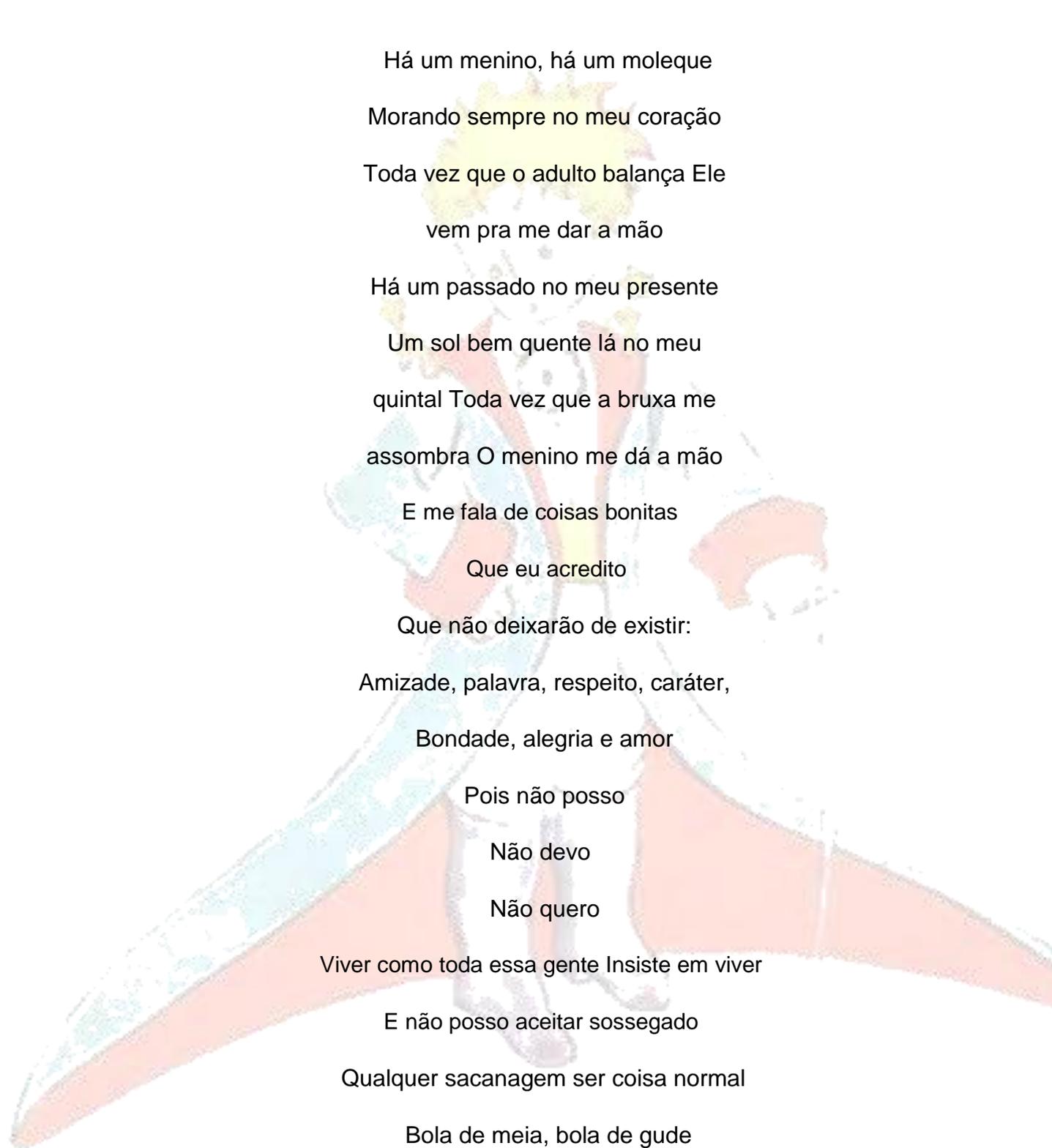
Dos meus pares de dança: Duda, Marquinhos e Bruna. – *Obrigada por entenderem que, certas vezes preciso conversar, mas de forma que se fala com os pés e não com a boca.*

Do sorriso calmo e sereno que é o porto-seguro Keiliane, durante do meu alvoroço devido a normas e documentos. – *Sei que onde você for, você flor.*

Deles, que coloriram os dias: Meysse, Chicão, Rodrigo, Gustavo, Emanuel, Thaís Helena, Thaysa, Kélvia, Jair, Marília e Dawton. – *Meu carinho e a minha torcida pra vocês.*

Dos esclarecimentos, correções e elogios dos professores: Dr. Antonio Luciano Pontes e Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira – *Obrigada pela iluminação!*

Agradeço, também, à UECE pela universidade de qualidade e pelo curso com profissionais competentes que formam o PosLA; à CAPES pelo apoio financeiro durante o tecer da pesquisa.



Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança Ele  
vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu  
quintal Toda vez que a bruxa me  
assombra O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito  
Que não deixarão de existir:  
Amizade, palavra, respeito, caráter,  
Bondade, alegria e amor

Pois não posso  
Não devo  
Não quero

Viver como toda essa gente Insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão Toda  
vez que a tristeza me alcança O  
menino me dá a mão

(Fernando Brant / Milton Nascimento)

## RESUMO

Este trabalho situa-se na área da Linguística Aplicada Contemporânea e tem como objetivo principal fazer uma análise Translinguística do estilo e da responsividade na campanha propagandística antiviolaência sexual infanto-juvenil. Para tanto, a pesquisa foi embasada no arcabouço teórico feito a partir de Bakhtin (2008, 2010a, 2010b, 2011, 2013) e Bakhtin/Voloshínov (2009). Lançada a um mês do evento do Mundial de Futebol de 2014 pela ONG *Childhood Brasil*, a campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia* foi eleita como o *Corpus*. A análise deste *Corpus* consiste em uma investigação sobre as estratégias estilísticas utilizadas no anúncio e no vídeo que compõem esta campanha de propaganda social. No caso da campanha escolhida, há a manipulação da linguagem verbo-visual (do anúncio) e da linguagem verbo-sonoro-visual (do vídeo) através da qual a ONG *Childhood Brasil* se utiliza para requisitar uma resposta responsável contra os crimes de violênciã e de exploraçãõ sexual infanto-juvenil. Quanto à metodologia, no anúncio, houve, primeiramente, análise da linguagem verbal, seguida pela linguagem visual e, então, houve a análise da ancoragem da linguagem verbal e visual. O vídeo foi analisado da mesma forma e, para a análise da linguagem visual houve utilizaçãõ do método chamado decupagem que consiste na técnica de congelar imagens de um vídeo para retirá-las. Já a linguagem verbal, foi transcrita, e, a linguagem sonora, descrita. Por fim, houve uma análise paralela do anúncio e do vídeo. Foi constatado que apesar de os dois enunciados fazerem parte do gênero discursivo propaganda social, ambos trazem informações do gênero discursivo publicitário. Aproveitando o ensejo do evento para angariar a atençãõ do interlocutor, o locutor utilizou elementos relacionados ao Mundial de Futebol tanto na construçãõ dos heróis da campanha, quanto como contrapalavra. Além de assumir a responsividade para si, o locutor e os heróis dos enunciados requisitaram a compreensãõ ativa para que os interlocutores ficassem atentos e, caso houvesse suspeitas dos crimes, ligassem para o Conselho Tutelar Infantil. Os enunciados foram entoados de maneira séria, porém serena e pueril para não tirar o brio do evento.

**Palavras-chave:** Translinguística. Estilo. Responsividade. Propaganda. Violaência Sexual Infanto-Juvenil.

## ABSTRACT

This work is situated in the area of Contemporary Applied Linguistics and it is consisted on a Translinguistic analysis on style and responsiveness in anti-sexual violence against juvenile propaganda campaign. This research is based on the theoretical framework of Bakhtin (2008, 2010a, 2010b, 2011, 2013) and Bakhtin / Voloshinov (2009). For this, the *Childhood Brasil's* campaign launched in one month the World Cup event, *#BrasilNaDefesaDaInfancia* was elected. The analysis is an investigation on how *Childhood Brasil*, as the locator of the propaganda campaign, established responsiveness to the crimes of violence and juvenile sexual exploitation on the share of the locutor, the hero and the interlocutor, through stylistic strategies possible in the social propaganda discursive genre, languages of different semiotic nature were used to manufacture a verb-visual statement (ad) and a verb-audible-visual statement (video). Regarding the methodology, the language of each statement was analyzed separately and then correlated manner. It was found that although the two statements are part of the genre discursive social propaganda, both bring information of the advertisement discursive genre. Taking advantage of the opportunity brought by the sport event to raise people's attention, the locutor used elements related to the World Cup in both the construction of the hero, and the edifice of the answer-word. In addition to assuming the responsiveness the announcer and the heroes of the campaign ordered an active responsive understanding to enable the interlocutor to stay alert and, if there were suspicions of crimes, connect to the Guardianship Council Children. The statements were harmonized in a serious but serene and childish way not to take the pride of the event.

**Keywords:** Translinguistic . Style. Answerability. Social Ad. Juvenile sexual abuse and exploitation

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - #BrasilNaDefesaDaInfancia material verbo-visual .....	100
Figura 2 - #NeymarJrEmDefesaDaInfancia .....	115
Figura 3 - Crianças Enunciado verbo-visual .....	118
Figura 4 - Logomarca - World Childhood.....	119
Figura 5 - Título do Enunciado Verbo-Visual.....	119
Figura 6 - Slogan verbo-visual .....	119
Figura 7 - Conselho Tutelar Infantil verbo-visual .....	119
Figura 8 - Enunciado verbo-visual .....	121
Figura 9 - Neymar Jr. verbo-sonoro-visual .....	126
Figura 10 - #BrasilNaDefesaDaInfancia verbo-sonoro-visual .....	127
Figura 11 - Daniel Alves verbo-sonoro-visual .....	128
Figura 12 - Disque 100 verbo-sonoro-visual.....	128
Figura 13 - Childhood Brasil verbo-sonoro-visual.....	129
Figura 14 - Apoiadores verbo-sonoro-visual.....	129

## **LISTA DE ORGANOGRAMAS**

Organograma 1 - Translinguística .....	47
Organograma 2 - Linha do tempo dos estudos filosófico-linguísticos em MFL.....	52

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela1 - Denúncias de exploração sexual infanto-juvenil (2003-2005).....	103
Tabela 2 - Fluxo de turismo nas cidades-sede da copa.....	104

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: O PILOTO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 CAPÍTULO I: A RAPOSA</b> .....	<b>24</b>
1.1 QUE QUER DIZER “LINGUÍSTICA APLICADA”? .....	24
1.2 QUE QUER DIZER “CÍRCULO DE BAKHTIN”? .....	26
1.3 QUE QUER DIZER “DIALOGISMO”? .....	28
1.4 QUE QUER DIZER “TRANSLINGUÍSTICA”? .....	33
1.5 QUE QUER DIZER “LINGUAGEM VERBO-SENSORIAL”? .....	38
<b>2 CAPÍTULO II: A JORNADA</b> .....	<b>47</b>
2.1 ESTILO EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM (MFL – 1929) – O MÉTODO SOCIOLÓGICO DE ABORDAGEM DA LINGUAGEM.....	48
<b>2.1.1 Estilo em Problemas da Obra de Dostoiévski (POD – 1929): Locutor, herói e interlocutor</b> .....	<b>56</b>
<b>2.1.2 Estilo em Questões de literatura e de Estética (QLE – 1934) – Enunciado Concreto</b> .....	<b>59</b>
<b>2.1.3 Estilo em Estética da Criação Verbal (ECV – 1953) - Gêneros Discursivos</b> .....	<b>63</b>
2.2. RESPONSABILIDADE EM UMA FILOSOFIA DO ATO RESPONSÁVEL (PUFAR – 1921).....	66
<b>2.2.1 Responsividade em Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL-1929) – Compreensão Ativa Responsiva e Contrapalavra</b> .....	<b>68</b>
<b>2.2.2 Responsividade em Questões de Estilo no Ensino de Línguas (QEEL – 1942) – Entonação</b> .....	<b>71</b>
<b>3 CAPÍTULO III: A JIBOIA</b> .....	<b>76</b>
3.1 <del>ERA UMA VEZ...</del> AINDA É, A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL.....	76
<b>3.1.1 Violência sexual infanto-juvenil, as diferentes caras desse Bicho-Papão</b> .....	<b>82</b>
<b>3.1.2 De possíveis vítimas a heróis – formas de empoderamento infanto-juvenil frente à violência sexual</b> .....	<b>86</b>
3.2 A MENSAGEM PUBLICITÁRIA E A MENSAGEM PROPAGANDÍSTICA.....	89
<b>3.2.1 Os meios e as mensagens</b> .....	<b>91</b>
3.3 CHILDHOOD BRASIL, UMA RAINHA EM DEFESA DA INFÂNCIA.....	93

<b>4</b>	<b>CAPÍTULO IV: O CARNEIRO</b> .....	<b>97</b>
4.1	TIPO DE PESQUISA .....	97
4.2	CORPUS DA PESQUISA .....	98
4.3	ANÁLISE DO ESTILO E DA RESPONSABILIDADE NA CAMPANHA #BRASILNADEFESADAINFANCIA .....	102
<b>4.3.1</b>	<b>Enunciação</b> .....	<b>102</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Análise do Enunciado Verbo-Visual</b> .....	<b>109</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Análise do Enunciado verbo-sonoro-visual</b> .....	<b>123</b>
<b>4.3.4</b>	<b>Síntese Comparativa entre o Enunciado verbo-visual e o Enunciado verbo-sonoro-visual</b> .....	<b>132</b>
	<b>A (IN)CONCLUSÃO</b> .....	<b>136</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>141</b>
	<b>ANEXO</b> .....	<b>146</b>



O Piloto

## INTRODUÇÃO: O PILOTO

*Peço perdão às crianças por dedicar este livro a uma pessoa grande. Tenho uma desculpa séria: essa pessoa grande é o melhor amigo que possuo no mundo. Tenho um outra desculpa: essa pessoa grande é capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de criança. Tenho ainda uma terceira: essa pessoa grande mora na França, e ela tem fome e frio. Ela precisa de consolo. Se todas essas desculpas não bastam, eu dedico então esse livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia crianças. (Mas poucas se lembram disso.) Corrijo, portanto, a dedicatória:*

*A LÉON WERTH QUANDO ELE ERA PEQUENINO" (SAINT-EXUPÉRY, S/D, grifos do autor)<sup>1</sup>*

Do mesmo modo que o autor de *O Pequeno Príncipe* começou sua obra, gostaria de começar pedindo desculpas ao interlocutor deste trabalho, pois o que eu realmente queria era escrever para crianças. Escrevo, contudo, para adultos. Não pela questão de gênero discursivo, pois, por este ser um texto acadêmico, crianças muito dificilmente irão lê-lo, mas por não se tratar, *era uma vez, há muito tempo atrás*, e sim de algo real, hodierno, latente e pulsante.

A violência e a exploração sexual contra crianças e adolescentes é um tema tão recorrente e relevante que permite a repetição temática em diferentes gêneros discursivos: jornalístico, eclesiástico, propagandístico e acadêmico. Uma das coisas que posso fazer, então, como estudante de Linguística Aplicada é estudar criticamente a manipulação da linguagem para que respostas éticas acerca desse problema sejam trazidas.

Este trabalho é, então, uma pesquisa *do estilo e da responsividade na propaganda antiviolaência sexual infanto-juvenil*. Aqui, procuro realizar um estudo sobre a junção das teorias da Publicidade e Propaganda e as propostas fundadas pelos filósofos do chamado Círculo de Bakhtin, o grupo de filósofos da linguagem russos que propuseram uma teoria sobre como a ideologia de um determinado contexto histórico-sociocultural atravessa todas as esferas da vida, desde a conversa informal, até contextos mais elaborados, como o artístico e o científico. Esses filósofos ainda arrazoam sobre o compromisso ético e sem-álibi que cada um de nós tem para e com o outro.

Meu compromisso ético é, portanto, o de escrever, se não para crianças, um estudo que possa ser alcançado não só por pesquisadores de Linguística Aplicada, mas também por acadêmicos e profissionais de outras áreas. Pois, a exploração e a violência sexual infanto-juvenil são, ou pelo menos deveriam ser, problemas de saúde mundial que concernem a todos e a cada um de nós, contra os quais investidas sociais cooperativas são necessárias. Tento

---

<sup>1</sup> As citações da obra *O Pequeno Príncipe* daqui foram retiradas da versão online disponível em: [http://narradoresdoreconcavo.com.br/listas/arquivos/340/o\\_pequeno\\_principe.pdf](http://narradoresdoreconcavo.com.br/listas/arquivos/340/o_pequeno_principe.pdf) . Acessado em: 10 de outubro de 2014.

escrever, assim, para todos que estejam dispostos a ajudar, independentemente de sua área de atuação.

Para tanto, uma das estratégias adotadas, ao longo da discussão teórica, é a tentativa de abordar os estudos sobre a linguagem da obra do Círculo de Bakhtin à ordem cronológica de suas produções e não como à medida que foram trazidas ao público ocidental, para que seja possível possibilitar a observação da organização temporal dos elos dialógicos que existem entre estas obras e seus autores.

A segunda tática para tentar ocasionar um debate teórico mais palatável, é ancorar o discurso acadêmico da abordagem filosófica da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin e o discurso romanesco da obra literária infanto-juvenil, *O Pequeno Príncipe*. Esta última obra foi selecionada, por dois motivos principais: (1) é um romance de conhecimento de um grande público cujo um dos personagens principais é uma criança. (2) O menino não se intitula de *o Pequeno Príncipe*, este é o nome abrolha a partir da evolução da amizade entre ele e o piloto. Ou seja, naquela relação o menino é percebido pelo adulto como um herói e não como uma vítima.

Ainda sobre o romance infanto-juvenil, ele é a narração do piloto enquanto tentava consertar seu avião que havia caído no meio de um deserto quando, de maneira também acidental, ele conhece um menino. Logo, o piloto quis saber desde quando e o porquê da criança estar ali. E, obviamente, se havia alguém tomando conta dela. Apesar da criança não estar ferida nem amedrontada, pelo contrário, era ativa como uma realeza, o piloto quis tomar para si responsabilidade de cuidar dele.

Foi mais ou menos o que aconteceu comigo. Enquanto tentava descobrir um objeto de estudo, apareceu-me uma lustrosa propaganda antiviolência sexual infanto-juvenil que me encheu de perguntas:

- Afinal, do que se trata a exploração e a violência infanto-juvenil?
- Como este problema mundial de saúde é retratado na propaganda?
- Como este gênero discursivo é estilizado para resultar o engajamento social acerca deste problema?
- Esta manipulação da linguagem está sendo tratada da melhor maneira possível?
- Posso tomar conta de você?

Assim conheci a campanha propagandística *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, a iniciativa da organização não-governamental *Childhood Brasil*, que, através de um enunciado verbo-visual (anúncio) e de outro enunciado verbo-sonoro-visual (vídeo), tentou engajar sujeitos a

denunciar crimes de violência e exploração sexual infanto-juvenil, no Brasil, às vésperas do evento em que nosso país foi anfitrião: O Mundial de Futebol de 2014.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, o de *analisar o estilo e a responsividade na campanha #BrasilNaDefesaDaInfancia*. Ou seja, averiguar a maneira que a *Childhood Brasil*, como **locutor**, manipulou as linguagens verbo-visual e verbo-sonoro-visual dos respectivos enunciados para:

- *Construir um herói*: manipular os elementos do enunciado verbo-visual e do enunciado verbo-sonoro-visual a fim retratar a questão da exploração e da violência sexual infantil;
- *Visar um interlocutor*: endereçar os produtos da manipulação dos artefatos da linguagem de cada enunciado à alguém;
- *Dar entonação*: manusear as imagens e as palavras do enunciado verbo-visual e como as palavras, os sons e os movimentos do enunciado verbo-sonoro-visual para dar expressividade à questão retratada pela campanha;
- *Utilizar a contrapalavra*: como através de palavras, cores, imagens, músicas a campanha rompe e ressignifica sentidos estabilizados acerca da exploração e da violência sexual infanto-juvenil;
- *Compreender e elaborar a compreensão ativa responsiva*: responder responsabilmente ao problema social e produzir espaço nos enunciados para induzir o interlocutor a fazer o mesmo.

A análise justifica-se, assim, no âmbito da Linguística Aplicada, pois de acordo com Leffa (2001), a pesquisa nesta área deveria ter dois propósitos: pesquisar e prestar serviços. Ou seja, estudar o estilo deste gênero discursivo pode resultar na compreensão das ferramentas e, com isso, na melhoria da eficácia em elaborar um engajamento social acerca do problema.

Este autor ainda alega que a pesquisa em Linguística Aplicada segue (ou deveria seguir) algumas tendências, como: a especialização na diversidade; o compromisso com a sociedade e a existência de fusões. É, também, levando essas considerações que a presente pesquisa é tecida.

Tomando como ponto de partida a especialização na diversidade, ao fazer o estado da arte desta pesquisa, as ferramentas SciELO – *Scientific Electronic Library Online* e *Google Acadêmico* (ambos são sites que indexam trabalhos acadêmicos) foram utilizadas. Os dois sites retornaram com a carência de estudos acerca da abordagem da violência sexual infanto-

juvenil pela propaganda. Ora, se algo de tão grande importância não está sendo academicamente pesquisado, então há precisão de se fazê-lo.

A justificativa quanto ao compromisso social é corroborada, pois os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, em diferentes partes do mundo, 7-36% das meninas e 3-29% dos meninos sofreram abuso sexual<sup>2</sup>. No Brasil, o número de pessoas, menores de um e até dezenove anos de idade, atendidas por parte de violência sexual é de 1.748 meninos e 8.677 meninas, somando um total de 10.425 vítimas, só no ano de 2012<sup>3</sup>.

Apesar de alarmante, a real prevalência é desconhecida, visto que muitas crianças não revelam o abuso, e algumas das vítimas só conseguem falar sobre ele na idade adulta. Assim, é de extrema importância estudar a forma que os meios de comunicação repassam as informações sobre a educação, a sensibilização e a mobilização desta causa.

Quanto à fusão, a pesquisa se propõe a fazer uma análise do uso da linguagem nas campanhas sociais a partir das teorias da linguagem propostas pelo Círculo de Bakhtin e os estudos de Publicidade e Propaganda. A análise é baseada no dialogismo que se trata das relações de significado constituídas entre dois enunciados ou discursos. Ou seja, de acordo com o dialogismo, todo enunciado tem o cordão umbilical atrelado aos seus enunciados ancestrais e está prenhe de novos enunciados. Este é o conceito célula-mãe dos estudos círculobakhtinianos, segundo o qual a forma concreta de um enunciado e o as condições da enunciação estão intrinsecamente atrelados.

Seguindo com a explicação sobre a escolha pelo Círculo de Bakhtin, a teoria proposta por eles defende a premissa de que o estilo, ou seja, a manipulação do uso da linguagem ocorre de acordo com gêneros discursivos relativamente estáveis, que variam de acordo com as diferentes esferas de atividade social (jurídica, religiosa, educacional, jornalística).

A linguagem, segundo estes filósofos, é dada através de signos que podem ser concretizados das mais diversas semioses, como: a verbal, a visual, a sonora, a tátil, a olfativa, a palatável e as suas correlações. Todo e qualquer signo não só está embrenhado pela concepção ideológica de um contexto histórico-sociocultural, mas, também, externa essa ideologia.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://tj-ap.jusbrasil.com.br/noticias/1903067/juizado-intensifica-campanha-de-combate-a-exploracao-sexual-e-ao-traffic-infantil>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1342>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

Assim, é através da investigação dos signos que percebemos as mudanças na sociedade. Logo, para os enunciados, a análise deve incluir fatores extralinguísticos como os contextos de produção, a relação entre o locutor e o interlocutor, e as condições de veiculação.

Sobre a relação entre o locutor e o interlocutor, de acordo com o pensamento dialógico do Círculo de Bakhtin, a escolha pela manipulação da linguagem (estilo) se dá na interação social de um sujeito para-e-com outro sujeito. Para desenvolver esse pensamento, além do contexto histórico-sociocultural e da linguagem disponível para a construção da enunciação, três elementos são compreendidos como dinâmicos e determinantes da enunciação: locutor (emissor da enunciação), o herói (os elementos que dão forma à enunciação em si) e interlocutor (destinatário da enunciação).

E esta é a proposta do presente estudo, analisar quais foram as condições de criação da campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, para entender melhor sobre os valores sociais que a *Childhood Brasil* apresenta, a partir da escolha de determinados elementos verbais, sonoros e visuais para alcançar a compreensão responsiva de um certo interlocutor.

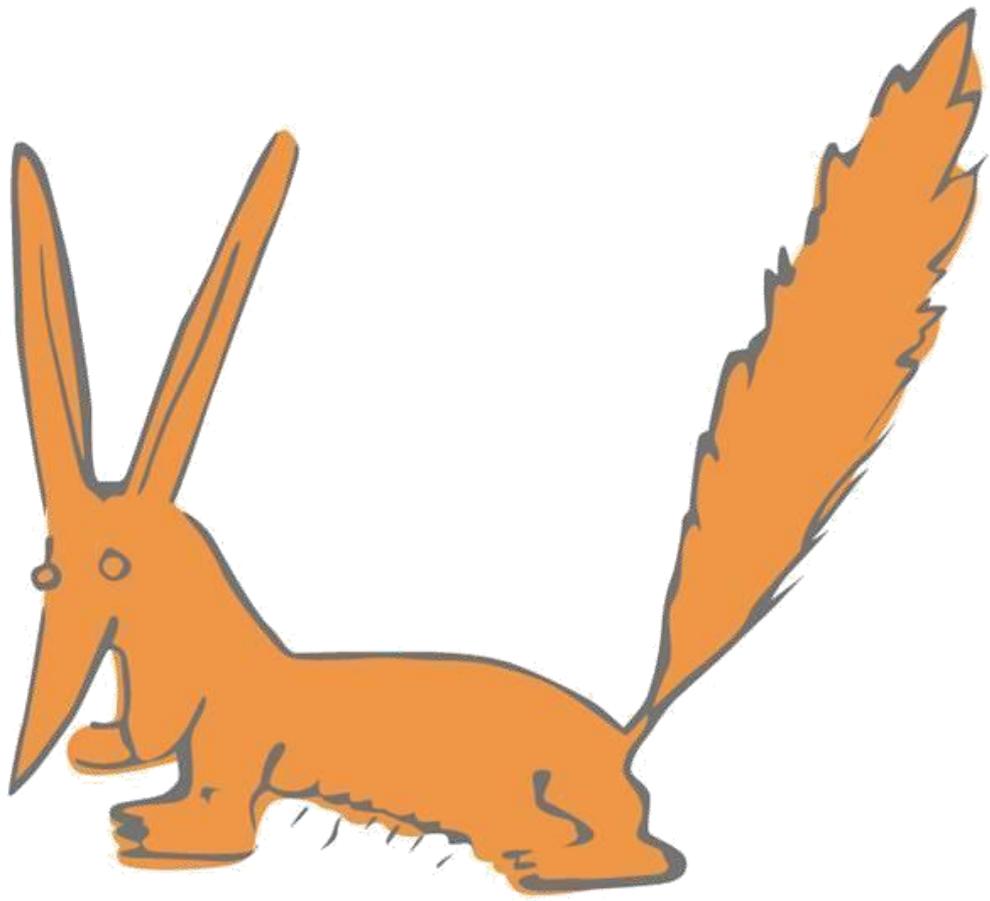
Escolhi campanha social como objeto de estudo, pois, uma campanha utiliza diferentes linguagens para compor peças de propaganda cuja finalidade é provocar mudanças sociais. No intuito de ter conhecimento se cada enunciado tem sentido sozinho e se há similaridades e/ou diferenças entre os enunciados, a análise do enunciado verbo-visual e do enunciado verbo-sonoro-visual que compõe a campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, da *Childhood Brasil*, se dá, primeiramente, de forma isolada, e em seguida é feita uma síntese paralelizada entre os dois enunciados.

Quanto à divisão, além deste capítulo-piloto introdutório e as (in)conclusões ao final da pesquisa, este trabalho está dividido em quatro capítulos:

- I. *A Raposa*, em que faço observações sobre os termos Linguística Aplicada e construo uma ponte para teoria do Círculo de Bakhtin, de onde partem os seguintes conceitos: Dialogismo, Translinguística e Linguagem verbo-sensorial.
- II. *A Jornada*, em que há uma expedição de exploração aos conceitos e as categorias círculobakhtinianas relevantes para essa pesquisa: Estilo e suas correlações com gêneros discursivos, enunciado concreto e a relação entre locutor e herói, assim como Responsividade e suas correlações com contrapalavra, compreensão ativa responsiva e entonação.

- III. *A Jiboia*, em que é discutida a concepção de *violência sexual infanto-juvenil*, a definição de *propaganda social* e o que é a ONG *Childhood Brasil*. E por fim...
- IV. *O Carneiro*, em que é realizada a análise das propagandas verbo-visuais e verbo-sonoro-visuais da ONG *Childhood Brasil* com base nas categorias círculobakhtinianas: *estilo e responsividade*.

Na próxima seção, o capítulo primeiro, começa a viagem pela pesquisa bibliográfica que deu alicerce para a pesquisa.



*A Raposa*

## CAPÍTULO I: A RAPOSA

- *Que quer dizer "cativar"?*
  - *É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços".*
  - *Criar laços? - Exatamente, disse a raposa. [...]*
  - *Começo a compreender, disse o príncipezinho. Existe uma flor... eu creio que ela me cativou.*
- (SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP XXI)

O diálogo acima ocorre quando o personagem que dá título à obra literária infanto-juvenil, *O Pequeno Príncipe*, encontra um novo amigo, uma raposa. O animal ensina (e apreende) o significado de uma palavra nova: cativar. Assim como a raposa, o intuito deste capítulo é o de ensinar e o de apreender os significados que embasaram a análise. Para tanto, a presente seção do trabalho está dividida da seguinte maneira: na primeira parte, há a explanação sobre o campo acadêmico no qual a pesquisa se encontra - *a Linguística Aplicada*. Na segunda parte, é apresentado o *Círculo de Bakhtin*. Na terceira parte, é explanado o conceito basilar da abordagem do *Círculo de Bakhtin* sobre a linguagem - o *dialogismo*. Na quarta parte, é discutida como é cultivada a ciência da linguagem proposta pelos filósofos do *Círculo de Bakhtin* - a *Translinguística*.

### 1.1 QUE QUER DIZER “LINGUÍSTICA APLICADA”?

Para ajudar a compreender o que é a ciência Linguística Aplicada, desde seu abrolhar, sedificação e hibridação, foram utilizados os estudos dos seguintes autores: Fabrício (2006), Menezes et al. (2009), Moita Lopes (2006), Penicook (2006), Rajagopalan (2006, 2003) e Signori (1998).

A Linguística Aplicada é um campo científico relativamente recente, é o que afirma Moita Lopes (2006). O reconhecimento acadêmico dessa área de estudos ocorreu por entre as décadas de 1940 e 1950, no contexto sociopolítico da Segunda Guerra Mundial, quando os soldados estadunidenses urgiam aprender a língua dos países estrangeiros para os quais seriam enviados, onde a interação social entre eles, aliados e/ou inimigos, seria imprescindível. Foi na conjuntura científica da época em questão, o Estruturalismo, que Fries, Lado e Bloomfield, entre outros estudiosos da linguagem, estabeleceram os conhecimentos linguísticos para o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras e de tradução.

As primeiras apreensões sobre a ciência que viria a ser conhecida como Linguística Aplicada (doravante LA) se deram, primeiramente, como *apropriações de teorias da*

*Linguística do século XX para a aplicação e o desenvolvimento de metodologias de ensino e aprendizagem de uma segunda língua*<sup>4</sup>.

Moita Lopes (2006) afirma que a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) foi constituída em 1964. Alguns anos mais tarde, por volta do final da década de 1970, Widdowson levantou uma série de questionamentos para a então já chamada LA, ocasionando o que é conhecido como a *primeira virada da LA*, que significa *a mudança de aplicação das teorias linguísticas para a proposição de teorias da Linguística Aplicada de fato*. Continuando a afirmação do autor, o avanço de Widdowson está na superação da abordagem unidirecional na prática de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. O que ocorreu foi a ampliação do campo no interesse em criar teorias próprias desenvolvidas a partir da construção do objeto de investigação sob a perspectiva dos usuários. Assim, além da Linguística, a teoria da LA transporia suas fronteiras adentrando em outras ciências, como a Psicologia Cognitiva e a Sociologia.

Apesar da ampliação para a perspectiva bidirecional de ensino e aprendizagem, o ramo ainda é concebido somente como a prática pedagógica no campo do ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente de língua inglesa. Neste âmbito, muitos pesquisadores, notadamente ingleses e americanos, utilizaram a LA para fins comerciais, demonstrando pouca preocupação com o modo de vida e com as práticas sociais locais.

A *segunda virada da LA* se dá a partir da ascensão de teorias socioculturais como as do Círculo de Bakhtin e de Vygotsky, quando *é compreendida a importância de estudos que abordassem a língua materna, ou seja, na práxis humana não restrita às paredes da sala de aula*. Tal mudança é percebida no Brasil a partir da década de 1990.

Desde a primavera da ascendência da LA como disciplina, em meados da Segunda Guerra Mundial, o mundo passou por inúmeras mudanças de ordem histórica, geográfica, tecnológica, econômica, cultural, econômica. Alguns exemplos disso são o fim da Guerra Fria, a unificação da Europa, e a criação da internet.

A reteorização de um sujeito social percebido a partir de sua heterogeneidade, fluidez e mutabilidade; a redemarcação de fronteiras físico-espaciais e a ampliação da acessibilidade ao conhecimento habilitaram um novo modo pensar e viver, e, conseqüentemente, sentiu-se a

---

<sup>4</sup> Contudo, estas não foram as primeiras experiências de se fazer um estudo científico sobre o ensino de línguas estrangeiras. Quanto a isso Moita Lopes (2006) faz uma ressalva de ordem temporal. O autor afirma que o primeiro livro sobre o assunto que se tem registro, *O Portão Destrancado das Línguas*, de Jan Amos Comenius, foi lançado em 1632, quando o livro inaugural da Linguística, o *Curso de Linguística Geral*, que trazia anotações de Bally e Schelaye sobre as aulas de Saussure, foi redigido apenas em 1916.

necessidade de uma ciência que acompanhasse essas transformações. Logo, reconheceu-se a importância de extrapolar os paradigmas que foram hasteados no decorrer da solidificação da LA como conhecimento científico.

Contemporaneamente, existe a reivindicação por parte de seus teóricos e pesquisadores, para que ela seja uma ciência *indisciplinar* (MOITA LOPES, 2006), ou *transgressiva* (PENICOOK, 2006) cujo objeto de estudo é a maneira na qual os signos são constantemente ressignificados no processo inter-relacional destes com sujeitos ativos e o contexto histórico-sociocultural no qual estão situados. Além da exigência para que sejam realizados estudos voltados para o engaje do pesquisador no cultivo de desempenhos científicos cada vez mais *políticos, éticos, críticos e acessíveis* (RAJAGOPALAN 2003; 2006).

Devido à dificuldade do acesso à obra de intelectual de um grupo de filósofos que viveu na Rússia durante a revolução trabalhista, o Círculo de Bakhtin, só ficou conhecido pelo Ocidente quase quarenta posteriores às suas primeiras produções relevantes atualmente para os estudos da linguagem. Em 1967, quando Julia Kristeva publicou um estudo sobre Dostoiévski e Rabelais sob o título: *Bakhtin, o discurso, o diálogo, o romance*. E, até recentemente, a contribuição da obra do Círculo de Bakhtin ficou tida como restrita à segunda virada da LA, pois foi resumida na ênfase dada aos estudos literários da língua materna.

Contudo, há um enlaçamento muito mais estreito entre as propostas de pesquisa condizentes com o modo de se pensar a LA contemporânea e a Translinguística, a teoria que nasceu a partir dos estudos sobre a linguagem realizados pelo grupo de filósofos russos que compõem o que é conhecido hoje como o Círculo de Bakhtin. É mais sobre a história deste grupo que é apresentado na subseção a seguir.

## 1.2 QUE QUER DIZER “CÍRCULO DE BAKHTIN”?

Para ajudar a compreensão sobre o que seja o Círculo de Bakhtin, desde seu aparecimento até como ele é conhecido na contemporaneidade, foram utilizados os estudos dos seguintes autores: Almeida & Sales (2012), Clark & Holquist (2008), Duvakin (2008) e Faraco (2009).

A teoria proposta Círculo de Bakhtin na primeira metade do século XX apresentava o caráter multidisciplinar, político, crítico transgressivo e ético propostos pela LA do século XXI. É nesse sentido que é identificado o estreitamento dos laços entre a LA contemporânea e

a teoria do grupo de três filósofos russos, Medvedev, Voloshínov e Bakhtin<sup>5</sup>, conhecido como o Círculo de Bakhtin.

Segundo Faraco (2009) o nome de Bakhtin foi atribuído *a posteriori*, por estudiosos das obras, a quem, apesar da polêmica gerada sobre a autoria das obras<sup>6</sup>, é designado como o autor da obra de maior envergadura. Mas, apesar de Bakhtin, Voloshínov e Medvedev terem produzidos suas próprias obras<sup>7</sup>, as ponderações gerais sobre a linguagem dos filósofos apaixonados pela linguagem estavam em diálogo.

Assim, se não for o caso de mencionar o autor (ou a quem a autoria foi atribuída) de uma obra específica, faço a escolha de nomear os conceitos como sendo pertencentes ao diálogo dos três filósofos, chamando o conjunto dessas noções de pensamento *círculobakhtiniano*.

Voltando às similaridades entre as características da LA contemporânea e o Círculo de Bakhtin, a questão da multidisciplinaridade requerida pela LA, por exemplo, está presente na própria constituição do Círculo de Bakhtin.

---

<sup>5</sup> Resumindo o artigo de Almeida & Sales (2012), a minibiografia dos filósofos do Círculo de Bakhtin se dá da seguinte forma:

Mikhail Mikhailovich **Bakhtin** (russo: ). **Nascimento:** 17 de novembro de 1895, Oriol. **Ocupação:** Filósofo, Crítico Literário e Professor. **Falecimento:** 7 de março de 1975 (câncer) Moscou.

Pavel Nikolaevich **Medvedev** (russo: ; ) **Nascimento:** quatro de janeiro de 1892, São Petersburgo (Leningrado). **Ocupação:** Filósofo, Professor de Literatura. **Falecimento:** entre 1936 - 1938 (executado), Rússia.

Valentín Nikoláievich **Volóshinov** (russo: ). **Nascimento:** 1895, São Petersburgo (Leningrado). **Ocupação:** Filósofo, Crítico Literário. **Falecimento:** 13 de junho de 1936 (tuberculose), São Petersburgo (Leningrado).

<sup>6</sup> Aos que se interessarem pela questão do mérito da autoria, é possível conhecer as três perspectivas diferentes sobre este debate: a perspectiva de Clark & Holquist (2008), que defendem a autoria exclusiva de Bakhtin. O ponto de vista de Faraco (2009), que credita cada obra à autoria impressa nas primeiras edições, defendendo a existência de um profundo diálogo entre seus autores; e, por fim, a percepção de Bronckart & Bota (2012), que contestam o papel pífio, ou mesmo plagiador, a Bakhtin nas principais formulações teóricas do Círculo. As obras aqui citadas apresentam a autoria disposta nas edições utilizadas.

<sup>7</sup> De acordo com o pensamento de Faraco (2009) sobre a autoria, ela traz as marcas dos filósofos russos seja por assinatura ou estilo de escrita, assim, as obras encontram-se atualmente atribuídas da seguinte forma:

Bakhtin: *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais. Estética da Criação Verbal, Problemas da poética de Dostoiévski, Questões de Literatura e de Estética e Questões de Estilística no Ensino da Língua.* s obras atribuídas ao filósofo;

Voloshínov: *Marxismo e Filosofia da Linguagem, Discurso na Arte e Discurso na Vida, Freudismo.*

Medvedev: *O Método Formal nos Estudos Literários:* introdução crítica a uma poética sociológica.

O Círculo de Bakhtin tem o cordão umbilical atrelado a um círculo de estudos ainda maior, *Omphalos* (do grego: umbigo). *Omphalos* era uma reunião de *putchkinianos*, que quer dizer: um grupo de estudiosos que estavam ligados entre si, fosse por interesses comuns ou fosse pela universidade em que todos tinham estudado antes ou na qual ainda continuavam a estudar.

Em *Omphalos* cada um tinha uma especialização científica na qual era efetivamente competente. O grupo era formado por acadêmicos de diversas áreas, dentre os quais estavam: os filósofos Nikolai Bakhtin (primeiro líder do grupo e irmão mais velho de Mikhail Bakhtin) e Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pupianski, o líder posterior, e, os filósofos da linguagem, Mikhail Bakhtin, Valentin Voloshínov e Pavel Medvedev. *Omphalos* convivia ainda com outros grupos de estudo, como *Opojaz*, por exemplo, que era um grupo de formalistas.

Os aspectos políticos, críticos e transgressores requeridos pela LA contemporânea, referentes aos estudos círculobakhtinianos, condizem com a época e com o local nos quais algumas das obras de maior importância para os estudos sobre a linguagem foram concebidas: entre 1919-1929, no espaço compreendido presentemente como Rússia.

Nesse contexto histórico-sociocultural, os estudiosos publicavam seus pensamentos em obras manuscritas ou datilografadas. Depois da Revolução de 1917, além da dificuldade material, havia a restrição política. A participação em associações ficou dificultada e, logo em seguida, todas as associações, de todo gênero, não puderam mais existir e aqueles que ousavam descumprir eram punidos com o exílio e/ou a morte.

Mesmo em meio às dificuldades de encontros, das mais agudas privações materiais, de doenças crônicas, de perseguições, de exílio e sob a ameaça de pena de morte, Bakhtin, Voloshínov e Medvedev deixaram um legado inexorável para os estudos críticos da linguagem. Esse legado teórico-metodológico é compreendido a partir do conceito explanado no tópico a seguir.

### 1.3 QUE QUER DIZER “DIALOGISMO”?

Conforme afirmado anteriormente, os estudos círculobakhtinianos sobre a linguagem defendem a premissa de que todo enunciado faz parte de uma grande cadeia discursiva de outros enunciados. Um exemplo disso está na epígrafe deste capítulo, que reproduz um dos diálogos mais populares de *O Pequeno Príncipe*. A obra literária infanto-juvenil é utilizada neste trabalho acadêmico a fim de ilustrar as teorias e os conceitos que o tecem.

Segundo o pensamento círculobakhtiniano, os enunciados são articulados de maneira que viabilize a construção de sentidos. Esta construção de sentidos ocorre na interação com o outro. Mas quem é esse outro? É exatamente a partir deste esclarecimento que podem ser elencadas algumas maneiras de compreender a amplitude do conceito basilar da teoria dos filósofos russos, o dialogismo.

De acordo com a perspectiva dialógica da linguagem, o *outro* está presente no *eu*, mesmo quando este *eu* nem começou a enunciar de forma material. Ou seja, antes do *eu* falar, agir, ou desenhar, ele já está respondendo, em seu discurso interior, conscientemente ou não, a seu *outro*.

Para fazer uma ilustração, utilizo o episódio em que o narrador encontra o Pequeno Príncipe pela primeira vez. Ele, um piloto que teve problemas com seu avião e caiu no meio de deserto do Saara, enquanto tentava consertar a máquina, apareceu-lhe um menininho pedindo que ele desenhasse um carneiro. O piloto, pasmado com aquela presença, sem saber desenhar um carneiro, delineou a única coisa que fez em sua vida e entregou à criança. Em seguida, o menino respondeu que havia pedido um carneiro e não uma cobra que havia encolhido um elefante.

A partir daí começam a surgir indagações (nossas e do narrador) sobre a presença daquela criança, quem é ela? Será que ela realmente existe ou é simplesmente fruto da imaginação do piloto? Por várias vezes, o próprio piloto passa a questionar a existência do menino, pois o que uma criança tão pequena fazia sozinha no meio do deserto.

Pelo simples fato de existir, seja dentro ou fora da imaginação do piloto, o menino, segundo Authier-Revuz (2004), constitui um *outro*, pois, no dialogismo, este *outro* não precisa necessariamente ser um indivíduo corporificado. Como pode ser observado nos grifos a seguir:

O lugar dado ao outro dentro da perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um face a face, nem mesmo o ‘diferente’, mas sim um outro que atravessa constitutivamente o um. Este é o princípio fundador ou que deveria ser considerado como tal da subjetividade, da crítica literária, das ciências humanas em geral. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 103)

Em suas análises, a autora soma o outro dialógico com a interpretação psicanalítica lacaniana sob a intenção de articular uma teoria da heterogeneidade da palavra com uma teoria da descentralização do sujeito como efeito de linguagem, e dizer que mesmo na linguagem que ocorre no pensamento de um sujeito consigo mesmo, existe a presença de outros.

Já Martins (1990) entende que esse outro dialógico não é necessariamente uma pessoa

(física ou imaginária), mas *qualquer coisa* cuja presença suscite semelhanças e diferenças. Esse reconhecimento, segundo Martins (1990, p.18): “fundamenta sua investigação (de Bakhtin) em quase todas as áreas em que desenvolve alguma reflexão: teoria do conhecimento, teoria e história do romance, filosofia da linguagem, etc”.

Isso quer dizer que, de acordo com Martins (1990), o conhecimento é contemplado pela noção de intertextualidade que as áreas têm umas com as outras. Assim, por exemplo, tem-se a compreensão que esta é uma escrita acadêmica pela percepção do que seja a escrita em romance literário, uma carta, uma notícia jornalística ou um anúncio publicitário.

Trazendo para termos círculobakhtinianos, o *outro* pode abranger as seguintes concepções básicas:

- Interlocutor: um ou mais sujeitos reais (destinatários) ou presumidos (superdestinatários), para quem e com quem, o locutor (emissor do enunciado), ao avaliar o auditório social e o horizonte social<sup>8</sup>, intercala posições ao construir um enunciado.

- Enunciado<sup>9</sup>: pois cada enunciado é gerado para enunciados anteriores e gerador de enunciados posteriores.

Ou seja, todo enunciado é uma réplica, pois a enunciação é uma reação ao que lhe fora

---

<sup>8</sup> Os termos *horizonte social* e *auditório social* estão presentes na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. O termo *horizonte social* se refere ao que está definido e estabelecido, sendo responsável pela criação ideológica de determinado grupo social, bem como da época em que se encontra. Já o termo *auditório social* está ligado ao universo interior e reflexivo de cada indivíduo, onde são elaboradas deduções, motivações, apreciações. Assim, de acordo com Bakhtin/ Voloshinov (2008) quanto mais “aculturado” for o indivíduo, mais seu “auditório social” se aproximará do “auditório médio” da criação ideológica. Baseados nesses conceitos, os autores afirmam que é a partir da avaliação que o locutor sobre esses aspectos que o enunciado é, então, socialmente dirigido, determinado, primeiramente, pelo contexto imediato e pelos participantes do ato de fala. Tais participantes, juntamente com a situação, serão os responsáveis pela “forma” e pelo “estilo” da enunciação.

<sup>9</sup> Talvez isso fique melhor entendido em Faraco (2009) quando ele elucida três dimensões do enunciado segundo o pensamento círculobakhtiniano:

a) **Todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”**. Nesse sentido, todo enunciado é uma réplica, ou seja, não se constitui fora daquilo que chamamos hoje de memória discursiva.

b) **Todo dizer é orientado para a resposta**. Nesse sentido, todo enunciado espera uma réplica e-mais – não pode esquivar-se à influência profunda da resposta antecipada. Neste sentido, possíveis réplicas de outrem, no contexto da consciência socioaxiológica, têm papel constitutivo, condicionante, do dizer, do enunciado. Assim, é intrínseco ao enunciado o receptor presumido qualquer que seja ele: o receptor empírico entendido em sua heterogeneidade verbo-axiológica, o auditório social, ou o superdestinatário.

c) **Todo dizer é internamente dialogizado**: é heterogêneo, é uma articulação de múltiplas vozes sociais (no sentido em que hoje dizemos ser todo discurso heterogeneamente constituído), é o ponto de confronto dessas múltiplas vozes. Essa dialogização interna será ou não claramente mostrada, Isto é, o dizer alheio será ou não destacado como tal no enunciado – ou, para usar a figura recorrente em Bakhtin, será aspeado ou não, em escalas infinitas de graus de alteridade ou assimilação da palavra alheia. (FARACO, 2009, p.58)

dito antes, e ele irá repetir, silenciar, modular, ou transformar essa linguagem segunda a reação para quem ele se refere. De acordo com as palavras de Bakhtin (2006, p.379): “eu vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada)”.

Para exemplificar o parágrafo acima, volto ao episódio do primeiro encontro entre o piloto e a criança que ele nomeia de Pequeno Príncipe, o terceiro capítulo da obra. Como mencionado previamente, o encontro ocorreu por acidente, quando a criança apareceu no meio do deserto pedindo um desenho de um carneiro. Porque estava curioso sobre quem era aquela criança e o que ela fazia ali, o piloto, primeiramente, rabiscou o único desenho que sabia e que todos confundiam com chapéu. Quando o menino respondeu que não queria uma cobra engolindo um elefante, o piloto tentou desenhar o carneiro.

O primeiro, segundo a criança, estava doente, o segundo, era uma cabra; o terceiro estava velho demais. Quanto à caixa, ao olhar por um buraco nela, o Pequeno Príncipe constatou que era perfeito para seus parâmetros: ele realmente era um carneiro, jovem e saudável que dormia dentro da caixa. Ou seja, houve um jogo de ação e reação entre o piloto e o menino, no qual foram necessários três carneiros e uma caixa para que o carneiro adequado fosse encontrado.

Este relato pode remeter a noção de dialogismo discutida por Fiorin (2006). O autor atenta para o fato de que apesar do termo dialogismo ser referente ao vocábulo diálogo, e este último seja sinônimo de entendimento, solução de conflitos, busca de acordo, entre outros; o termo dialogismo não indica a ausência de atritos. Segundo os filósofos círculobakhtinianos, o dialogismo é uma arena de signos onde sentidos são disputados. A fim de que um sentido coadune, se transforme, discorde, recuse, prevaleça sobre o outro, ou até mesmo faça com que o outro deixe de existir.

Assim, a disputa pela ideologia dominante, como o próprio termo remete, não acontece de maneira igual para igual, pois nem todos tem o mesmo peso na arena. Este confronto envolve dimensões políticas, sociais, culturais, ideológicas e cada desses sentidos deseja ser marcar seu exercício de poder em sociedade constituída por uma hierarquia de diferentes classes sociais, idades, etnias, gêneros, orientações sexuais, crenças religiosas.

Com afirma Sobral (2009):

[...] não há sentido fora da diferença, da arena, do confronto, da interação dialógica, e assim como não há um discurso sem outros discursos, não há eu sem outro, nem outro sem eu. Em suma, a concepção dialógica sustenta que, antes mesmo de falar, o locutor altera, “modula”, sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a “imagem presumida” que cria de interlocutores

típicos, ou seja, representativos, do grupo a que se dirige. Esse modo de entender as relações dialógicas marca a concepção de interação do Círculo. (SOBRAL, 2009, p.39).

Sobral (2009) ainda afirma que, por considerar a voz do outro, o dialogismo admite posições sócio-ideológicas de, pelo menos, dois sujeitos. O que implica que, nesse encontro de vozes, há sempre um confronto, mesmo que nele não ocorra uma tentativa de monologização. Quanto à monologização, o termo se refere à intenção de fazer com que haja uma voz dominante, repressora, que cale outras vozes no intuito de parecer ser única em um discurso.

Um exemplo do pensamento que o discurso apenas tende a ser monológico, pois de acordo com a teoria círculobakhtiniana, mesmo quando há a tentativa silenciar as vozes de um discurso, elas sempre encontrarão outra maneira de ecoar, relacionado à obra *O Pequeno Príncipe*, pode se apresentar no episódio da picada da serpente. Após a saga de um ano na Terra, o menino está saudoso de seu minúsculo planeta e de sua rosa, e acaba por ceder à proposta da serpente que o levará de volta ao céu. A picada acontece ao mesmo tempo em que o piloto consegue consertar seu avião. Ao ver o menino desfalecer-se, o piloto fica desconsolado, pois depois de oito dias no deserto, ele sentirá falta do som da risada do príncipezinho. O menino consola o piloto dizendo que por não saber de que planeta ele veio, ao ver as estrelas, o piloto pensará que todas elas ecoam a gargalhada do garoto.

Assim, é possível perceber que, em qualquer relação social, existe a presença do outro. Desde o pensar alto, escrever um texto acadêmico ou uma obra literária infantil. Existe sempre uma conexão dos enunciados com enunciados anteriores e uma antecipação de enunciados posteriores, mesmo quando, aparentemente, essas construções enunciativas não tenham relação entre si.

Esta rede de interação social na qual objetos materiais, desenhos, sons, cheiros e sabores são transformado em palavras que refletem, refratam, modulam e transformam ideologias é denominada, no pensamento círculobakhtiniano, de dialogismo. É a partir desse princípio que é fundada a maneira de estudar a linguagem sob a perspectiva círculobakhtiniana, a Translinguística, que é discutida na próxima subseção.

#### 1.4 QUE QUER DIZER “TRANSLINGUÍSTICA”?

*Metalinguística*<sup>10</sup>, ou *Translinguística*<sup>11</sup>, ou *Análise Dialógica do Discurso*<sup>12</sup> é a teoria-metodológica postulada pelos filósofos do Círculo de Bakhtin. Mostrou-se que o Círculo consistia em um grupo de estudiosos multidisciplinares, políticos, transgressores e indisciplinados. Mas quanto disso é refletido e refratado nos estudos sobre a linguagem produzidos por eles?

É costumeiro dizer que o grupo de filósofos russos não deixou uma sistemática de estudos conceituais e hierarquizados para que indicassem um percurso para análise do discurso, o que não é correto, como é visto na análise deste estudo. De todo modo, como maneira ilustrativa das semelhanças entre a LA contemporânea e os estudos propostos pelo Círculo de Bakhtin utilizo a enumeração de Fabrício (2006) sobre as inquietações referentes ao pesquisador de linguagem:

- 1) se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva;
- 2) nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social; e
- 3) há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de produção de sentidos (FABRÍCIO, 2006, p.48).

Estas premissas também resumem a teoria metodológica de análise da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, como pode ser visto no estudo das obras círculobakhtiniana que analisa a ideologia marxista e a escrita de Dostoiévski.

Em uma das obras mais lidas do Círculo, *Marxismo e filosofia da linguagem*<sup>13</sup>, é apontada a ineficiência dos estudos sobre a linguagem vigentes na época (linguística e

---

<sup>10</sup>Metalinguística é o nome dado por Bakhtin em Problemas da Obra de Dostoiévski para sua perspectiva sobre a linguagem.

<sup>11</sup>Em uma das primeiras divulgações da obra círculobakhtiniana no Ocidente, Julia Kristeva chamou a ciência de estudo da linguagem proposta pelos membros do Círculo de Translinguística. Mas Faraco (2009) destaca que o termo translínguística é também usado para não causar confusão com a outra acepção possível da palavra “metalinguística”: a linguagem usada para falar da linguagem. Assim, nesse trabalho é adotado o termo *Translinguística*.

<sup>12</sup>O nome como é mencionado por intelectuais brasileiros que estudam a obra do Círculo de Bakhtin como Beth Brait e Carlos Alberto Faraco.

<sup>13</sup>A obra, como mencionada anteriormente, é assinada por Voloshínov, no entanto, a edição utilizada aqui é de 2009, que traz Bakhtin e Voloshínov como autores. Aceito a autoria de Voloshínov, mas por caráter normativo, as citações estão relacionadas à Bakhtin/Voloshínov, 2009.

estilística) para fazer uma análise contundente sobre a linguagem viva e em ação. Mas é na obra produzida por Bakhtin sobre a escrita de Dostoiévski que há a proposta para uma nova abordagem linguística, como afirma o tradutor e estudioso da obra círculobakhtiniana Paulo Bezerra, no prefácio da terceira edição brasileira do livro:

[...] no livro sobre Dostoiévski a metalinguística já se esboça como método de análise do discurso e hipótese de uma futura síntese da filologia com a filosofia, que Bakhtin imaginava como uma disciplina humana nova e específica capaz de reunir em contiguidade a linguística, a filosofia, a antropologia e a teoria da literatura. [grifos meus] (BEZERRA, 2008, p. X.).

*Marxismo e Filosofia da Linguagem* traz a análise sobre como a *ideologia* é estruturada através da linguagem. Na obra em questão, o horizonte da teoria marxista é utilizado para construir suas premissas, quando o marxismo era a abordagem política que vigorava no espaço histórico-sociocultural da época. O que já arremata a primeira premissa proposta por Fabrício (2006, p.48), o estudo da linguagem inserida num contexto histórico-sociocultural do qual ela parte constituinte e constitutiva.

Devido às variadas concepções de ideologia, se faz contundente explicar o significado disso segundo a perspectiva dos filósofos russos que pertenciam ao Círculo de Bakhtin. De acordo com o estudioso da obra círculobakhtiniana, Faraco (2009), o adjetivo ideológico aparece como equivalente a axiológico, valorativo. Assim, o ideológico pode significar desde as diversas áreas da atividade intelectual humana, que abrangem um grande universo: a arte, a filosofia, a ciência, a religião, a ética, a política,... e/ou um posicionamento social valorativo; e adota os diferentes tipos de linguagem: o diálogo cotidiano, o culto religioso, a escrita acadêmica, a música, os romances literários, a pintura, os jornais, a fotografia, etc.

Assim, para os filósofos russos que estudavam a linguagem, não existem enunciados se não os ideológicos. Está compreensão da linguagem coaduna com a segunda premissa de Fabrício (2006, p.48), que afirma: “nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social”.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* há um estudo sobre como são construídas, mantidas, modificadas, ou até mesmo anuladas, as ideologias dentro do conjunto de *relações sociais* registradas na materialidade sígnica verbal oral e/ou escrita.

---

A partir da crítica feita às correntes estilísticas e linguísticas vigentes naquela época, Bakhtin/Voloshínov (2009) afirmam que o significado do signo verbal está na contingência da relação entre os elementos linguísticos, extralinguísticos na qual os *sujeitos* sociais agem ativamente.

É válido ressaltar aqui que o sujeito, de acordo com o pensamento círculobakhtiniano, não é um mero indivíduo assujeitado refletor de ideologias. Ele é usuário de um sistema sógnico anterior a si, mas não está encerrado na dicotomia entre significante e significado. Ele constrói e é construído por uma realidade, agindo dentro das fronteiras previstas pelas vigências sociais, históricas, políticas e ideológicas de sua época, mas traz consigo certa autonomia para rompê-las.

Como o sujeito compreendido pela LA contemporânea, o sujeito círculobakhtiniano é considerado com suas marcas psicológicas pessoais interiores e com as marcas históricas socioculturais exteriores, ou seja, é o sujeito real, situado e concreto. É o sujeito comum que ganha vida através da expressão da linguagem.

A noção de Translinguística, como já mencionado, nasce na reedição da obra sobre a escrita de Dostoiévski<sup>14</sup>, quando a orientação sociológica dos estudos da linguagem, muda para a análise das relações dialógicas da linguagem o que quer dizer que a ideologia marxista não é imprescindível para orientar os estudos linguísticos, como é confirmado abaixo nos grifos do próprio autor:

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2008, p. 209).

---

<sup>14</sup> Comentários sobre edição e a reedição da obra sobre a escrita de Dostoiévski estão no próximo capítulo.

Ao propor a análise das relações dialógicas, Bakhtin (2008) não suprime a orientação filosófica marxista presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e na primeira versão do livro sobre Dostoiévski, tampouco as teorias linguísticas vigentes na época, ele apenas reorienta suas reflexões sobre a linguagem de maneira mais ampla.

Assim, a Translinguística, conforme Bakhtin (2008), estuda o mesmo objeto da Linguística Clássica, mas de uma forma mais abrangente. Ou seja, a Translinguística estuda o discurso, mas não apenas a ligação entre significantes e significados, de maneira que o valor inter-relacional da linguagem seja esquecido. A Translinguística se ocupa em analisar as relações dialógicas entre enunciados, isto é, a língua em funcionamento, como comprovam as afirmações do filósofo:

Intitulamos este capítulo de "O discurso em Dostoiévski" porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária a alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo, as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subtendendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da Linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem aplicar os seus resultados. A Linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência temos. (BAKHTIN, 2008, 207)

O pensamento círculobakhtiniano utiliza-se dos estudos das escolas linguísticas clássicas para chegar às relações dialógicas, base dos estudos translinguísticos. No entanto, enquanto de acordo com o pensamento linguístico-tradicional, os enunciados podem ser analisados como formas estanques fora de seu contexto de enunciação, os enunciados, de acordo com filósofos círculobakhtinianos, são unidades singulares e irrepetíveis da interação social real, em um dado contexto no qual estão disponíveis diferentes matérias naturais e tecnológicas.

A este propósito não se pode esquecer de mencionar a terceira premissa de Fabrício (2006, p.48) para os estudos da linguagem: “há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de produção de sentidos”. Corroborada pelo pensamento círculobakhtiniano conforme o grifo abaixo:

Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como cor, movimento de corpo ou outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. (Bakhtin/Voloshínov, 2009, p.33).

Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem não ocorre apenas de maneira verbal, mas pluri-semiótica. Além de serem estudiosos da linguagem, Bakhtin, Voloshínov e Medvedev eram filósofos, e assim, eles abordavam, também, os aspectos éticos da linguagem. Relativo às relações dialógicas, todo enunciado, todo discurso, é uma resposta a um outro enunciado, a um outro discurso, e tal resposta deve apenas ocorrer de maneira ética, deve ser uma resposta responsável. Como confirmam as palavras do filósofo da linguagem:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo, aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de outra esfera da comunicação discursiva [...] O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto fora quanto dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKHTIN 2011, p. 297-300)

Isto é também corroborado em um dos seus primeiros textos de Bakhtin, o chamado *Para a Filosofia do Ato Responsável*, Bakhtin (2010b) arrazoa sobre os prejuízos na separação arte-vida-ciência, entre mundo sensível e mundo inteligível, entre conteúdo e processo, em que incorrem tantas filosofias. Essa dissociação cinde o agir concreto dos sujeitos da reflexão teórica sobre o agir dos sujeitos.

Conforme o exposto, os filósofos círculobakhtinianos se inscrevem nas três premissas de Fabrício (2006) no que se refere às inquietações do pesquisador em LA contemporaneamente. E a Translinguística possui as características indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), ou transgressiva (PENICOOK, 2006) assim como política, ética e crítica (RAJAGOPALAN 2003, 2006).

Desta forma é visto que a Translinguística, como a LA contemporânea, é uma disciplina que tem o propósito de estudar o uso real da linguagem, estando atenta à natureza social de seu objeto de estudo e às tensões que a ele se articulam. Esta ciência também assume a responsabilidade político-social sobre a sua pesquisa. Além disso, a Translinguística é intervencionista, pois, de acordo com sua perspectiva de estudo, a linguagem é compreendida como uma prática social; assim, as análises referentes a ela devem propor melhorias

para essa prática.

Portanto, todo e qualquer enunciado é uma resposta a um enunciado anterior, seja silenciando-o, reiterando-o, ou modificando-o, e ele originará enunciados posteriores. E todo e qualquer enunciado pode ser manifestado através de diferentes semioses: verbo-orais, verbo-escritas, visuais, gestuais, sonoras, olfativas, palativas, táteis e suas correlações como, verbo-visual, tato-olfativas, etc.. Este caráter multi-semiótico da linguagem, tomando por base a teoria círculobakhtiniana compreende a próxima seção.

### 1.5 QUE QUER DIZER “LINGUAGEM VERBO-SENSORIAL”?

É inegável que a *linguagem verbal* foi eleita como objeto de estudo mais recorrente na obra círculobakhtiniana. Tal fato encontra-se explicado em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, devido por dois fatores principais:

#### 1. A linguagem verbal está presente em todas as relações sociais:

As características da palavra enquanto signo ideológico [...] fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. [...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, [...]. (BAKHIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 42).

2. Segundo os filósofos círculobakhtinianos, a linguagem verbal apresenta neutralidade em relação ao calçamento de qualquer ideologia. Para eles, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p.36), ela não existe no mundo, se não para expressar axiologias do mundo no qual existe.

No pensamento círculobakhtiniano, o termo ideologia é usado, em geral, para designar o universo dos produtos do espírito humano (FARACO, 2009, p.46). Assim, o conceito abrange um grande universo: a arte, a filosofia, a ciência, religião, ética, política, acadêmicos e tudo mais que expressar valores axiológicos.

Em termos dicionarizados, etimologicamente a palavra *ideologia* – vem de “ideia”, do grego *idea*, significando literalmente “forma, aparência”. De *idein*, “ver”, mais *logos*, “tratado, discurso, estudo”. A ideologia reclama uma materialização, algo que lhe dê corpo, forma, som, cheiro e movimento encarnados em enunciados produzidos por sujeitos históricos socioculturais em um terreno interindividual.

A teoria proposta pelos filósofos círculobakhtinianos está de acordo com essa definição. Essa informação, inclusive, é corroborada logo no primeiro capítulo da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, quando é defendido que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p.31). Em outros termos: tudo o que se passa no mundo do inteligível pode ser refletido e refrado no mundo do sensível.

Ainda de acordo com o que está exposto nessa obra: “[...] única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas 'imanescentes' consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como filosofia do signo ideológico [...]” (BAKHTIN/ VOLOSHÍNOV, 2009, p.39).

Assim, o que eles analisam não é a conexão de fonemas e morfemas, mas a ideologia que está contida no material linguístico (o signo verbal) e o material extralinguístico (a relação entre sujeitos sociais, contextos histórico-sociocultural e enunciados). Logo, as escolas linguísticas vigentes naquela época não apresentavam o mesmo potencial analítico para abordar tais elementos em seus estudos.

O extralinguístico ao qual eles se referem exemplificado no quarto capítulo de *O Pequeno Príncipe*. Quando o piloto começa a ter alguma ideia sobre o local do qual o menino se origina. O piloto afirma ter fortes indícios de que o menino era provindo de um asteroide chamado B 612. Segundo o piloto-narrador, este astro só fora visto uma vez, em 1909, por um astrônomo turco. Mas ninguém deu crédito ao achado do astrônomo, devido às roupas que ele usava. Assim, o esteroide só teve aceitação da comunidade científica quando, sob punição de morte para quem o desobedecesse, um ditador turco obrigou seu povo a vestir-se à moda europeia. De modo que, quando o astrônomo repetiu a mesma demonstração em 1920, vestido conforme as regras, todo o mundo foi convencido.

Desse modo, apesar do auditório social e de o horizonte social de locutores e interlocutores ser relativamente similar e do discurso ter ocorrido em um local físico semelhante, um auditório científico, o locutor foi desacreditado pelo material extralinguístico, no caso, que se referia à linguagem visual; as roupas que o astrônomo turco usava acusavam algo diferente daquilo com o qual os cientistas europeus estavam acostumados. E, percebendo o motivo, na ocasião posterior, o signo ideológico representado não pela língua, não pelo conteúdo do discurso, mas pelas vestimentas, foi atualizado para que as expectativas dos interlocutores fossem atendidas. Ou até pudesse ser que, no decorrer desses onze anos, mais cientistas turcos tivessem feito outras descobertas e a exposição contínua a esses trajes

culturais não causassem mais estranhamento na comunidade científica europeia. Como pode ser asseverado aqui:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/ VOLOSHÍNOV, 2009, p. 33).

Apesar de a palavra ser o material analisado com maior frequência, não são só a linguagem verbal ou outros materiais aliados com o verbal (como o verbo-visual, verbo-sonoro) os únicos materiais a comportar ideologias, como pode ser verificado no trecho a seguir: “Isso não significa, obviamente, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico”. (VOLOSHÍNOV/BAKHTIN, 2009, p. 38).

Os filósofos círculobakhtinianos estavam atentos para outras formas de linguagem e suas respectivas potencialidades sígnicas relativas à ideologia da época:

Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo, da simbolização do princípio de inércia e de necessidade na natureza (determinismo) por um determinado objeto único. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. O mesmo se dá com um instrumento de produção. Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. (BAKHTIN/ VOLOSHÍNOV, 2009, P. 31-32)

Aqui, percebe-se que mesmo sem palavras, a foice e o martelo no emblema da União Soviética, seja de maneira pictórica ou representada nos materiais de produção, refletem e refratam os agricultores e operários da revolução trabalhista.

A citação acima direciona a reflexão que não os filósofos do Círculo de Bakhtin não entendiam a palavra como o único signo ideológico no qual se dava a linguagem, mas, diante a variedade de objetos materializados em diversas semioses, no contexto histórico-sociocultural da União Soviética na época da Revolução Trabalhista e que poderiam ser utilizados para analisar a ideologia manifestada na linguagem, os filósofos círculobakhtinianos elegeram o signo verbal como objeto de estudo.

Pois, como supracitado, a palavra é um signo ideológico por excelência e está presente em todas as relações sociais, enquanto havia um problema postulado relativo aos outros tipos de material: existia a dificuldade de diferenciar um objeto físico de um produto ideológico (signo), mas foi inferido que é preciso o caráter inter-relacional para ser signo. Pode se dizer assim, por exemplo, que um desenho seja uma cobra engolindo só deixa de ser um chapéu quando alguém mais além do desenhista lhe afere esse valor.

Outro exemplo da materialização sígnica em outras corporeidades além da palavra, ainda em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, é encontrado na afirmação:

Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como cor, movimento de corpo ou outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passvel de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p.33).

Assim, além da linguagem verbal, outras maneiras de exprimir o valor de um contexto histórico-sociocultural estão em *uma cor, movimento de corpo ou qualquer outra coisa*. O que engloba as maneiras que percebemos e apreendemos o mundo, os sentidos sensoriais. Tudo o que pode ser visto, ouvido, sentido, provado pode ser usado para refletir e refratar significados em uma materialidade. Logo,  passvel de análise.

Aliás, de acordo com os filósofos da linguagem, não são a linguagem verbal não é a única a servir como material sgnico, como os sujeitos *precisam* de outras formas de linguagem para significarem e serem significado pelo mundo:

Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais,  inteiramente substituível por palavras.  impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação pictórica. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano. Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grosseiros. Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p.38)

As aventuras de *O Pequeno Príncipe* por entre os planetas até chegar na Terra, são tiveram início, segundo o menino, porque ele substituiu a beleza e o perfume de uma rosa, por suas palavras:

“Não a devia ter escutado” - confessou-me um dia – “não se deve nunca escutar as flores. Basta olhá-las, aspirar o perfume. A minha embalsamava o planeta, mas eu não me contentava com isso. A tal história das garras, que tanto me agastara, me

devia ter enternecido...”.

Confessou-me ainda:

"Não soube compreender coisa alguma! Devia tê-la julgado pelos atos, não pelas palavras. Ela me perfumava, me iluminava... Não devia jamais ter fugido. Devia ter-lhe adivinhado a ternura sob os seus pobres ardis. São tão contraditórias as flores! Mas eu era jovem demais para saber amar."(SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP VIII)

Sabe-se, contudo, que os signos ideológicos não são avaliados apenas pela sua forma, pela sua apresentação, mas pelo seu conteúdo, a ideologia que eles refletem e refratam. Assim, indo de encontro com o que diz Shakespeare em *Romeu e Julieta*, talvez uma rosa tivesse outro cheiro se ela tivesse outro nome, pois, como os valores sobre uma ideologia são moldados conforme a vivência em um determinado contexto histórico-sociocultural (e vice-versa), fica subentendido que uma rosa não é uma *rose*, pois as experiências em torno de uma flor cultivada em solo brasileiro são diferentes daquela que foi cultivada em solo estadunidense. Seria um texto diferente e, desta forma, ocasionaria diversas leituras.

Uma marca da amplitude do conceito de texto, segundo a perspectiva círculobakhtiniana, está em *Estética da Criação Verbal*. Ao falar sobre “o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2011, p. 307), Bakhtin amplia claramente a dimensão textual para não apenas os substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, advérbios, artigos e etc., falados ou escritos, mas também outras formas de linguagem, como cores, sons, movimentos, como vemos em pinturas, esculturas, fotografias, músicas, danças, filmes, etc.

Segundo a perspectiva círculobakhtiniana, a ideologia é algo que permeia todos os âmbitos das relações humanas, e não há objeto físico - dentro os quais estão fenômenos naturais, artigos de consumo e materiais tecnológicos – com o quais o sujeito possa ter contato e, conseqüentemente, não possa transpassá-los por valores e assim transformá-los em signo ideológicos, ou seja, uma matéria que contenha o espírito de um contexto histórico-sociocultural. E mesmo que esse signo se insira no âmbito mais subjetivo como uma obra de arte, por exemplo, ele necessita do outro.

A presença do outro na obra de arte é visto, mais uma vez, em *Estética da Criação Verbal*, quando a obra traz o conceito de texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos e como esses signos passam do inteligível para o sensível:

Encontramos autor (percebemos, compreendemos, sentimos, temos a sensação dele) em qualquer obra de arte. Por exemplo, em uma obra de pintura sempre sentimos o seu autor (o pintor), contudo nunca o vemos da maneira como vemos as imagens por ele representadas. Nós o sentimos em tudo como um princípio representador puro (o sujeito representador) mas não como imagem representada (visível). Também no autorretrato não vemos, é claro, o autor que o representa mas tão-somente a representação do pintor. Em termos rigorosos, a imagem do autor é um contradictio

in adjecto. A chamada imagem de autor é, na verdade, uma imagem de tipo especial, diferente de outras imagens da obra, mas é uma imagem e esta tem o seu autor que a criou. (BAKHTIN, 2011, p. 314, grifos do autor)

Na mesma obra, vemos a amplitude sobre o que Bakhtin compreende como atividade estética, que abrange desde o exercício comum da interação informal entre amigos a uma análise acadêmica. E essa atividade só ocorre a partir do momento que apreendemos as situações de maneira que aferimos valores plásticos e picturais. Como está exposto nas próprias palavras do filósofo:

O corpo do outro é um corpo exterior a mim, cujo valor eu realizo de modo intuitivo-manifesto e que me é dado imediatamente. O corpo exterior está unificado e enformado por categorias cognitivas, éticas e estéticas, por um conjunto de elementos visuais externos e táteis que neles são valores plásticos e picturais. Minhas relações volitivo-emocionais ao corpo do outro são imediatas. (BAKHTIN, 2011, p.47)

Assim, no momento de analisar, para apreender um texto, independente da matéria que ele seja feito, tenho que fazer parte dele, e voltar a mim, pois a composição de ideologias nunca ocorre de maneira unidirecional, ou seja, de acordo com a perspectiva círculobakhtiniana, da mesma forma que sujeitos sociais são alterados por ideologias, eles têm a potencialidade de alterá-las.

De acordo com o exposto sobre a obra do Círculo de Bakhtin, percebe-se que a linguagem verbal não é contentora única da materialização da ideologia. Existe um mundo de materiais semióticos que podem produzir signos visuais, sonoros, táteis e palatáveis. Mas nem uma fotografia, um desenho, um som, uma textura ou um cheiro nunca serão a realidade que eles representam, pois eles apenas refletem e refratam uma realidade exterior a si.

O capítulo quatro de *O Pequeno Príncipe* pode ser uma ilustração análoga do parágrafo anterior, episódio no qual o piloto e narrador da história diz que o livro é uma tentativa de descrever por palavras e desenhos o amigo que ele conheceu no deserto, por meio de apreender aquela realidade como é visto melhor abaixo:

Faz já seis anos que meu amigo se foi com seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é justamente porque não o quero esquecer. É triste esquecer um amigo. Nem todo o mundo tem amigo. E eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números. Foi por causa disso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis também. É duro pôr-se a desenhar na minha idade, quando nunca se fez outra tentativa além das jibóias fechadas e abertas dos longínquos seis anos! Experimentarei, é claro, fazer os retratos mais parecidos que puder. Mas não tenho muita esperança de conseguir. Um desenho parece passável; outro, já é inteiramente diverso. Engano-me também no tamanho. Ora o príncipezinho está muito grande, ora pequeno demais. Hesito também quanto à cor do seu traje. Vou arriscando então,

aqui e ali. Enganar-me-ei provavelmente em detalhes dos mais importantes.  
(SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP IV)

De acordo com a perspectiva dialógica, todo enunciado é direcionado a um outro enunciado e antecipará outros. Sendo assim, um signo nunca vai ser uma única forma de representar uma realidade fora de si. E, de acordo com a percepção ampla de enunciado segundo a perspectiva círculobakhtiniana, um signo inscrito em uma linguagem pode ser transposto para um signo em outra linguagem. A linguagem verbal apresentada de maneira escrita, por exemplo, pode ser transmutada em linguagem verbo-sonoro-visual. Essa transposição entre diferentes modalidades semióticas acontece recorrentemente no caso da transposição de obras literárias para as telas de cinema, por exemplo.

Está inferido, então, que, de acordo com a perspectiva dialógica da linguagem, existe a abordagem de uma linguagem verbal (oral e escrita), mas os estudos círculobakhtinianos de forma alguma excluem as linguagens que são materializadas nas formas visual, sonora, olfativa, palatável, tátil e suas correlações (verbo-sonora, verbo-visual, verbo-sonora-visual, tato-olfativa, visual-olfativa, etc). Para abranger todas essas variações semióticas que reproduzem a ideologia cotidiana através de signos, ela será referida aqui como *linguagem verbo-sensorial*.

Como a linguagem-sensorial compõe diferentes enunciados e, segundo a perspectiva dos filósofos do Círculo de Bakhtin, todo enunciado é dialógico, isso significa que os enunciados estão envoltos em um campo de tensões de um determinado contexto histórico-socioculturais, e estes são considerados como parte integrante do enunciado, “pois só no enunciado e através do enunciado [...] o significado chega à relação com o conceito ou imagem artística ou com a realidade concreta”. (BAKHTIN, 2011, p. 324). Assim, a apreensão dos sentidos articulados pelo material verbo-sensorial também deve estar em conformidade com estas interações.

Devido à análise ocorrer conforme os preceitos requeridos pela Translinguística, as relações dialógicas são a categoria fundamental para análise do material verbo-sensorial. Isso significa que, do material verbo-sensorial selecionado como objeto de estudo, são as marcas das relações dialógicas que ocorrem em forma de conceitos e categorias que estão propensos à análise.

Conforme assinala Bakhtin (2008), as *relações dialógicas* são o objeto de estudo da Translinguística. Ou seja, o que é analisado na pesquisa Translinguística são as marcas que o princípio constitutivo da linguagem, o *dialogismo*, deixa em forma de conceitos e categorias como os que serão abordados no segundo capítulo: *estilo, gêneros discursivos*, relação entre

*locutor, herói e interlocutor, enunciado concreto, responsividade, contrapalavra, entonação e compreensão ativa responsiva.*



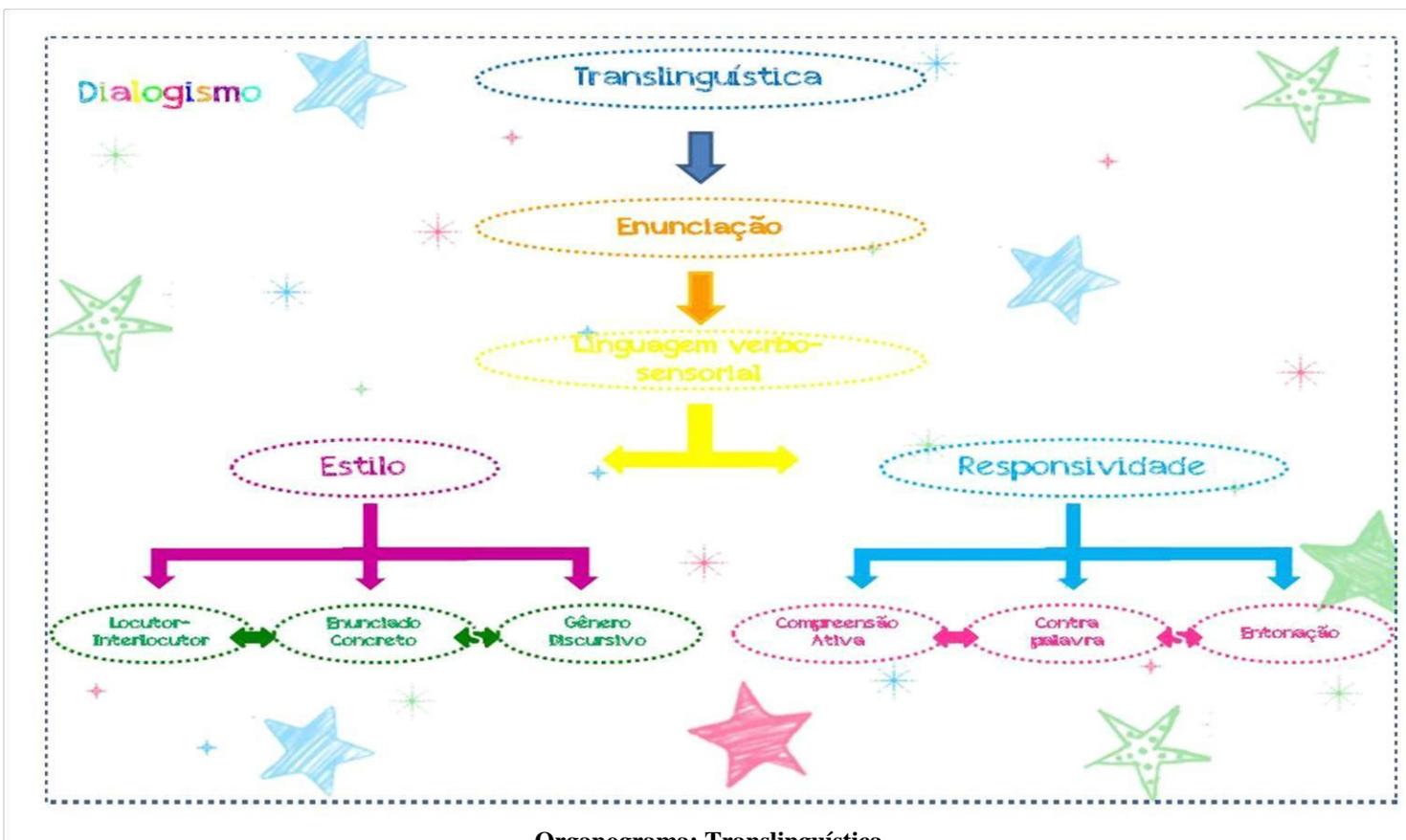
*A Jornada*

## CAPÍTULO II: A JORNADA

*Ele se achava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329, 330. Começou, então, a visitá-los, para desta forma, ter uma atividade e se instruir. (SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP X)*

No primeiro capítulo, localizam-se informações sobre o universo dialógico do Círculo de Bakhtin e a Translinguística - a ciência na qual os adeptos do dialogismo desbravam a linguagem verbo-sensorial. Neste capítulo, por sua vez, são exploradas das algumas obras do Círculo de Bakhtin em sua ordem cronológica e nelas investigadas as categorias e os conceitos círculobakhtinianos que dão o viés a análise do corpus.

Conforme exposto na introdução, o objetivo geral o estilo e a responsividade na campanha #BrasilNaDefesaDaInfancia, da *Childhood Brasil*. Assim, os conceitos e categorias círculobakhtinianos pertinentes para esta empreitada são: 1. *Estilo*, na ordem macro, e *gêneros discursivos*, *enunciado concreto* e *locutor-herói-interlocutor* na ordem micro; 2. *Responsividade*, na ordem macro, e *compreensão ativa responsiva*, *contrapalavra* e *entonação* na ordem micro. Conforme é mostrado no gráfico abaixo:



Organograma: Translinguística

Fonte: Própria

Lembrando, mais uma vez, que a Translinguística se trata de uma teoria dinâmica embasada no grande e eterno diálogo entre signos, enunciações, sujeitos, contexto histórico-sociocultural, etc.. Assim, como mostra o gráfico acima, os conceitos e as categorias são vazados, pois constantemente permeados por outros conceitos, categorias, contextos, sujeitos sociais, etc.. Outra coisa que é válido destacar é que as relações e as modulações das amplitudes dos conceitos e categorias apresentadas no organograma ilustrativo não são as únicas possíveis. Mas o organograma foi feito com o intuito ilustrativo pedagógico e facilitador do entendimento da teoria.

O estudo produzido por Bakhtin, Voloshínov e Medvedev, como um todo, é constituído de livros, artigos e manuscritos – alguns foram publicados pelos seus respectivos autores, outros têm publicação póstuma, alguns dos escritos publicados não foram revisados por seus ou nem estão concluídos. Assim, no intuito de deixar a exploração desta bibliografia mais didática para pesquisadores não iniciados na teoria do Círculo, os conceitos e as categorias elencados para a análise serão explorados em uma obra, e as obras escolhidas são aqui apresentadas de acordo com a sua ordem cronológica de produção. Cada obra também trará uma definição do que se trata como um todo.

A seguir, a jornada pelas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), *Problemas da Obra de Dostoiévski* (POD), *Questões de Literatura e Estética* (QLE), *Estética da Criação Verbal* (ECV), na questão do estilo. E *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (PUFAR), novamente *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL) e *Questões de Estilo no Ensino de Língua* (QEEL) no âmbito da responsividade.

## 2.1 ESTILO EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM (MFL – 1929) – O MÉTODO SOCIOLÓGICO DE ABORDAGEM DA LINGUAGEM

*Marxismo e filosofia da linguagem* (doravante MFL) é uma das obras círculobakhtinianas que abordam a questão do estilo<sup>15</sup>. A tese de V. N. Voloshínov foi escrita na cidade conhecida atualmente como São Petersburgo, entre 1929-1930. A edição desta obra

---

<sup>15</sup> A estudiosa da obra do Círculo de Bakhtin, Beth Brait (2012), afirma que o conceito de estilo no Círculo de Bakhtin é aprimorado e refinado por entre as obras produzidas por eles. Assim, além de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, outras obras que abordam a questão do estilo são *O Discurso da Vida e Discurso na arte*, *Estética da Criação Verbal*, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, *Questões de Literatura E Estética: a teoria do Romance*, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

utilizada na discussão bibliográfica traz Bakhtin e Voloshínov como autores. Assim, por questões acadêmicas normativas, utilizo os autores referidos à edição.

Em MFL, Bakhtin/Voloshínov (2009) fazem considerações sobre as duas correntes filosófico-linguísticas, contemporâneas: *subjetivismo individualista*, representada por Wilhelm Humboldt, Benedetto Croce, Karl Vossler e Leo Spitzer, e *objetivismo abstrato*, representada por Ferdinand Saussure e Charles Bally. Conclui que ambas são ineficientes no que concerne aos estudos da linguagem, propondo, assim, um método sociológico.

É difícil traçar uma linha temporal dos estudos da linguagem. Se pensarmos em estilística como a disciplina que se ocupa dos efeitos produzidos pela manipulação da linguagem em num dado contexto e para um determinado fim, os estudos desta área são, na verdade, muito mais antigos do que as duas linhas propostas por Voloshínov, Bakhtin e Medvedev. Estudos sobre o assunto remontam desde a época de Aristóteles, por exemplo, que via no estilo a melhor forma de adornar o pensamento. Assim, Voloshínov prefere dividir esses estudos em duas correntes filosófico-linguísticas: subjetivismo individualista e objetivismo abstrato.

Bakhtin/Voloshínov (2009) iniciam suas apreciações reconhecendo Wilhelm Humboldt como o sendo um dos nomes mais notórios do subjetivismo individualista. Wilhelm Humboldt (1767-1835) é o linguista alemão que, por volta de 1819, desenvolveu apreciações nas quais defendia que a língua continha o espírito da nação e que, de qualquer lugar que se estivesse, seria possível reconhecer a nacionalidade do indivíduo por meio da fala.

No pensamento humboldtiano, a língua é um plasma, um fluxo instável que traduz o espírito de um indivíduo. Assim, segundo a teoria deste linguista alemão, o ato de fala é uma maneira de emoldurar emoções e juízos de maneira única e irrepetível. É, contudo, possível observar traços semelhantes entre as enunciações e, desta forma, garantir a unidade e a compreensão de uma língua em uma dada comunidade. Humboldt formulou uma conjectura sobre a forma interna e externa da língua. Para ele, a forma externa da língua estava representada na matéria bruta, os sons que individualizavam os indivíduos; enquanto a forma interna significava a estrutura; a gramática que caracterizava as línguas.

Dentre os pensadores subjetivistas individualistas, Bakhtin/Voloshínov (2009) ressaltam, também, o historiador italiano, Benedetto Croce (1866-1952). Ele que, em meados de 1900, ao estudar a estética da literatura, se opôs à existência de uma rigidez gramatical à maneira dos críticos literários anteriores e lançou o princípio de autonomia e liberdade do indivíduo como forma de expressão artística.

Ainda no que diz respeito aos estudos nomeados de subjetivistas individualistas, Karl Vossler e Charles Bally são conhecidos como os pais da estilística. Mas antes de falar mais especificamente sobre essas duas distintas visões estilísticas, convém ressaltar como os estudos científicos referentes à estilística e à linguística se encontravam naquele período. Ou no caso, não se encontravam.

Em pleno final de século XIX, e os estudos da linguagem que remontam à época de Aristóteles, ou, quiçá, bem anterior ao filósofo grego, ainda não haviam ascendido ao caráter de ciência. Foi Ferdinand Saussure (1857-1913) que ascendeu a linguística ao estado de ciência, em pleno contexto científico do Positivismo, corrente científica que dá primazia às verificações experimentais, objetivas, matematicistas e mensurais. Desta forma, o pai da Linguística se dedicou, então, à implantação de um modelo metodológico capaz de imprimir, aos estudos linguísticos, o almejado rigor científico imprescindível à época.

Enquanto ministrava aulas na Universidade de Genebra, entre 1906 a 1911, Saussure delimitou o objeto e criou um corpo de doutrinas dicotômicas nos parâmetros ortodoxos das ciências positivistas, ou seja, dicotômicas e rígidas. Nesse método de estudo, a língua é entendida como um sistema de signos verbais à disposição dos sujeitos de um dado momento e de um determinado espaço.

Resumidamente, Saussure (1973) afirma que linguagem comporta tanto a língua (*langue*), quanto a fala (*parole*), a primeira tem caráter social e a segunda, individual. Assim, ele define o objeto de sua ciência, a *língua* e não a fala. A língua, por sua vez, é definida como um sistema de signos formados pela união da imagem acústica (*significante*) ao conceito (*significado*). Saussure enfatizou uma visão sincrônica, um estudo descritivo da linguística em contraste à visão diacrônica do estudo da linguística histórica, que é o estudo da mudança dos signos no eixo das sucessões históricas (através do tempo). Com tal visão sincrônica, o linguista procurou entender a estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento em um dado ponto do tempo (recorte sincrônico), para além do processo histórico-temporal de mudanças.

Embora não tenha mencionado Humboldt de maneira explícita, Saussure (1973, p. 29) se aproximou dos pensamentos do filósofo alemão quando afirma: “os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, em grande parte a língua que constitui a Nação”.

Mas, o linguista genebrino se distanciou do pensamento humboldtiano na medida em que defende que a língua independe do indivíduo para ser formada e desenvolvida, pois ela está depositada na mente de cada falante e, assim, qualquer alteração dos signos verbais decorre de

fatores no interior do próprio sistema e não da vontade individual. Ou seja, não há caráter individual na língua, apenas social.

Com base no legado de Saussure<sup>16</sup>, Bally inicia teorizações que preconizavam um estudo linguístico-afetivo. Como Saussure, Bally compreende que o indivíduo não cria linguagem, apenas utiliza o código linguístico que a comunidade lhe impõe. A diferença entre os dois estudos estava na questão que, segundo Bally, a função da *linguística* é estudar os elementos semânticos (intelectivos), quanto os componentes parasssemânticos (afetivos, emotivos), é sobre a guarda da *estilística*. Bally fundou, desta forma, a *estilística da língua*, a ciência que estuda o conteúdo emotivo da língua a partir das análises fônicas, sintáticas, mórficas e vocabular do sistema de signos verbais.

Na esteira oposta à corrente objetivista abstrata da estilística da língua, encontrava-se o linguista alemão, Karl Vossler (1872 - 1949). Ao invés de Saussure, ele teve como fontes de inspiração os subjetivistas individualistas Humboldt e Benedetto Croce (1866-1952), sendo este último um filósofo italiano de quem era amigo.

Como Humboldt, Vossler acentua os aspectos individuais e criativos da competência linguística humana. Ele também afirmava que o indivíduo é capaz de modificar conscientemente sua língua, e, desta forma, havia alguns falantes mais qualificados para mudá-la esteticamente do que outros. Influenciado pelos princípios idealistas de Benedetto Croce, Vossler então defendeu que a evolução de uma língua reflete as transformações internas da sociedade que a usa. Vossler funda assim a *estilística da fala*.

Para completar o bojo dos estudos subjetivistas individualistas, há, ainda, a *estilística da literatura*, relacionada ao austríaco Leo Spitzer (1887-1960). O estudioso mencionado embasou seus estudos na análise dos neologismos de Rabelais<sup>17</sup> em *Gargantua*.

---

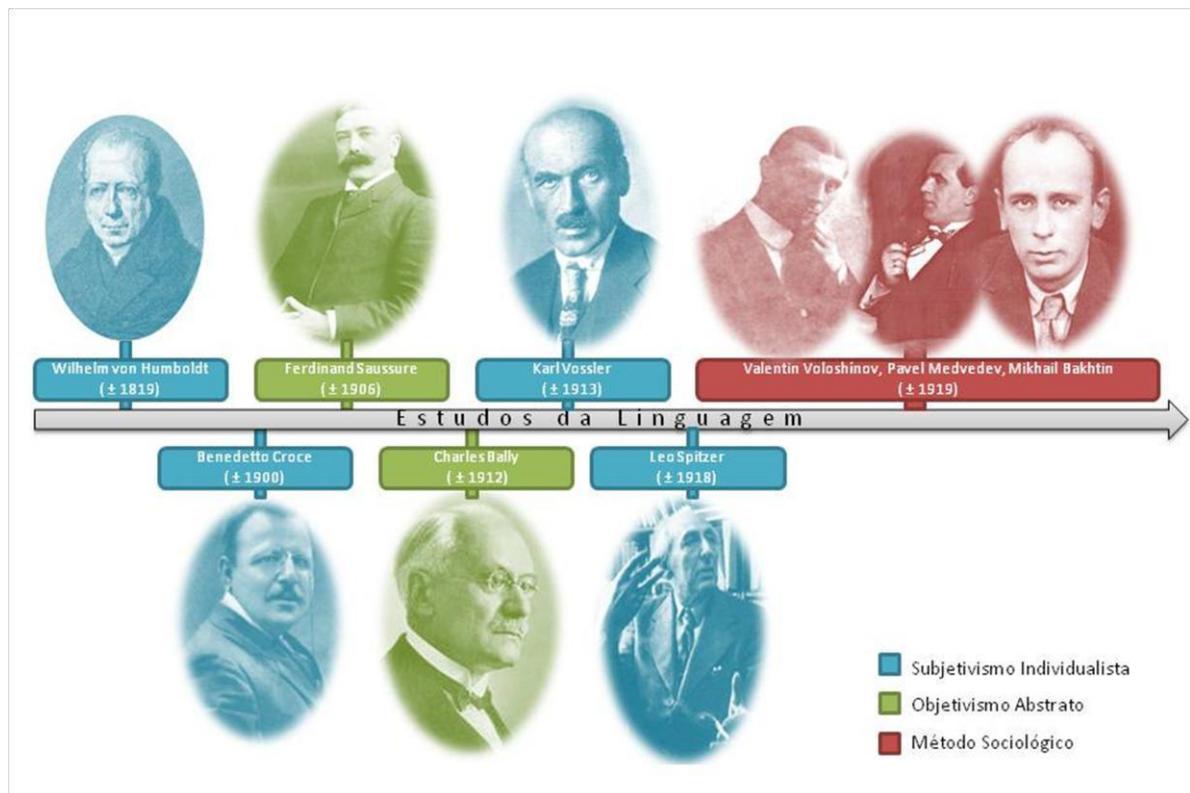
<sup>16</sup> O legado de Saussure ficou conhecido através de *Curso de linguística Geral*, a obra que inaugurou a linguística moderna como ciência propriamente dita. A obra publicada em 1916 é uma compilação cuidadosa dos pensamentos saussurianos registrados através das anotações de alunos ao longo de seus cursos. Essas anotações foram recolhidas e compiladas por Albert Sechehaye (1870–1946) e Charles Bally (1865-1947).

<sup>17</sup> Rabelais também é analisado na obra de Bakhtin em *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*, a obra escrita na década de 1940, mas que teve sua primeira edição apenas em 1965. Apesar de Bakhtin nunca ter frequentado aulas de pós-graduação, esse texto foi apresentado ao Instituto de Literatura Mundial Gorki para obtenção do grau de doutor, objetivo que nunca foi alcançado. Pois, cientes que ele havia sido exilado, os membros da banca que o julgou o avaliaram diante o receio do exigente critério marxista imposto pelo governo soviético.

Em sua tese, Bakhtin contesta o espaço e a importância na história da literatura do escritor francês renascentista, François Rabelais, o filósofo bêbado. Bakhtin afirma: “não resta dúvida de que o lugar histórico que ele ocupa entre os criadores da nova literatura europeia está indiscutivelmente ao lado de Dante, Boccaccio, Shakespeare e Cervantes”, se destacando principalmente por ser um escritor democrático, na verdade “o mais democrático dos modernos mestres de literatura” (BAKHTIN, 2010a, p.4). Não obstante, na Rússia de seu tempo “ele seja o

Primeiramente, o linguista coaduna a sua teoria com a teoria freudiana do inconsciente<sup>18</sup>, e afirma que ele é o terreno fértil de onde o escritor aflorou e colheu seus neologismos. Posteriormente, ao descobrir as teorias de Croce e Vossler sobre criação individual e artística, Spitzer as incorpora ao seu estudo, criando a primeira ponte entre linguística e literatura.

Assim, o gráfico a seguir foi feito para tentar, ainda que muito sutilmente, esclarecer o complexo desenvolvimento dos estudos linguísticos à época de Mikhail Bakhtin, Valentin Voloshínov e Pavel Medvedev.



**Organograma2: Linha do tempo dos estudos filosófico-linguísticos em MFL**  
Fonte: Própria

Vê-se que, de acordo com Bakhtin/Voloshínov (2009), a corrente subjetivista individualista teve início com Humboldt, enquanto seus representantes sucessores como

---

menos popular, o menos estudado, o menos compreendido e estimado dos grandes escritores da literatura medieval” (BAKHTIN, 2010a, p.1)

<sup>18</sup> Em suma, segundo Papalia, Olds e Feldmana (2001), a perspectiva psicanalítica de Freud surgiu no início do século XX, distinguindo três níveis de consciência, na sua inicial divisão topográfica da mente:

- Consciente - diz respeito à capacidade de ter percepção dos sentimentos, pensamentos, lembranças e fantasias do momento;

- Pré-consciente - relaciona-se com os conteúdos que podem facilmente chegar à consciência; - Inconsciente - refere-se ao material não disponível à consciência ou ao escrutínio do indivíduo.

Croce, Vossler e Spitzer são praticamente da mesma época dos objetivistas abstratos, Saussure e Bally, e dos filósofos do Círculo de Bakhtin, que propunham um método sociológico de abordar a linguagem. Trata-se de três correntes contemporâneas com perspectivas diferentes sobre os estudos linguísticos, tentando chegar ao status de ciência<sup>19</sup>.

Sobre as críticas ao objetivismo abstrato, Bakhtin/Voloshínov (2009) censuram que aquilo que não se enquadrasse na estrutura do sistema linguístico fechado e dicotômico - do viés língua-fala, significante-significado, sincronia-diacronia, intelectualivo-emotivo - não era abordado. Ou seja, Saussure e Bally deixaram de fora fatores importantes no que concerne à análise linguística como: a situação em que ocorre a enunciação, a relação entre os falantes, o espaço histórico-sociocultural, a carga axiológica, etc..

Deste modo, quanto a esse estudo de níveis gramaticais, fônicos, morfológicos, sintáticos e semânticos sem a análise dos sujeitos em seus contextos histórico-socioculturais Voloshínov sublinha:

Se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objeto específico. O som concerne totalmente à competência dos físicos. Se ligarmos o processo fisiológico da produção do som ao processo de percepção sonora, nem por isso estaremos nos aproximando de nosso objetivo. Se associarmos a atividade mental (os signos interiores) do locutor e do ouvinte, estaremos em presença de dois processos psicofísicos ocorrendo em dois sujeitos psicofisiologicamente diferentes e de um único complexo sonoro físico realizando-se na natureza segundo as leis da física. A linguagem, como objeto específico, ainda não a teremos encontrado. E contudo, já lançamos mão de três esferas da realidade: física, fisiológica e psicológica, do que resultou, até que de modo satisfatório, um conjunto complexo de numerosos elementos. Mas este complexo é privado de alma, seus diferentes elementos estão alinhados ao invés de estarem unidos por um conjunto de regras internas que lhe atribuiria vida e faria dele justamente um fato linguístico. O que mais deve ser acrescentado a este conjunto já tão complexo?

É preciso, fundamentalmente, inseri-lo num complexo mais amplo e que o engloba, ou seja: na esfera única da relação social organizada. Assim como, para observar o processo de combustão, convém colocar o corpo no meio atmosférico, da mesma forma, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som, no meio social. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p.72)

Em uma linguagem mais simples, essa questão pode ser relacionada à passagem da obra *O Pequeno Príncipe*, em que o menino encontra o habitante do quinto planeta que ele visita: um homem que passa seu tempo a acender e a apagar sem questionar as regras, o que ficava mais difícil, pois como a própria dinamicidade da linguagem, o planeta mudava sua velocidade de rotação, mas as regras não.

---

<sup>19</sup> Ver Anexo I, para entender mais detalhadamente sobre as semelhanças e as divergências entre as três linhas apontadas por Bakhtin/Voloshínov 2009;

Quando abordou o planeta, saudou respeitosamente o acendedor:

- Bom dia. Por que acabas de apagar teu lampião?

- É o regulamento, respondeu o acendedor. Bom dia. - Que é o regulamento?

- É apagar meu lampião. Boa noite. E tornou a acender.

- Mas por que acabas de o acender de novo?

- É o regulamento, respondeu o acendedor.

- Eu não compreendo, disse o príncipezinho.

- Não é para compreender, disse o acendedor. Regulamento é regulamento. Bom dia. E apagou o lampião. Em seguida enxugou a fronte num lenço de quadrinhos vermelhos. - Eu executo uma tarefa terrível. Antigamente era razoável. Apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...

- E depois disso, mudou o regulamento?

- O regulamento não mudou, disse o acendedor. Aí é que está o drama! O planeta de ano em ano gira mais depressa, e o regulamento não muda! (SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP. XIV)

Saussure e Bally concebem os sujeitos que fazem o uso da linguagem, como o acendedor e apagador do lampião, ou seja, um ser biológico passivo decodificador de um sistema linguístico imutável e fechado, quando segundo o pensamento círculobakhtiniano:

Para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. [...] O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor, pertencente à mesma comunidade linguística, também considera a forma linguística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 96)

Assim, os estudos que abordam a linguagem de maneira objetiva e abstrata não contemplam os momentos de conflitos no instante em que ocorre a interação social verbal. Descartam que o signo verbal carregue somente o significado do dicionário, mas a representação de um contexto ideológico e de uma relação entre os interlocutores. De acordo com o pensamento círculobakhtiniano, é por meio destas relações que ocorrem o primeiro despertar da consciência crítica dos sujeitos.

Apesar das duras considerações feitas acerca do objetivismo abstrato, Bakhtin/Voloshínov (2009) não isentam o subjetivismo individualista de análises, pelo contrário, ele afirma que a corrente falha na grande lacuna de *não prezar a importância da natureza social da enunciação*. Esta falha pode ser referenciada ao capítulo XI de O Pequeno Príncipe, em que o príncipezinho visita o segundo planeta, no qual habitava um vaidoso sem ninguém para admirá-lo.

De que adianta o belo arco-íris do fluxo ininterrupto de criação artística e individual da linguagem, como é concebida pelo subjetivismo individualista, se as cores não tentam ganhar a visão do outro? De acordo com o pensamento círculobakhtiniano, é na enunciação onde ocorre o processo seletivo da escolha de um locutor por signos pré-existentes em um determinado contexto histórico-sociocultural, sob a intenção de ser compreendido por um interlocutor, ou seja, por um outro sujeito para quem a enunciação é destinada. Como pode ser visto no trecho abaixo:

Assim é que, para Vossler, os fatores que determinam de uma forma ou de outra os fatos de língua (físicos, políticos, econômicos, etc.) não possuem significação direta para o linguista; só importa para este o sentido artístico de um dado fato de língua.

Eis a concepção que ele tem da língua, uma concepção puramente estética. “A própria ideia de língua”, diz ele, “é por essência uma ideia poética; a verdade da língua é de natureza artística, é o Belo dotado de Sentido”.

(BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 77)

Através da crítica s duas perspectivas da linguagem conhecidas como clássicas e a criação de um método sociológico, vemos que *estilo*, para o Círculo de Bakhtin, não condiz somente com a análise do sistema rígido e dicotômico no qual os elementos expressivos da língua são avaliados por sua ordem fônica, semântica e morfológica de maneira descontextualizada (Bally). Tampouco a questão da fala (Vossler) ou da criação de uma obra literária (Spitzer) que são inerentes tão-somente ao psiquismo do falante/autor e, assim, não levando em consideração a função da interação social do enunciado.

A perspectiva círculobakhtiniana é baseada no princípio dialógico da linguagem, assim, deve ser levado em conta que se o estilo está relacionado à escolha, no Círculo de Bakhtin, essa escolha é contextualizada histórico-socioculturalmente para-e-com o outro. Em outras palavras, qualquer que seja a minha escolha de signos, para a estrutura composicional de um enunciado concreto, ela é feita dentro de um âmbito maior, um gênero discursivo, no qual encontro os elementos disponíveis para criar um enunciado que alcance a sua finalidade no outro e com isso gere uma compreensão ativa responsiva.

Assim, o estilo, conforme o concebido pelo modo círculobakhtiniano é trabalhado na análise no que concerne as escolhas da *Childhood Brasil*, dentro do gênero discursivo propaganda social, no qual são selecionados elementos de linguagem verbal, visual, sonora e suas correlações para construir enunciados concretos em formatos de vídeo ou imagem estática, visando com que o interlocutor responda responsabilmente ao combate contra os crimes de violência sexual contra a criança e o adolescente.

A relação na qual um locutor escolhe/cria signos que compões um enunciado para desencadear determinado efeito de sentido no interlocutor, é chamada de relação locutor-

herói-interlocutor. Essa relação entre os participantes da interação verbal se encontra melhor exposta na próxima subseção do trabalho.

### **2.1.1 Estilo em *Problemas da Obra de Dostoiévski* (POD – 1929): Locutor, herói e interlocutor**

*Problemas da Obra de Dostoiévski* é uma obra contemporânea ao *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 1929. Esse livro é uma análise da escrita romanesca de Dostoiévski, em que Bakhtin discorre sobre a lacuna dos estudos de linguagem contemporâneos em não tratarem o romance dostoiévskiano de maneira *polifônica*. Em 1963, é lançada a reedição corrigida e ampliada desse livro, chamada então de *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Na primeira edição da obra *Problemas da Obra de Dostoiévski* (doravante POD), Bakhtin propõe um método sociológico de análise, e, na edição revisada, conhecida como *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD), Bakhtin chama esta análise não mais de método sociológico de análise da linguagem, mas de Translinguística.

No primeiro capítulo do estudo sobre Dostoiévski, Bakhtin (2008) define o termo *polifonia* como a voz do herói, sobre si mesmo e sobre o mundo, feita de maneira tão plena como a palavra comum do locutor. A polifonia “possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis”. (BAKHTIN, 2008, p.5)

Dentre as diversas críticas que Bakhtin (2008) faz aos estudiosos de Dostoiévski<sup>20</sup>, a não-compreensão ou não-percepção de que o romancista russo havia criado um novo estilo do romance é a que mais se destaca.

Outra teoria sobre a qual Bakhtin (2008) constrói críticas acerca é a afirmação de Lunatcharsky de que foi o capitalismo russo que permitiu que Dostoiévski captasse a época do jeito que retratou. A opinião de que o capitalismo influenciou na composição dos romances não é de forma alguma descartada por Bakhtin, mas este rebate dizendo que Lunatcharsky só atentou para os fatores do contexto socioeconômico.

---

<sup>20</sup> Dentre os estudiosos que se aproximam desta percepção está Leonid Grossman que faz uma analogia entre o romance de Dostoiévski à música e à teoria de Glinka de que tudo é contraponto. Transferindo isso para o romance, deduz Bakhtin que “*Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo*”. (BAKHTIN, 2008, p.47)

Segundo o pensamento círculobakhtiniano, o contexto socioeconômico é um dos fatores contribuintes para a produção da obra, mas não único. Pois, de acordo com o método sociológico, a linguagem produzida pelos sujeitos é o resultado combinação dos fatores externos, como o contexto histórico-sociocultural, com os elementos intrínsecos à subjetividade de cada sujeito. Assim, ainda que o sistema socioeconômico tenha exercido um papel influenciador, não foi o ele que escreveu *Crime e Castigo*, por exemplo. O capitalismo russo foi elemento contribuinte, assim como uma série de fatores que não foram determinados pelo espaço físico-temporal, como o gosto individual e a criatividade artística inerentes a Fiódor Mikhailovich Dostoiévski.

Depois de definir o que é o romance polifônico e caracterizar a obra de Dostoiévski como fundadora desse gênero discursivo narrativo, Bakhtin atenta à figura do herói no intuito de demonstrar a fenômeno da polifonia. Bakhtin (2008) afirma que Dostoiévski conseguiu criar um novo estilo romanesco, onde as vozes dos heróis e dos interlocutores são equipolentes<sup>21</sup>.

Por exemplo, o herói de *Crime e Castigo*, Rodion Românovitch Raskólnikov, conjectura o assassinato de Aliena Ivánovna, justificando o crime pelo fato de ela ser uma agiota que o explora ao máximo com juros de empréstimos altíssimos ao ponto de serem impagáveis. Isso não é, necessariamente, o que Dostoiévski acreditava. Bakhtin (2008) define melhor o que quer dizer:

A personagem interessa a Dostoiévski como ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. Para Dostoiévski não importa o que a sua personagem é no mundo, mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma. (p.52)

Bakhtin (2008) afirma que a mudança feita a partir da escrita Dostoiévski é como uma revolução copernicana, ainda que processada em pequenas proporções, pois apesar de não ter definido uma nova ordem cósmica na qual os planetas, estrelas girariam em torno do sol, e não em torno da Terra, Dostoiévski cria um herói que não é definido pelo autor, mas uma personagem que tem consciência de si e, assim, define a si própria, e o seu modo de ver o mundo.

O que é visto nos heróis de Dostoiévski, segundo Bakhtin (2008), é a representação de personagens autônomos, com visão e ideias próprias sobre si e sobre o mundo que os

---

<sup>21</sup> Nas notas do tradutor Paulo Bezerra, são ditas “equipolentes” as consciências e vozes que participam do diálogo com outras vozes em pé de absoluta igualdade.

circundam. De acordo com o filósofo russo, esse traço característico da escrita de Dostoiévski, está presente desde o seu primeiro romance, *Gente Pobre*.

Assim, o que deve ser revelado e caracterizado na análise estilística do romance polifônico não é o herói como ser objetificado, mas como um personagem livre, autoconsciente e ciente sobre mundo que o circunda. Como melhor esclarece Bakhtin:

O autor reserva efetivamente ao seu herói a última palavra. É precisamente desta, ou melhor, da tendência para ela que o autor necessita para o plano do herói. Ele não constrói a personagem com palavras estranhas a ela, com definições neutras; ele não constrói um caráter, um tipo, um temperamento nem, em geral, uma imagem objetiva do herói; constrói precisamente a palavra do herói sobre si mesmo e sobre o seu mundo. (BAKHTIN, 2008, p.47)

Portanto, o que Dostoiévski faz, de acordo com Bakhtin (2008), é transferir para o campo de visão do herói a consciência do seu próprio estado, fornecendo matéria para suas reflexões e decisões próprias. A voz do herói é tão verdadeira quanto a do locutor/autor e os dois dialogam entre si. Isso garante tanto a liberdade do herói, quanto a sua incompletude.

A incompletude é característica não só do herói, mas da obra romanesca dostoiévskiana que, ao invés de trazer acabamento, como fazem os outros romances daquela época, deixa espaço para o debate e o ganho de sentido no e com o interlocutor/leitor ao ponto dos dois dialogarem entre si. Para Dostoiévski, a incompletude é a representação mais realista do homem, fazendo com que o interlocutor crie maior afinidade com o herói.

Tal afinidade é demonstrada por Bakhtin (2008) na própria representação do sujeito como herói dostoiévskiano. Em *Gente Pobre*, o funcionário público de idade avançada, Makár Diévuchkin, ao ler *O Capote*, de Gógol, encara o romance como sendo uma obra autobiográfica.

Como Bakhtin (2008) afirma, o romance literário de Dostoiévski foi o marco inicial do herói polifônico, do herói, incompleto, autoconsciente, de voz equipolente e distinta do locutor. A partir de lá, o herói ganhou várias máscaras, diversas batalhas, diferentes jornadas e formatos distintos, gêneros, espécies diferentes, com super poderes ou não.

Sem entrar no mérito se *O Pequeno Príncipe* é ou não é um romance polifônico, o que o faz uma obra tão popular, ao ponto de ser traduzida para 216 línguas e transposta para diversos gêneros discursivos como desenho animado, peça teatral, filme é que apesar de seus heróis serem representados por um piloto, uma suposta criança extraterrestre, uma rosa, uma raposa e uma jiboia, entre outros, eles são personagens incompletos que traduzem questões intelectivas e/ou emotivas comuns a muita gente, como o embate entre amizade e traição, infância e maturidade, amor e desilusão, morte e vida.

Afinidade criada entre o herói e o interlocutor romanesco é, inclusive, uma característica muito importante na publicidade e na propaganda<sup>22</sup>. Visto que o principal objetivo da criação de um personagem em uma peça publicitária ou propagandística é gerar, junto ao interlocutor, uma identificação baseada no “querer ter/querer ser” para haver a persuasão que conduza o interlocutor à “compra” de um determinado produto/empresa/ideia.

Para tal, os locutores da publicidade e da propaganda analisam o universo intelectual-emotivo do interlocutor, procurando por pontos capazes de gerar maior proximidade entre determinado produto/a empresa/ a ideia e um potencial consumidor. Com essa finalidade, são criados heróis e heroínas baseados no perfil do interlocutor. É a partir desta relação que na análise do herói criado pela *Childhood Brasil* em sua campanha, *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, tento avaliar quem é o interlocutor do enunciado verbo-visual e do enunciado verbo-sonoro-visual. Mais esclarecimentos sobre o enunciado concreto estão encontrados na próxima subseção.

### 2.1.2 Estilo em *Questões de literatura e de Estética* (QLE – 1934) – Enunciado Concreto

*Questões de literatura e de Estética: a teoria do romance* (doravante QLE) é uma antologia que cobre quase meio século de atividades filosóficas, estéticas e literárias de Mikhail Bakhtin. A obra é constituída por um conjunto de ensaios escritos entre 1934-1941, e com acréscimo em 1973. Os ensaios foram organizados Bakhtin em Moscou, durante os últimos anos de sua vida, mas a obra só foi publicada em 1975, depois de sua morte. O estudo que esta seção abrange é *O Discurso e o Romance*, escrito em 1934-1935, e apresentado em uma conferência no Instituto de Literatura Universal da Academia de Ciências da URSS em 14 de outubro de 1940.

Se em MFL Voloshínov critica as duas correntes filosófico-linguistas as quais ele nomeou objetivismo abstrato e subjetivismo individualista, e propõe um método sociológico de análise da linguagem, em QLE, Bakhtin faz uma crítica às escolas estilísticas tidas como tradicionais e propõe um estudo com abordagem filosófica e sociológica no discurso romanesco, cujo objetivo é o de “eliminar a ruptura entre o formalismo e o ideologismo abstratos no discurso literário” (BAKHTIN, 2010a, p.71).

---

<sup>22</sup> A distinção entre os dois termos encontra-se no terceiro capítulo deste estudo.

Segundo Bakhtin (2010a), o pensamento estilístico tradicional considera seu objeto apenas o enunciado em si, não abrangendo a influência de outros enunciados ou de aspectos extralinguísticos. Podemos ver que a crítica do filósofo russo é dada já no âmbito do que ele compreenderia por enunciado. Segundo o tradutor Paulo Bezerra, o termo enunciado é denominado na língua russa de *viskázivanie* e derivado do infinitivo *viskázivat*, que significa o ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos em palavras.

Segundo o vocábulo russo, enunciado concreto é sinônimo de enunciação, e, desta maneira, não é possível estudá-lo sem que ele esteja relacionado ao ato concreto do uso da linguagem. A enunciação, então, não pode ser desvinculada de sua natureza social, tampouco da relação entre locutor e interlocutor para quem ela é projetada, nem dos elos de um enunciação com as enunciações anteriores e as vindouras.

Assim, de acordo com Bakhtin (2010a), estudar o discurso romanescos da mesma maneira que estudavam o discurso poético era restringi-lo, pois analisar tão-somente a forma ou tão-somente o conteúdo dos limites textuais romanescos é apagar a função social e a versatilidade deste gênero discursivo literário. Como pode ser visto nas palavras do próprio filósofo russo:

A palavra romanesca revelou-se a pedra de toque para todo pensamento estilístico, mostrando sua estreiteza e sua inadequação em relação a todas as esferas da vida literária. [...] O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidas a leis estilísticas distintas. (BAKHTIN, 2010a, p. 73)

Ao propor uma forma mais adequada de analisar o estilo do romance, Bakhtin (2010a) divide a evolução do estilo do discurso romanescos em duas linhas. A primeira linha caracteriza-se pela linguagem enobrecida do romance medieval. Seu herói é o sujeito bravo, nobre e correto, que passa por situações onde sua fidelidade ou sua coragem são testadas, mas o seu caráter permanece sempre homogêneo e estático durante todo o enredo. A segunda linha remonta à linguagem mais popular do romance picaresco que, através da ficção em prosa satírica de crítica social, descreve, em detalhes realistas e em tom muitas vezes humorísticos, as aventuras de heróis astutos que, devido à sua perspicácia, sobrevivem a uma sociedade corrupta.

A diferença entre os dois tipos de heróis romanescos é melhor explanada por Bakhtin (2010) nos excerto abaixo:

O herói do romance picaresco se opõe ao herói do romance de provações e tentações, não crê em nada e trai tudo; mas com isso ele crê em si, na sua orientação

antipatética e cética. Aqui amadurece uma nova concepção da personalidade humana, não retórica, mas que também não é "confessional", que ainda tateia o seu discurso e prepara um terreno para ele. O romance picaresco ainda não orquestra as suas intenções no sentido preciso da palavra, mas ele prepara substancialmente essa orquestração, libertando o discurso do patético pesado que o oprime, de todos os acentos necrosados e falsos, aliviando-o e numa certa medida esvaziando-o. Nisto se encontra a sua importância ao lado da novela picaresca, satírica e paródica, do epos paródico e das ciclizações correspondentes de novelas baseadas na figura do bufão e do bobo. (Bakhtin, 2010a, p.199)

Conforme Bakhtin (2010a, p.199), a primeira linha contribuiu para a multiformidade do gênero discursivo, pois os romances que despontaram para essa linha começaram de maneira oral, nas canções de trovadorismo, e passaram a ser um gênero discursivo literário divulgado através de folhetins periódicos.

Os romances da segunda linha, por sua vez, introduzem o caráter *publicístico*, ou seja, a conexão entre o gênero discursivo literário e o mundo real contemporâneo ao texto. É na segunda linha que, segundo Bakhtin (2010a), os romances amadurecem e alcançam a plenitude, aprendendo a utilizar o inacabamento da obra de arte.

Bakhtin (2010a, p.171) ainda afirma que, embora a história do romance ocidental apresente duas linhas estilísticas, “ambas as linhas se cruzam e de diversas maneiras se misturam”, principalmente a partir do século XIX, quando o romance alcançou posição de destaque na literatura. Assim, o caráter publicístico, dos romances de segunda linha é incorporado pelos da primeira linha e a periodicidade dos romances de primeira linha é absorvida pelos da segunda linha.

Se, na medida em que o gênero discursivo se diversifica, as fronteiras entre as duas linhas se diluem, é com a predominância das características da segunda linha que o discurso romanescosco “tornou-se um sistema literário original de linguagens que não se encontram num mesmo plano.” (BAKHTIN, 2010a, p.205).

Mas essas mudanças não estão restritas à seara do enunciado romanescosco. Toda e qualquer enunciação está sujeita a mudanças, seja no âmbito do conteúdo e/ou da forma, como podemos ver na evolução das tecnologias que vão desde o sílex da rocha sedimentar até às redes sociais integradas a diversos aparelhos de comunicação.

Bakhtin (2010a) afirma que cada época revitaliza ou modifica discursos de acordo com o contexto social, histórico, político e cultural. Logo, uma enunciação torna-se um reflexo de seu tempo. Através do universo literário e extraliterário, o locutor romanescosco busca a multiplicidade de caminhos, numa pluralidade de linguagens e vozes. E é nessa escolha dentre as diversidades de línguas, linguagens, textos e contextos disponíveis para a construção do discurso romanescosco, que o locutor caracteriza a originalidade do seu estilo.

Na subseção sobre o locutor, o herói e o interlocutor é visto que, em POD e em PPD, Bakhtin afirma que no romance polifônico, heróis e locutores têm vozes equipotentes, plenivalentes e um caráter de incompletude que, muitas vezes, trazem o herói para perto do interlocutor. Em *O Discurso e o Romance*, Bakhtin (2010a, p. 135) atenta para o cuidado em diferenciar a enunciação da pessoa que fala na vida e a enunciação da *pessoa que fala no romance*. Tal distinção é dada da seguinte forma:

- ★ Em uma obra artística, o locutor e a sua enunciação, são tanto uma representação verbal quanto estilística. A enunciação não é apenas transmitida ou reproduzida, mas representada, também, artisticamente.
- ★ O locutor de uma obra artística é um sujeito essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social. Já a linguagem proferida na obra artística é virtual, mas ela também tem significado e difusão no mundo real.
- ★ O locutor de uma obra artística é sempre, em certo grau, um ideólogo e seus enunciados representam um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. O discurso, enquanto o ideograma é o objeto de representação da obra.

Assim, entende-se que a enunciação do romance, como qualquer enunciado/enunciação, tem um teor comunicacional. Segundo os filósofos do Círculo de Bakhtin, o mundo da arte (virtual) mantém correlação com o mundo da vida (real). Logo, pode ser dito que a enunciação é composta a partir da relação *quem enuncia, o que enuncia, como enuncia, onde enuncia e para quem enuncia* e a antecipação das possíveis *respostas* que a enunciação podem suscitar. Ou seja, da relação locutor-herói-locutor de cada esfera comunicativa.

Deste modo, é a função do locutor ser responsável pelas suas enunciações e pelas reações que elas podem ocasionar em seu interlocutor. Mas ao interlocutor também cabe um papel: o de saber interpretar uma enunciação como sendo ou não uma representação estética para emitir uma resposta responsável.

Logo, o pertinente da categoria enunciado concreto para a análise da campanha da *Childhood Brasil, #BrasilNaDefesaDaInfancia*, está na questão de convencionar o enunciado ao estilo como uma ação e representação da ideologia do contexto no qual ele se encontra, para a partir daí analisar a relação locutor-herói-interlocutor que há na composição da campanha.

As similaridades entre a forma e o conteúdo dos diversos enunciados concretos fazem com que eles perpetrem um conjunto maior, os gêneros discursivos, sobre os quais o próximo tópico versa.

### 2.1.3 Estilo em *Estética da Criação Verbal* (ECV – 1953) - Gêneros Discursivos

*Estética da Criação Verbal* (doravante ECV) é um compêndio de textos assinados por Mikhail Bakhtin. A edição utilizada na presente pesquisa é de 2011, mais especificamente o texto chamado *Os gêneros do discurso*. Este texto é um fragmento de um projeto não realizado, nem revisado cujo título original é *O problema dos gêneros do discurso*, escrito entre 1952 e 1953.

Antes de adentrar a perspectiva círculobakhtiniana sobre gêneros discursivos, remontemos a origem etimológica da palavra. A palavra “gênero” possui a base indo-européia *gen-* que significa gerar, produzir. Em latim, relaciona-se com esta base o substantivo *genus, genens* (significando linhagem, estirpe, raça, povo, nação) e o verbo *gigno, genui, genitum, gignere* (significando gerar, criar, produzir, provir), com o qual se relacionam palavras como genitor, primogênito, genital, genitura. Assim, as pessoas podem ser reunidas em linhagens por consanguinidade. A utilização do termo gênero para designar tipos de textos é uma extensão da noção de estirpe (linhagem) para o mundo dos objetos literários e retóricos.

A proposta sobre gêneros discursivos presente nas obras do Círculo de Bakhtin como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal*, dentre outras obras, é a de que todos os múltiplos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Ou seja, toda esfera social é transpassada por enunciados. Assim, Bakhtin (2011) afirma que qualquer enunciado considerado individualmente é único e as diversas esferas de interação social geram múltiplos enunciados. Sobre os diversos enunciados autor refere que:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, 261-262)

A heterogeneidade e multilinguagem dos gêneros discursivos vão desde a resposta lacônica da conversa familiar informal cotidiana, a ordem militar gestual padronizada, uma

apresentação acadêmica de seminário, um discurso político, um bilhete, um romance, um filme, uma notícia de jornal, uma propaganda, e assim por diante.

Segundo o filósofo russo, à medida que os sujeitos apreendem a língua materna, eles aprendem os gêneros discursivos. Assim, a familiaridade passa a ser tão fluída, que os sujeitos só se dão conta do que se tratam os gêneros discursivos, quando são expostos ao conjunto de regras da linguagem, como as gramaticais, por exemplo. Mas, em contra partida, quanto mais um sujeito se instrui sobre um determinado gênero discursivo, melhor ele pode estilizá-lo.

Devido à extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade de defini-los resultante dessa diversidade e plasticidade, Bakhtin (2011) os divide em dois grupos:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 2011, p.263-264)

A distinção entre os tipos de gêneros discursivos em primários e secundários é de extrema importância para Bakhtin (2011), visto que a natureza de um enunciado só pode ser definida através dela. A análise da natureza e da diversidade dos gêneros discursivos é válida para as pesquisas em linguagem, pois é através dela que os pesquisadores poderão obter dados que levem em conta a historicidade da informação.

Bakhtin (2011) considera a hibridação dos dois tipos de gêneros discursivos. Segundo o filósofo russo, os gêneros secundários são formados a partir de reelaborações dos primários. Assim, um diálogo cotidiano, que é um gênero discursivo simples, quando transposto para um romance, por exemplo, perde seu caráter imediato e congrega-se às características do universo narrativo, que é um gênero discursivo complexo. Ou seja, o diálogo transforma-se em um enunciado literário e deixa de ser enunciado cotidiano.

Sobre a mutabilidade do gênero discursivo, o autor conclui: “onde há estilo, há gênero. A passagem de um estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas

condições de gênero que não lhe é próprio como destrói e renova tal gênero”. (BAKHTIN, 2011, p.268)

Bakhtin (2011) define alguns aspectos a serem considerados para fins de classificação de um gênero discursivo, são eles: o conteúdo temático (assunto), o plano composicional que o locutor deixa para réplica do interlocutor (vontade de discurso) e o estilo (a forma individual do locutor); as formas de linguagem disponíveis para a construção de uma enunciação e, a partir desta disponibilidade, que elementos são utilizados para compor a enunciação.

É através da habilidade de compor enunciações que o estilo de um locutor é refletido em um determinado gênero discursivo. Quanto maior a destreza nesta escolha estilística, maior é a eficácia em empregar uma enunciação à sua função específica. No entanto, existem gêneros discursivos cujos elementos são pouco manipuláveis e requerem uma forma padronizada de linguagem, como em documentos oficiais, por exemplo.

Apesar dos estudos estilísticos estarem, muitas vezes, localizados na seara da produção verbal artístico-literária, os gêneros discursivos comportam diversas formas de linguagem e distintas maneiras de manipulação. E, desta maneira, eles podem assumir as mais variadas formas e conteúdos.

O estilo da linguagem verbo-sensorial, pois, para Bakhtin (2011), a escolha dos elementos das linguagens utilizadas podem ser entendidas como formal e rebuscada ou informal e acessível. Quanto ao conteúdo temático, esse pode ser entendido como a maneira pela qual o assunto é tratado no texto, sua significação, a orientação argumentativa do texto. Já a estrutura composicional trata da relação entre imagem e enunciado. É o layout dos diferentes tipos de texto.

Assim, a importância desta categoria para a análise deste estudo está na identificação da natureza do gênero discursivo, pois é ela que leva ao entendimento sobre a plasticidade composicional dos enunciados concretos gerados para a campanha propagandística

*#BrasilNaDefesaDaInfancia*. A compreensão da plasticidade, por sua vez, gera a noção da linguagem cabível nos enunciados concretos. E, através da linguagem usada nos enunciados, pode ser analisado o espaço reservado para que o interlocutor responda eticamente o problema da violência sexual infanto-juvenil. Esta resposta responsável é chamada pelos filósofos do Círculo de Bakhtin chamam de responsividade. É sobre este conceito que trata a seção a seguir.

## 2.2. RESPONSABILIDADE EM UMA FILOSOFIA DO ATO RESPONSÁVEL (PUFAR – 1921)

A obra *Para Uma Filosofia do Ato Responsável* (de agora em diante chamada de PUFAR) é um manuscrito não concluído com teor complexo filosófico escrito no início dos anos 1920, pelo jovem Bakhtin. O texto só foi publicado em 1986, por Sergei Bocharov, quem lhe deu o título de *Para Uma Filosofia do Ato*.

*K filosofii postupka* é o título dado por Sergei Bocharov a este texto [...] *Postupok* é um ato de pensamento, de sentimento, de fala, de ação, que é intencional, e que concretiza a singularidade a peculiaridade, o monograma de cada um em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever de responder responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem álibi e sem exceção. (PONZIO in BAKHTIN, 2010b, p.11)

Em PUFAR, Bakhtin (2010b) discorre sobre a integração do sensível (o mundo concreto) e o inteligível (o mundo das ideias). Segundo o filósofo russo, é a partir da junção entre as experiências particulares no mundo concreto e a organização do conteúdo no intelecto de um indivíduo que o mundo é apreendido por seus sujeitos. E a consciência humana não é nada fora de sua objetivação semiótica.

Embora pertencente a um gênero discursivo, cada enunciação é única, pois ela é nascida a partir das experiências e das impressões particulares de um sujeito situado em um determinado contexto. Assim, apesar de fazer parte de um grupo maior com o qual ela tem similaridades, toda enunciação deve ser concebida como um evento real e singular.

Esta relação entre enunciação e gênero discursivo pode ser comparada com a relação do *Pequeno Príncipe* com sua rosa, por exemplo, a rosa é extremamente similar a milhares de outras rosas, mas o valor emotivo-intelectual que o menino tem por ela é a resposta da experiência que eles tiveram um com o outro.

Bakhtin (2010b, p.91) explica melhor a relação enunciação – gênero discursivo no exposto a seguir: “Para nós é importante relacionar uma dada experiência vivida a mim como aquele que vive ativamente. Este relacionar a experiência a mim como ativo tem um caráter valorativo-sensorial e volitivo-realizador e é, ao mesmo tempo, responsabilmente racional”.

Esta concepção implica uma reflexão ética a cerca da enunciação, pois se cada sujeito e cada enunciação são singulares, o que um sujeito realiza não pode ser realizado por outro. Assim, cada enunciação é uma resposta pessoal, intransferível e é imprescindível que, a partir do lugar individual que ocupam, os sujeitos considerem que:

[...] a minha singularidade é dada, mas ao mesmo tempo ela existe apenas na medida em que é realmente atualizada por mim como singularidade, ela se dá sempre na ação, no ato, isto é, como o que me é dado para realizar; é, ao mesmo tempo, ser e

dever: eu sou real, insubstituível e é por isso que preciso realizar minha singularidade peculiar. (BAKHTIN, 2010b, p.98)

Ademais, toda enunciação é direcionada para um interlocutor, alguém para quem moldo meu enunciado e de quem aguardo uma resposta, pois, segundo Bakhtin (2010b), todo sujeito precisa de algo ou alguém que lhe dê significado e completude. E, da mesma maneira que um locutor se define através de suas enunciações, ele é definido a partir da compreensão de um interlocutor. O interlocutor, por sua vez, é valorizado intelectual-emocionalmente pelo locutor. Em outras palavras, a construção da identidade de um eu se dá na tensão da tríplice visão: eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim.

Para se ter uma projeção dessa visão do outro-para-mim através e na qual eu mudo a visão do eu-para-mim e do eu-para-o-outro, é necessária a empatia, ou seja, a saída de mim para que eu possa me aproximar deste outro, e, da extraposição, tenha um excedente de visão, e volte para o meu lugar novamente. Para esclarecer esse pensamento proposto por Bakhtin (2010b), retorno ao encontro do Pequeno Príncipe com a Raposa:

Mas a raposa voltou à sua ideia.

- Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. O teu me chamará para fora da toca, como se fosse música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

A raposa calou-se e considerou por muito tempo o príncipe:

- Por favor... cativa-me! - disse ela. (SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP XXI)

Aqui, pode ser deduzido que a raposa teve a visão do seu atual *eu-para-mim*: um ser monótono que passeava por entre campos, galinhas e homens que nada significavam para ela, tampouco, fazia sentido para eles. Ela, então, fez a projeção do *eu-para-outro*, o que ela poderia ser para o Pequeno Príncipe, caso ele a cativasse; Em seguida, do *outro-para-mim*, o que menino seria para ela, caso ela permitisse ser cativada por ele. E, quando achou, no Pequeno Príncipe, um novo significado de um *eu-para-mim*, pelo menos por algum tempo, teve um amigo, ela insistiu em ser cativada. O príncipezinho, por sua vez, mesmo sabendo de sua brevidade e da falta que ele poderia causar a raposa, concordou com a proposta. Assim, é entendido que “*você se torna eternamente responsável por tudo aquilo/ todo aquele que cativa*”.

Assim, esse conceito é importante para presente análise, pois, de acordo com Bakhtin (2010b), cada sujeito é único e ocupa um lugar único na existência; por isso, ninguém tem

como escapar da sua responsabilidade existencial, todo e cada um de nós temos o dever de responder responsabilmente. Nesse caso, eu, você e todos nós temos o dever de responder aos à violência e à exploração sexual infanto-juvenil, sendo perpetradores/perpetradoras do crime ou não. Trata-se de uma ética sem concessões. É avaliado aqui como os locutores, heróis e interlocutores respondem ou são convidados a responder ao apagamento desses crimes.

Bakhtin (2010b) afirma que viver é responder; é o constante posicionamento axiológico frente a valores. Viver é participar desse diálogo inconcluso que constitui a vida humana. Nossa identidade é construída com e para o outro (eu-para-mim, eu-para-outro, o outro-para-mim). A existência de cada ser humano é sempre plural. Dessa forma, é, também, analisado como a construção dessas identidades são feitas na campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*.

Antes de dar uma resposta responsável afirmando, negando ou modulando uma enunciação, é necessário que haja uma compreensão. São os termos compreensão ativa e contrapalavra que se encontram explanados a seguir.

### **2.2.1 Responsividade em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL<sup>23</sup>-1929) - Compreensão Ativa Responsiva e Contrapalavra**

Recapitulemos um pouco do que foi ponderado até agora neste capítulo: no pensamento círculobakhtiniano, as interações sociais são concretizadas através de enunciações. As enunciações, por sua vez, são a expressão da apreciação de um sujeito único a partir do lugar singular que ocupa no mundo e através de suas experiências sensíveis, inteligíveis e emotivas. Apesar de única, cada enunciação tem similaridades com outras enunciações, que fazem com que elas tenham forma e caráter social, cada enunciação é uma resposta criada por alguém e direcionada a outrem, da parte de quem é há uma compreensão e de quem se espera uma resposta. São essas características destacadas em relação ao problema da compreensão que são abordadas nesta subseção.

Compreender é, de acordo com o pensamento círculobakhtiniano, uma ação. Assim, a compreensão é ativa sempre acompanha por uma *resposta*. Como o discurso verbal não é dotado de autossuficiência, os participantes da atividade comunicativa precisam manter a

---

<sup>23</sup> Mais detalhes sobre a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* encontram-se na seção Estilo.

conexão mais próxima possível da situação prática extraverbal, pois a compreensão não pode revelar-se senão por meio de um material semiótico, na medida em que:

[...] compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocam-se de signo, para signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica e portando material. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 34).

Ao levar-se em conta que o signo, na ótica círculobakhtiniana, não tem valor fora da interação social, pode-se dizer que a compreensão de uma enunciação só se torna possível porque os locutores e os interlocutores partilham avaliações comuns a um determinado contexto histórico-sociocultural. E isso faz com que cada enunciação seja concretizada em uma esfera específica de atividade humana, gerando um elo na interação discursiva infinita. Uma enunciação é resposta a outras enunciações que a antecederam e espera uma resposta das que lhe sucederão.

No capítulo *Tema e significação na língua*, de MFL, Bakhtin/Voloshínov (2009) discorrem sobre como o mesmo signo pode ter diferentes significações. É nessa parte da obra que as noções de compreensão ativa responsiva e de contrapalavra são apresentadas.

Sobre o conceito compreensão ativa responsiva, Bakhtin/Voloshínov (2009) arrazoam da seguinte maneira:

A distinção entre tema e significação adquire particular clareza em conexão com *o problema da compreensão*, que abordaremos brevemente aqui. Já tivemos a ocasião de mencionar o modo de compreensão *passiva*, próprio dos filólogos, que exclui *a priori* qualquer resposta. Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser *ativo* deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de um outro processo evolutivo.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, 136-137)

No entendimento círculobakhtiniano, não é possível separar o ideológico do dialógico, produto de processo. O enunciado produzido no interior da evolução da esfera ideológica de um sujeito é uma resposta. É a noção do sujeito ativo que faz com que Bakhtin/Voloshínov (2009) critiquem a semasiologia europeia e sua compreensão passiva da enunciação. Para ele, a necessidade de tomar uma posição ativa a respeito de um enunciado é inseparável da compreensão deste.

O interlocutor compreende o significado de uma enunciação e adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (de maneira incondicional ou parcial), completa, adapta, modula, apronta-se para executar. A compreensão responsiva ativa implica a uma ação concreta intencional e responsável. Esta resposta nem sempre é vista como uma réplica a uma pergunta, mas a um discurso, que pode ser mediato ou imediato.

Se a réplica permanecer no nível da reprodução, não há constituição de algo novo e enriquecedor ao próprio interlocutor, como pode ser exemplificado na passagem da obra o Pequeno Príncipe em que o menino escala uma montanha procurando por companhia e tem um diálogo com o vazio:

- Bom dia, disse ele inteiramente ao léu.
- Bom dia... Bom dia... Bom dia... respondeu o eco.
- Quem és tu? Perguntou o príncipezinho.
- Quem és tu... quem és tu... quem és tu... respondeu o eco.
- Sede meus amigos, eu estou só, disse ele.
- Estou só... estou só... estou só, respondeu o eco. "Que planeta engraçado! pensou então. É todo seco, pontudo e salgado. E os homens não tem imaginação. Repetem o que a gente diz... (SAINT- EXUPERY, S/D, Cap. XIX)

Portanto, quando o sujeito círculobakhtiniano interage na linguagem, ele constitui uma resposta. Mesmo quando ele repete ou escolhe manter o silêncio. Cada ação humana envolve uma reação do outro, pois os sujeitos são constituídos no diálogo. Sob esse ponto de vista, não há, portanto, um único discurso que tome existência no social sem que não ocorra fusão entre a palavra do locutor e a do interlocutor, mesmo que seja contrariando-a:

Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor a palavra do locutor uma *contrapalavra*.

Ou seja, na interação dialógica, a reação a uma enunciação relaciona-se à formação de uma resposta a essa enunciação, na forma de uma contrapalavra. A contrapalavra é a ressignificação que permite, através da compreensão responsiva ativa, produzir um novo significado e a romper com sentidos estabilizados na memória.

O processo de replicar com uma contrapalavra ocorre a partir do momento em que o interlocutor se apropria de uma enunciação, adiciona a ela suas experiências individuais e a devolve esta enunciação com um significado novo que possui o caráter criativo e autônomo do interlocutor. Portanto, a contrapalavra consiste em uma ressignificação.

Uma ilustração das categorias compreensão ativa responsiva e contrapalavra está no primeiro encontro do Pequeno Príncipe com a serpente. O menino vê aquele animal esguio e sem pernas e tenta valorizá-lo como algo pequeno, mas a serpente é honesta e sempre toma a palavra príncipe, devolvendo com um significado novo e empoderado, alertando-o de sua periculosidade, como pode ser visto na seguinte passagem:

- Tu és um bichinho engraçado, disse ele, *fino como um dedo...*
- *Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei*, disse a serpente.

Deste modo, a pertinência da categoria compreensão responsiva ativa responsiva para esta pesquisa está em saber qual é o espaço deixado no enunciado para que o interlocutor possa responder responsabilmente. Quanto à categoria contrapalavra, é referida à maneira na qual os signos verbais-visuais-sonoros sobre a temática violência sexual contra a criança e o adolescente são apropriados e ressignificados na campanha.

Assim, deve ser ressaltado, também, que tanto a palavra como *contrapalavra*, estão associadas aos sentidos que são construídos na e pela interação entre os locutores. E elas são impregnadas de valores que podem ser expressos, por meio de vários fatores, como a entonação que é dada a um signo, verbal ou não. Mais sobre esta categoria está disposto no próximo e último tópico deste capítulo.

### **2.2.2 Responsividade em Questões de Estilo no Ensino de Línguas (QEEL – 1942) - Entonação**

A última obra círculobakhtiniana da qual extraímos os conceitos e as categorias compõem a fundamentação teórica *Questões de Estilo no Ensino de Línguas* (de agora em diante, chamada de QEEL). É um texto escrito por Mikhail M. Bakhtin, entre 1942 e 1945, quando ele trabalhou como professor de língua russa no ensino médio. O texto só foi publicado no Brasil em 2013.

É particularmente prazeroso conhecer o lado professor de Bakhtin em uma linguagem bem mais fluída do que o jovem Bakhtin filósofo de PUFAR. Mesmo sendo da primeira metade da década de 1940 e nas salas de aula da Rússia em meio da Segunda Guerra Mundial, o texto traz questões atuais no que compreende o contexto educacional contemporâneo.

No texto, o Bakhtin docente problematiza sobre o uso de estilística para aprimorar a aprendizagem de gramática nas séries do ensino médio, afirmando que, ao ensinar as formas gramaticais de uma língua sem ensinar o significado estilístico, as palavras perdem seu *gosto*

e sua *cor*. Assim, não só a representação das formas gramaticais deve ser ensinada em sala de aula, mas a expressão que reveste as palavras:

Toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas as formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista de suas possibilidades de representação e expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística. No estudo de alguns aspectos da sintaxe, aliás, muito importantes, essa abordagem estilística é extremamente necessária. Isso ocorre, sobre tudo, no estudo das formas sintáticas paralelas e comunicativas, isto é, quando o falante ou o escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical. (BAKHTIN, 2013, p. 24-25)

O intuito do professor Bakhtin neste trabalho, em específico, é fazer com que os alunos enriqueçam suas redações com períodos compostos por subordinação sem conjunção. Por meio de ditados e conversas com os alunos, ele notou que os alunos pontuavam corretamente esse tipo de período e sabiam identificá-los em textos. O problema, assim, não estava na compreensão do texto alheio, mas no fato de que os alunos por si sós não conheciam o *gosto* desse tipo de estruturação. Em consequência, como eles poderiam se sentir confortáveis em usar algo sobre o qual eles não tinham propriedade? A solução que Bakhtin encontrou foi trabalhar a entonação.

A entonação, segundo o pensamento círculobakhtiniano, constitui o limite entre a linguagem verbal e o não-verbal. Assim, Bakhtin começou a exercitá-la usando frases de textos literários como exemplo. Como? Ele escreveu três frases no quadro e pediu para que elas fossem lidas em voz alta e que, no processo, eles fizessem todos os gestos, as mímicas, as expressões faciais e as modulações de voz que as frases pareciam urgir.

Uma das três frases que Bakhtin (2013, p.30) usou como ilustração foi: “Triste estou: meu amigo não está comigo” (de Púchkin). Depois do exercício de dramaticidade, ele pediu que seus alunos reescrevessem-na diferentemente, mas mantendo o sentido. As frases geradas foram: “estou triste porque o meu amigo não está comigo” e “estou triste, uma vez que o meu amigo não está comigo” (BAKHTIN, 2013, p.31).

Em seguida, Bakhtin perguntou quais as diferenças entre a oração sem conjunção de Púchkin e as orações com conjunção criadas por eles. Após a leitura em voz alta, com gestos, mímicas e expressões faciais, seus pupilos chegaram à conclusão de que as conjunções fizeram com que a expressividade fosse perdida, pois deixou o sentido mais *frio*, *seco* e *lógico*.

Bakhtin fez com eles atentassem para como o volume, que as conjunções agregavam às orações, fizera com que a entonação ficasse diferente e assim a energia que a curta oração de Púchkin emanava se esvaísse. As novas orações não evocavam ações, apenas descreviam-

nas. Assim, Bakhtin (2013, p. 32) arremata: “Por isso, os artistas das palavras sempre tentavam minimizar o seu (das conjunções) uso”.

Depois dessa tarefa (ele ainda usou mais duas orações exercitando da mesma forma). O objetivo do professor foi alcançado: os alunos passaram a usar mais orações subordinadas sem conjunção. E, com isso, Bakhtin (2013, p.40) faz a afirmação: “A mudança na forma sintática resultou também em uma melhora geral no estilo dos alunos, que se tornou mais vivo, metafórico e expressivo, e o principal: começou a revelar-se nele a individualidade do autor, ou seja, passou a soar a sua própria entonação”. Ou seja, houve uma mudança de sentido, mas não de significado.

Em sua empreitada, Bakhtin demonstrou que, ao entenderem sobre a modulação expressiva das palavras, os alunos passaram a marcar a sua própria presença no discurso. E, como dito no primeiro capítulo deste estudo, a linguagem ocorre de maneira verbo-sensorial. Da mesma maneira que os signos verbais podem ser modulados, o material visual, sonoro, tátil, olfativo, palatável e suas correlações têm suas propriedades particulares e podem ser modulados para serem revestidos de valor emocional e inteligível. Como por exemplo:

cor, tamanho, som, TEMPERATURA, S A B O R, DiSpOsIção, etc,

Após ler e reler o *Pequeno Príncipe* para ilustrar esta pesquisa, atentei sobre algo que nunca havia percebido na obra literária que me é íntima desde a minha infância: o menino, em momento algum, se identifica como sendo príncipe. Ele é descrito apenas com uma criança de cabelos dourados, mas, para a rosa, ele era um servente, para a raposa, um amigo; para a cobra, uma possível presa, e para o piloto, um pequeno príncipe. E, talvez, eu pudesse ler a obra mais cem vezes e, caso não tivesse me familiarizado com os conceitos entonação e compreensão ativa responsiva, este fato continuasse me passando despercebido.

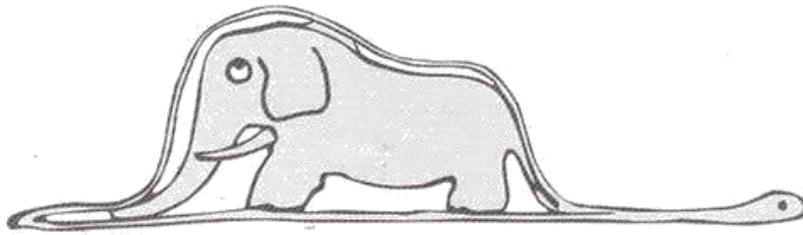
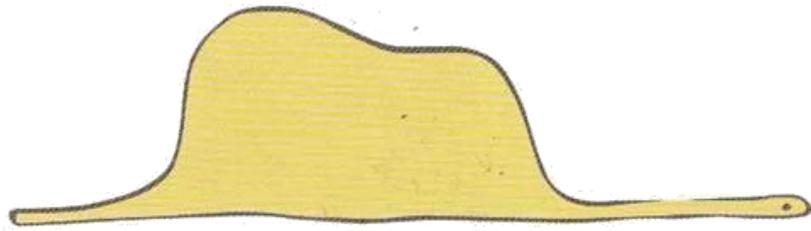
Os verbos, adjetivos, os substantivos, as preposições podem expressar as mais variadas emoções. Mas não são somente elementos linguísticos que compõem um diálogo, existe a maneira de se portar através de gestos, posturas, expressões faciais, olhares, tons de voz e até indumentárias. Através destes elementos, o menino entoava para a flor, a servidão de quem está apaixonado; para a cobra, a solidão e a confusão de uma criança perdida; para a raposa, o companheirismo de um amigo e, para o piloto, a altivez e a magnitude de uma realeza, ou a preciosidade que é ter um amigo.

Portanto, pode ser visto que a modalidade apreciativa entoada por um sujeito é uma resposta à compreensão ativa responsiva do outro. Os valores ideológicos e afetivos são expressos de acordo com o relacionamento com alguém ou com uma situação social determinada. O mesmo signo pode ser impregnado de diferentes entonações e dependendo da relação e/ou da situação que o signo tem a possibilidade de ser modulado para soar como: elogio ou ofensa, verdade ou mentira, seriedade ou brincadeira, etc.

Assim, se os “artistas das palavras” sabem manipular o signo verbal, fotógrafos, pintores, cineastas, teatrólogos, bailarinas, cozinheiros, publicitários, músicos, etc. sabem manipular seus respectivos materiais semióticos, gêneros discursivos, enunciações e criar “heróis” e direcionando-os para interlocutores específicos. A entonação é utilizada para que o herói (criação) do enunciado gere uma resposta empática intelectual e/ou emotiva no interlocutor. Não se pode, deste modo, deixar de pensar no caráter responsável e responsável designado a cada uma dessas esferas.

A publicidade e a propaganda, por exemplo, são gêneros discursivos que contam com os elementos verbo-sensoriais a serem manipulados de maneira intelectual e emotiva na criação de heróis que gerem simpatia nos interlocutores, no intuito de conduzir estes ao “consumo” de um determinado produto ou ideia.

Esta pesquisa trata justamente de averiguar como a propaganda social da ONG brasileira *Childhood Brasil* cria heróis para gerar simpatia no interlocutor, conduzindo-o ao consumo da ideia de combater a violência sexual contra crianças e adolescentes. Contudo, para empreender essa análise, é preciso, ainda, que seja compreendido com mais afinco sobre o que é violência sexual infanto-juvenil, do que se trata propaganda social e quem são os interlocutores (a ONG) e isto está abordado no próximo capítulo.



*a gibóia*

### CAPÍTULO III: A JIBOIA

*Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, Histórias Vividas, uma imponente gravura. Representava ela uma jiboia que engolia uma fera. Dizia o livro: “As jiboias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão”.*

*Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Responderam-me: “Por que é que um chapéu faria medo?”.*

*Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. (SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP. I)*

O fato de uma jiboia ser capaz de engolir um elefante impressionou tanto o narrador de *O Pequeno Príncipe* que, quando ainda menino, ele decidiu que isto deveria ser registrado em um desenho e compartilhado. Mas ao mostrar sua representação do ser aterrorizante para outros, estes diziam que em nada aquilo parecia com algo assustador. Ele, então, tentou explicar fazendo outro desenho que, desta vez, mostrasse o enorme elefante que tinha no interior. Ainda assim, ele foi aconselhado que deixasse os desenhos de lado e seguisse com a vida. E foi isso que ele fez, pilotando aviões, bem alto e distante de tudo e de todos. Até que um acidente o levou a conhecer primeira a compreender o seu desenho e, a partir daí, tornaram-se amigos. O primeiro amigo que narrador teve na vida.

Atualmente, a criança parece se situar como um sujeito detentor de espaço na sociedade, com mercado consumidor, leis e organizações dedicadas a ela. Mas, a ideia de infância é extremamente moderna. Assim, neste capítulo é desvelada a concepção de *infância* para entender o relacionamento deste conceito com *violência sexual infanto-juvenil*, *propaganda social* e a *ONG Childhood Brasil*.

#### 3.1 ~~ERA UMA VEZ...~~ AINDA É, A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL

Segundo Landini (2003), até meados de 1920, não havia grandes registros midiáticos sobre violência sexual infanto-juvenil. De 1994 a 1999, a autora contabilizou 384 textos jornalísticos publicados apenas no jornal *A Folha de S. Paulo*. Hoje, ao abrirmos as páginas de um jornal ou revista, sintonizarmos em estações de rádio noticiários, clicarmos em canais televisivos ou em links de notícias, frequentemente, algo acerca do assunto é trazido à tona. Será que se trata de uma epidemia?

Qualquer pessoa que tenha acesso ao assunto apenas pelo que é apresentado na mídia, geralmente, pode ter a impressão de que sim. Mas a verdade é que não foi a frequência, mas a

exposição que foi dada ao problema de saúde pública mundial que aumentou com o passar do tempo.

Para entender mais sobre isso, é necessário abranger sobre como a violência sexual infanto-juvenil é compreendida atualmente, resgatando o percurso das relações de poder que envolveram a construção histórica dos conceitos acerca de criança e adolescente. Para a produção deste conhecimento houve a utilização dos estudos de Àries (1981), Azambuja (2004), Azevedo e Guerra (2004), Bass e Thornton (1985), Bubeneck (2004), Butler (1979) Grolli (1999), Landini (2003), Strey (1998), Taquary e Lima (2004).

Azevedo e Guerra (2004) afirmam que a palavra “infância” é originária do latim *infans*, significando “quem não fala”, “aquele que não tem voz”, o que é curioso, pois Butler (1979) considera que, usualmente, as crianças violentadas sexualmente ficam confusas e temerosas demais para relatar o incidente. A palavra “adolescência” vem do Latim *adolescere*, “crescer”, formada por ad-, “a”, mais *alescere*, “ser nutrido”. Assim, apesar de terem “ganhado voz” e de terem um porte físico mais “nutrido” do que o de uma criança pequena, as crianças maiores e adolescentes, Butler afirma (1979), podem sentir-se envergonhadas pelo abuso, ainda mais se o perpetrador/ a perpetradora for alguém da família.

Ainda conforme Butler (1979), outro hábito frequente é o de a vítima infanto-juvenil manter o crime em segredo, por não ter autorização de falar ou não desejar prejudicar o abusador, ou devido ao temor de romper os laços familiares, ou mesmo por receio de ser considerada culpada e, por isso, castigada.

Azambuja (2004) afirma que o fato da criança se apresentar como ser frágil tanto física como psiquicamente, numa sociedade embasada nos valores de um modelo adultocêntrico, falocêntrico e sexista, faz com que a situe na posição de vítima. Esta autora destaca o caráter recente do reconhecimento da preocupação da ciência com os efeitos da violência no desenvolvimento físico, mental, espiritual e social da criança e do adolescente.

Segundo Bass e Thornton (1985), a violência sexual está presente em toda história, independentemente da classe social, grupo étnico ou religioso. As autoras contam que, durante mil anos na China, meninas a partir dos cinco anos eram submetidas pelas próprias mães a um processo torturante de diminuição dos pés, porque os homens eram atraídos sexualmente por pés de oito a dez centímetros, e esta mutilação garantir-lhes-ia um futuro casamento.

As mesmas estudiosas retomam a história dos tempos bíblicos do Antigo Testamento, quando no Talmude – um conjunto enciclopédias gerais que continham o saber tradicional dos hebreus de Jerusalém e da Babilônia – as mulheres e as crianças eram tratadas como

propriedades e, portanto, caso o detentor quisesse, ele poderia vender, alugar ou emprestar seus bens. Assim, mulheres e crianças eram tratadas como mercadorias sexuais que pertenciam a um proprietário particular.

Bass e Thornton (1985) afirmam que de acordo com o Talmude da época babilônica:

O uso de meninas com menos de três anos para fins sexuais não era legalmente regulamentado, porque elas eram consideradas muito jovens para serem virgens legalmente e, portanto, não tinham valor monetário. O sexo com meninas de menos de três anos e meninos menores de nove anos não estava sujeito a nenhuma restrição. Como na caça, estava aberta a temporada (BASS; THORNTON, 1985, p. 24).

As autoras ressaltam, que apesar do consentimento sobre as relações sexuais com o sexo feminino e crianças, o Talmude condenava severamente o sexo entre homens adultos.

Bass e Thornton (1985) observam ainda que, com a chegada do catolicismo, não houve mudanças significativas sobre a questão da violência sexual contra mulheres e crianças. Além de defender o estupro como meio da obrigatoriedade do matrimônio, a lei católica admitia relações sexuais de adultos com crianças, mas subiu a idade mínima legal, de três para sete anos.

O que houve com os romanos com a chegada do cristianismo, segundo Azambuja (2004), foi apenas a proibição do ato sexual com recém-nascidos, o que antes era comum naquela civilização. Bubneck (2004) complementa que a exploração sexual de crianças e adolescentes, de ambos os sexos, era considerado comum na sociedade grega. Esses fatos ocorriam, entre outros locais, na ilha de Creta, onde era bem vista a atitude de um homem de idade avançada raptar adolescentes para seu usufruto.

Ariès (1981) afirma que, durante toda a Idade Média, assim que as crianças não dependiam mais da ajuda das mães e das amas, eram postas juntas com as pessoas jovens, as adultas e as de idade avançada. Isso ocorria aproximadamente por volta dos sete anos de idade. A partir de então, as crianças faziam parte do mundo dos adultos, do qual elas compartilhavam as brincadeiras, os jogos, os trabalhos, as vestimentas e, até mesmo, o sexo, sem qualquer restrição. Ariès (1981) explana que, durante essa época, o convívio de crianças e adultos era tão semelhante, que qualquer leitor moderno ficaria confuso ao ler o diário do médico de Luís XIII, Heroard.

Heroard relata o dia a dia da corte real na qual nasceu o rei Luís XIII, ou seja, a França de 1601, descrevendo a liberdade, beirando ao indecoro, que os adultos tinham com as crianças. Um exemplo é episódio do rei Luís XIII, que ascendeu ao trono alguns meses antes de seu aniversário de nove anos. Quando o príncipe herdeiro ainda tinha pouco mais de um

ano e idade, e por essa época já tinha alguma ciência sobre o significado do seu pênis no futuro matrimônio com Ana de Áustria, a Infanta da Espanha. Por isso, quando, perguntavam-lhe: “Onde está o benzinho da Infanta? Ele põe a mão no pênis” (ARIÈS, 1981, p.75). O mesmo autor complementa:

[...] o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 1981, p.156)

Outro exemplo que remete à França é sobre a exploração de crianças com fins lucrativos. Segundo Bubeneck (2004), na época áurea dos bordéis (1830-1930), uma cafetina foi levada à justiça francesa sob acusação de aliciar crianças para “trabalhar” em seu estabelecimento. Ao ser indagada pelo juiz sobre o fato, a cafetina o confrontou dizendo que quando ele próprio frequentava o seu estabelecimento, considerava as mulheres velhas demais, o mesmo ocorria com o gosto de diversos clientes.

Bass e Thornton (1985) relatam que, pelo período da Inquisição europeia, entre o final do século XV e o final do século XIX, aproximadamente nove milhões de pessoas foram mortas por bruxaria. Grande parte delas que, para confessarem o crime pelo qual eram geralmente acusadas – o de copular com o demônio – eram sujeitadas a torturas e estupros múltiplos até a confissão.

As autoras Azevedo e Guerra (2004) notificam que no Brasil esta prática não foi diferente. Aqui, a responsabilidade da Inquisição era reprimir os desvios sexuais e atos de bruxaria. Desta forma, as mulheres e crianças foram torturadas e mortas por alguma suposta prática sexual não permitida.

As autoras ainda ilustram fazendo menção à primeira visita do Santo Ofício da Inquisição à Bahia em 1591, quando um sacerdote de 46 anos de idade confessou que, por duas vezes, perpetrou atos de violência sexual contra meninas (ambas de seis ou sete anos de idade). Segundo as leis do Santo Ofício, o clérigo não havia perpetrado crime, pois ele não havia feito conjunção anal com elas, o que naquele tempo era execrado pela igreja como abominável pecado de sodomia.

Segundo as mesmas autoras, isso ocorria devido ao fato dos homens ditarem as normas sobre os atos sexuais, julgando suas restrições, proibições, punições, assim, as mulheres e as crianças eram castigadas quando apresentavam ações que transgredissem as regras impostas.

Sobre regras legais que protegessem a criança e o adolescente, Taquary e Lima (2004) destacam que a primeira Declaração dos Direitos da Criança aconteceu em Genebra, em 1924. A declaração não tratou sobre a questão específica da exploração sexual infantil e nem sobre o comércio sexual da criança. A questão teve penalidade jurídica apenas 35 anos mais tarde, na Assembleia Geral da ONU, onde a Declaração dos Direitos da Criança foi proclamada.

No Brasil, a Convenção sobre os Direitos da Criança foi ratificada pelo em 20 de setembro de 1990 e passou a definir como criança e adolescente, *todo o ser humano com idade inferior dezoito anos*. Neste documento, foi decidido que os interesses superiores da criança serão priorizados em todas as medidas tomadas por instituições de bem-estar social, públicas ou privadas.

A garantia de direitos e deveres dos pais ou responsáveis legais, tomando todas as providências legislativas e administrativas também consta no documento que se propõe a assegurar que a sobrevivência e o desenvolvimento da criança ocorrerão em condições de dignidade humana e respeito aos costumes da comunidade onde ela está inserida.

É o artigo 34<sup>o</sup><sup>24</sup>, da Convenção sobre os Direitos da Criança (2003, p.23), que aborda nomeadamente da proteção da criança e do adolescente às situações de abuso e exploração sexual, como segue abaixo.

**Exploração sexual.** O Estado deve proteger a criança contra a violência e a exploração sexual, nomeadamente contra a prostituição e a participação em qualquer produção de caráter pornográfico.

Artigo 34 - Os Estados Partes comprometem-se a proteger a criança contra todas as formas de exploração e de violência sexuais. Para esse efeito, os Estados Partes devem, nomeadamente, tomar todas as medidas adequadas, nos planos nacional, bilateral e multilateral para impedir:

- a) Que a criança seja incitada ou coagida a dedicar-se a uma atividade sexual ilícita;
- b) Que a criança seja explorada para fins de prostituição ou de outras práticas sexuais ilícitas;
- c) Que a criança seja explorada na produção de espetáculo ou de material de natureza pornográfica.

Vale ser destacado, também, que, devido ao caráter tardio da denúncia do crime por parte da vítima, no dia 18 de maio de 2014, *Dia de Luta contra o Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*, entrou em vigor, no Brasil, a Lei nº 12.650. A lei que modificou as regras relativas ao prazo prescricional dos crimes contra a dignidade sexual de crianças e

---

<sup>24</sup> Disponível em : [https://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf) . Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

adolescentes. Assim, a prescrição<sup>25</sup> que era de 20 anos após o crime, passou a ser 20 anos a partir da idade de 18 anos da vítima.

Mas, apesar dos avanços sociais e legais, constata-se que muitas das práticas citadas no decorrer do histórico da violência continuam a acontecer. Nos jornais são veiculadas notícias como: “Um em cada quatro casos de violência sexual infantil no País atinge crianças de até um ano<sup>26</sup>”, “5,4 milhões de brasileiros relatam abuso sexual na infância”<sup>27</sup> é confirmado a frequência constante e o grande número em que os casos de violência sexual contra e crianças e adolescentes ocorrem.

Bass e Thornton (1985) alertam sobre os apelos feitos pela mídia que desvaloriza a mulher e a criança colocando-as como objetos sexuais em jornais, revistas e programas de televisão, mediante publicidades e anúncios.

Apesar do livro das autoras registrar a edição de 1985, temos um exemplo da afirmação na primavera de 2014, em um ensaio da Vogue Kids<sup>28</sup>, no qual há imagens de uma menina, de seus sete anos, trajando short e camiseta maneira sentada sedutora e de pernas abertas. Na outra foto, ela está de biquíni deitada de barriga para cima, olhando pra trás e, novamente, com as pernas abertas. O que não se vê, em nenhum momento, é uma garotinha: sorrindo, brincando ou correndo na praia. Estas imagens foram tiradas do ar em outubro de 2014, pois foi levantada a discussão que as fotos não vendiam apenas roupas, mas um estilo, uma estética que absorve a infância em função do consumo e da objetificação sexual.

As autoras acertam ao afirmar que a sociedade deve ficar atenta às tentativas de objetificação sexual que ganham novas conotações e apresentam-se numa roupagem aparentemente inofensiva que podem vir a reforçar a prática do crime de violência sexual contra a mulher, a criança e o adolescente.

Apesar de a violência sexual ser condenada ostensivamente, produtos culturais como filmes, revistas, publicidade, literatura, etc. Trazem representações que confundem crianças

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/18-de-maio/prescricao-para-crime-de-abuso-e-exploracao-sexual-de-menores-tem-prazo-estendido>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

<sup>26</sup> Disponível em : <http://noticias.r7.com/brasil/um-em-cada-quatro-casos-de-violencia-sexual-infantil-no-pais-atinge-criancas-de-ate-um-ano-12052014>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

<sup>27</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/54-milhoes-de-brasileiros-sofreram-abuso-sexual-na-infancia>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://twitter.com/mcg58/status/510713873029029888>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2015.

com mulheres adultas e ambas com objetos. Mulheres trajando roupas sedutoras ou infantis posam sensualmente, enquanto contornadas por objetos de consumo. Adolescentes e pré-adolescentes são fotografados com um foco difuso e usando roupas adultizadas ou pouca roupa, posando como adultos.

Segundo Bass e Thornton (1985), ao obedecer a esses códigos, a criança agirá de acordo com as expectativas adultas, pois deseja a aprovação deles. E tanto mulheres adultas quanto as crianças são retratadas como propriedades para posse masculina, dando a entender que elas podem ser – e devem ser – consumidas sexualmente.

Mas filmes, revistas, publicidade, literatura, etc., também podem servir como meios de difusão de conhecimento sobre o que é considerado como sendo violência sexual e as formas de prevenção, remediação e punição deste crime. Podendo, deste modo, contribuir para que crianças, adolescentes e até as mulheres não sejam mais vitimadas durante a história.

Assim, é importante que sejam realizados esforços de promover a representatividade de crianças, adolescentes e mulheres na mídia, mas não enquanto objetos, e sim como sujeitos de direitos. Um dos meios difusores de informação para prevenção ou remediação da violência sexual infanto-juvenil é a propaganda social, este meio de comunicação está mais bem revelado na próxima seção, mas antes de abranger este conceito, é ainda necessário explicar as formas de violência sexual contra a criança e o adolescente.

### 3.1.1 Violência sexual infanto-juvenil, as diferentes caras desse Bicho-Papão

Segundo a *Cartilha de Enfrentamento aos Crimes de Violência Sexual Infanto-juvenil*<sup>29</sup>, entende-se por esta violência como sendo:

O ato praticado pela pessoa que usa criança ou adolescente para satisfazer seu desejo sexual, ou seja, é **qualquer jogo ou relação sexual, ou mesmo ação de natureza erótica**, destinada a buscar o prazer sexual com crianças ou com adolescentes. Também pode ser qualquer forma de exploração sexual de crianças e adolescentes (incentivo à prostituição, a escravidão sexual, turismo sexual, pornografia infantil). (MALTA, S/D, p.17).

Conforme as leis brasileiras, presume-se ocorrência de violência em qualquer ato sexual praticado por pessoas maiores de idade com pessoas de idade inferior a 14 anos. Várias outras práticas sexuais entre pessoas maiores de idade e adolescentes acima de 14 anos também são consideradas como sendo crimes sexuais, dependendo: (a) do grau de parentesco

---

<sup>29</sup> Disponível em: [http://www.magnomalta.com/portal2/pdf/Cartilha\\_frente\\_verso.pdf](http://www.magnomalta.com/portal2/pdf/Cartilha_frente_verso.pdf) Acessado em: dez de fevereiro de 2015.

ou status de responsabilidade legal e social entre elas; (b) dos meios utilizados para obtenção da ato sexual e (c) da existência ou não de consentimento. Qualquer prática sexual constrangida através do emprego de violência ou de grave ameaça é considerada crime/violência, seja ela exercida contra crianças, adolescentes ou adultos.

Práticas sexuais entre uma pessoa maior de 18 anos e outra entre 14-17 anos, quando obtidas por intermédio de sedução, indução ou exercício de poder são também criminalizadas. A alegação de consentimento por parte da criança e do adolescente nas eventuais práticas sexuais com adultos deve ser sempre questionada e contextualizada, uma vez que elas/eles são considerados seres humanos em condição peculiar de desenvolvimento, quando a capacidade de autonomia para consentir ou não está ainda em processo de construção.

Segundo Santos e Ippolito (2009), as formas de violência sexual contra a criança e o adolescente podem ocorrer sem o contato físico, *por estimulação* (carícias inapropriadas nas partes íntimas, masturbação e contatos genitais incompletos) ou *por realização* (tentativas de violação ou penetração oral, anal e genital)

Segundo as informações da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência ou Abrapia (2002a), a violência sexual sem contato físico pode ser transfigurada das seguintes maneiras:

- ★ *Abuso sexual online*: jogo sexual imposto por um adulto a uma criança ou a um adolescente via internet (por meio das ferramentas de bate-papo, como chats, e-mails e sites de relacionamento) e que envolvem nudez e masturbação diante de webcams, veiculação de fotos eróticas ou pornográficas, exibição dos genitais, uso de linguagem sexual, aliciamento para fins sexuais, entre outras práticas abusivas. Pode resultar em convites marcando encontros secretos com vistas ao abuso ou à exploração sexual.
- ★ *Assédio sexual*: ato de constranger alguém com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual. O agente se aproveita de sua ascendência ou superioridade hierárquica sobre a vítima.
- ★ *Exibicionismo*: ato de mostrar os órgãos genitais ou se masturbar em frente a crianças ou adolescentes ou dentro do campo de visão deles. A experiência pode ser assustadora para algumas crianças e adolescentes.
- ★ *Pornografia infanto-juvenil*: ato de apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive internet, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente.

- ★ *Telefonemas obscenos*: estes também são uma modalidade de abuso sexual verbal. A maioria deles é feita por adultos, especialmente do sexo masculino. Eles podem gerar muita ansiedade na criança, no adolescente e na família.
- ★ *Violência sexual verbal*: ato de proferir palavras e conversas a respeito de atividades sexuais, nas quais o abusador pretende despertar e chocar o menor.
- ★ *Voyeurismo*: Ato de observar fixamente atos ou órgãos sexuais de outras pessoas quando elas não desejam ser vistas, o observador obtendo satisfação com essa prática. A experiência pode perturbar e assustar a criança e o adolescente. Nas relações sexuais entre adultos, o voyeurismo pode ser uma prática sexual consentida.

A violência sexual contra a criança e o adolescente *por estimulação* ocorre quando uma pessoa maior de 18 anos constrange uma criança ou adolescente, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele ou com ela se pratiquem atos libidinosos diversos da conjunção carnal, como toques ou carícias inapropriadas nas partes íntimas, masturbação e contatos genitais incompletos. Existe ainda a violência sexual infanto-juvenil *por realização*, caracterizada por toda e qualquer tentativas de violação ou penetração oral, anal e genital.

O fato é que há muitos casos de violência sexual contra a criança e o adolescente, e a constatação destes crimes pode ser fácil, difícil ou impossível, já que, caso não (d)enunciada, as marcas da violência podem não deixar sinais visíveis aos olhos ou trabalhos técnicos e periciais. Muitos sinais são dados pela criança, mas muitas vezes o temor e o desconhecimento fazem com que os adultos não os percebam.

De acordo com Santos e Ippolito (2009), quanto às modalidades de violência sexual infanto-juvenil, elas poder ser configuradas como: intrafamiliar, extrafamiliar e exploração sexual.

Segundo Vivarta (2003), a agressão sexual durante a infância é, geralmente, perpetrada por pessoas que a criança conhece e nas quais confia. Assim, a maior parte dos casos de violência sexual nasce no ambiente familiar. Conforme as palavras do autor:

A violência sexual contra crianças e adolescentes tem origem nas relações desiguais de poder entre os personagens do crime. Denominações de gênero, classe social e faixa etária sob o ponto de vista histórico cultural, contribuem para a manifestação de abusadores e exploradores. A fragilidade da vítima, sua incapacidade de resistir aos ataques e o fato de a eventual revelação do crime não representar grande perigo

para quem o comete são condições que favorecem sua ocorrência. Meninas são mais vulneráveis à violência que meninos – oito em cada dez vítimas de abuso sexual ou de exploração sexual são do sexo feminino, independentemente da classe socioeconômica a que pertencem, apontam dados do Ministério da Assistência e Promoção Social. Os que estão em estratos sociais menos privilegiados são mais suscetíveis à exploração – a pobreza influencia e potencializa o delito sexual para fins comerciais. E, de modo geral, crianças são mais dóceis aos comandos dos adultos, particularmente se lhes são familiares. Por isso, muitas vezes o abuso ocorre no ambiente doméstico. (VIVARTA, 2003, p. 44)

Muitas vezes, no caso de vítimas de ocorrência *intrafamiliar* ou *incesto*, a família da vítima prefere manter a violência sexual de modo particular, optando por escondê-la a revelá-la e se sujeitar a qualquer forma de condenação ou mesmo preconceito social. Existem também casos nos quais, quando o fato chega ao conhecimento de outros adultos, a criança e /ou o adolescentes são desacreditados, incompreendidos ou ameaçados (pelo abusador e quem lhe acredite). Revela-se, portanto, o silêncio tácito da família, o que gera: (a) oportunidades para que o perpetrador continue com a violência; (b) alto grau de impunidade aos perpetradores; (c) a fuga de casa fazendo com que a criança e o adolescente fique nas ruas e, assim, sujeitas as rede de exploração sexual.

A violência sexual extrafamiliar ocorre quando o agressor não faz parte da família. Segundo dados da Abrapia (2002a), entre 85% a 90% das situações, as crianças e os adolescentes são sexualmente abusados por pessoas que já conhecem, como: amigos da família, vizinhos, colegas de escola, babá, professor ou professora, médico ou médica, ou familiares. A violência sexual intrafamiliar corresponde à maioria dos crimes notificados – 52%. O incesto, ou seja, as relações, com pai ou mãe, irmãos ou irmãs biológicos ou não, conta como sendo 44% desse universo.

Ferreira (2003) esclarece o conceito social de *pedofilia* como sendo a atração erótica de um adulto por crianças. Segundo o mesmo autor, o conceito médico deste termo aponta para um desvio sexual do qual a pessoa não pode se desvencilhar. Essa atração pode ser elaborada no terreno da fantasia ou se materializar por meio de atos sexuais com meninos ou meninas. Nesse sentido, existem muitos pedófilos que atuam na fantasia e muitas vezes não têm coragem de colocar em ato seu real desejo. Portanto, ***não pode ser afirmado que todo pedófilo seja um agressor sexual e o contrário também não é verdadeiro.***

Segundo Ferreira (2003), a *exploração sexual* é caracterizada pela relação sexual de uma criança ou adolescente com adultos, mediada pelo pagamento em dinheiro ou qualquer outro benefício. Ela pode ser configurada como *agenciada, não-agenciada, pornografia e tráfico para fins sexuais*:

- ★ *Exploração sexual agenciada* é quando há a intermediação por uma ou mais pessoas ou serviços de acompanhamento.
- ★ *Exploração sexual não-agenciada* é a prática de atos sexuais realizada por crianças e adolescentes mediante pagamento ou troca de um bem, droga ou serviço
- ★ *Pornografia* é a produção, utilização, exibição, comercialização de material (fotos, vídeos, desenhos) com cenas de sexo explícito envolvendo crianças e adolescentes ou imagem, com conotação sexual, das partes genitais de uma criança.
- ★ *Tráfico para fins sexuais* é a prática que envolve aliciamento, rapto, intercâmbio, transferência e hospedagem da pessoa recrutada para essa finalidade. O mais recorrente é que o tráfico para fins de exploração sexual ocorra de forma disfarçada por agências de modelos, turismo, trabalho internacional, namoro-matrimônio, e, mais raramente, por agências de adoção internacional.

### 3.1.2 De possíveis vítimas a heróis – formas de empoderamento infanto-juvenil frente à violência sexual

A frase “*esse assunto não é para sua idade*” oculta, em muitos casos, uma lógica de desvalorização intelectual e potencial infanto-juvenil. Privar crianças do conhecimento é uma forma de negligenciar a capacidade intelectual e transformadora das crianças enquanto sujeitos socioculturais e políticos. A sexualidade da criança e do adolescente precisa se desenvolver em um ambiente propício para que eles tenham uma vida sexual saudável e feliz. A prevenção e o cuidado em relação à violência sexual não podem se transformar em medo de sexo

Assim, é necessário um trabalho educativo global, enfocando a educação para saúde sexual, seja ele realizado em casa, na escola ou em uma entidade social. E, para tal, o *Guia de Referência da Childhood Brasil*<sup>30</sup> sugere quatro modalidades de ações de enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil: *informar, educar, incluir e sensibilizar*.

(I) **Informar** – a informação é uma ferramenta decisiva na prevenção da violência sexual infanto-juvenil. Segundo a Abrapia (2002b), ela é a maneira mais econômica, eficaz e abrangente para se evitar a violência contra crianças. Através da informação atua-se para modificar condutas e formar novas culturas, sensibilizando e

---

<sup>30</sup> Disponível em <http://www.childhood.org.br/wp-content/uploads/2010/12/Guia-de-Referencia.pdf>. Acessado em: dez de fevereiro de 2015.

mobilizando a sociedade. Assim, ela deve estar na base das atividades de enfrentamento à violência sexual. Ainda de acordo com a Abrapia (2002b) algumas formas de informação são a utilização de dados estatísticos e pesquisas para contribuir a compreensão das dimensões do fenômeno. Notificações sobre *o que é, quais formas, e quem é propenso a perpetrar a violência* através de quadros comparativos entre “os mitos” e “a realidade” pode oferecer ao uma rápida abordagem sobre a caracterização do abuso sexual. Outras possibilidades são: o mapeamento de casos de violência que as crianças e os adolescentes já ouviram falar e também utilizar vídeos que abordem o tema.

(II) **Educar** – a educação é a melhor forma de prevenção; Saber a hora e a melhor maneira de falar sobre sexualidade com as crianças e seus pais é muito importante. De acordo com Hazeu (2004), conhecer as características de cada fase do crescimento da criança pode ajudar a evitar equívocos na maneira de lidar com a sexualidade das crianças e dos adolescentes, respeitando formas de expressão da sexualidade, sem reprimi-las, e enfrentando a invasão da sexualidade infantil por adultos.

Diante disso, um bom programa de educação sexual continuada tem potencial de empoderar as crianças e os adolescentes para que eles mesmos se defendam de eventuais agressões. Abaixo estão algumas sugestões sobre a educação sexual de acordo com as idades adaptadas do texto<sup>31</sup> da *Healthy Children Organization*:

- ★ Entre 18 meses e três anos, ensine a ele ou ela o nome das partes do corpo.
- ★ Entre três e cinco anos, converse com eles sobre as partes privadas do corpo (aquelas cobertas pela roupa de banho) e também como dizer **não**. Fale sobre a diferença entre "o bom toque e o mau toque".
- ★ Após os cinco anos, a criança deve ser bem orientada sobre sua segurança pessoal e alertada sobre as principais situações de risco.
- ★ Depois dos oito anos, deve ser iniciada a discussão sobre os conceitos e as regras de conduta sexual que são aceitas pela família e devem ser fornecidas informações básicas sobre reprodução humana.

---

<sup>31</sup>Disponível em: <http://www.healthychildren.org/English/safety-prevention/at-home/Pages/Sexual-Abuse.aspx>  
Acessado em: dez de fevereiro de 2015.

(III) **Incluir** – outra forma de prevenir/remediar a violência é a inclusão social da criança “diferente”. Muitas crianças que foram abusadas possuem baixo nível de autoestima, crescem isoladas dentro de casa ou na comunidade, percebendo-se diferentes das outras, e não recebendo qualquer orientação sexual.

Nesse caso, cabe à escola ou a uma instituição social que dê atenção à infância e adolescência, desenvolver uma proposta pedagógica inclusiva e respeitosa da diversidade (social, cultural, de gênero, raça, etnia e que leve em conta também as crianças com deficiências) e criar um ambiente que conduza as crianças e adolescentes a desenvolver um bom nível de estima própria e relações de amizade. Além de promover esse ambiente, os profissionais podem também falar com os pais e/ou os responsáveis das crianças e adolescentes sobre a importância dessa atmosfera dentro de casa.

(IV) **Sensibilizar** – segundo a Abrapia (2002a), as instituições sociais que dão atenção à infância e adolescência devem informar os responsáveis e/ou pais sobre as relações de gênero, desenvolvimento e sexualidade infanto-juvenil para fortalecer a criança e o adolescente contra o abuso sexual. E, desta maneira, tentar sensibilizá-los à:

- ★ Manter uma relação de confiança com as crianças em que elas sintam que têm um canal aberto de comunicação com mães, pais e outros responsáveis.
- ★ Dispor de tempo para os filhos, ouvir e acreditar neles, por mais absurdo que pareça o que estão contando.
- ★ Construir uma rede social de suporte que contribua com os familiares nas tarefas de proteção da criança, nos momentos em que o membro da família encarregado tenha que se ausentar do lar. Visto que a maioria dos atos de abuso intra e extrafamiliar ocorre quando a criança encontra-se a sós com jovens e adultos na própria casa ou na casa de conhecidos

Um dos meios difusores de informação, educação e sensibilização da sociedade é a propaganda social, melhor esclarecimento sobre este meio de comunicação está mais bem revelado na próxima subseção.

### 3.2 A MENSAGEM PUBLICITÁRIA E A MENSAGEM PROPAGANDÍSTICA

O referencial teórico que diferencia o gênero discursivo publicitário do gênero discursivo propagandístico é composto pelos seguintes teóricos: Benjamin (2001), Childs (1963), Kotler (2002), Lasswell (1982), Rabaça e Barbosa (1987), Sant'anna (1998) e Trindade (2005).

O presente estudo trata-se de uma análise de uma campanha social antiviolação sexual infanto-juvenil, mas para compreender sobre a forma de interação social eleita para análise, é necessário que sejam definidos, primeiramente, os conceitos de publicidade e de propaganda, pois, mesmo que, muitas vezes, os dois termos sejam tidos como sinônimos, e com o passar do tempo eles estejam mais similares, estes termos se diferem quanto à finalidade.

Quanto à origem das palavras, segundo Sant'anna (1998), a palavra “publicidade”, a princípio, designava o ato de divulgar, de tornar público. Ela teve origem no latim *publicus*, que significa público, e deu origem ao termo francês *publicité*. No dicionário da Academia Francesa, Rabaça e Barbosa (1987) identificaram o uso de *publicité*, pela primeira vez em língua moderna. A palavra tinha sentido jurídico e referia-se à publicação (afixação) ou leitura de leis, éditos, ordenações e julgamentos.

Posteriormente, o termo publicidade perdeu o seu sentido ligado a assuntos jurídicos e no século XIX, e passou a significar qualquer forma de divulgação de produtos ou serviços, através de anúncios, geralmente pagos, e veiculados sob a responsabilidade de um anunciante identificado, com objetivos de interesse comercial.

Já a palavra “propaganda” é originária do verbo latim *propagare* e não intenta vender. Geralmente dedicada à resolução de questões políticas e religiosas, também com linguagem persuasiva, mas com caráter ideológico. Ela se difere, portanto, da publicidade, pois se dedica à divulgação e disseminação de ideias, princípios e doutrinas.

O termo propaganda foi utilizado pela primeira vez no século XVII, pela Igreja Católica, tendo como objetivos fundar seminários destinados a formar missionários para difundir a religião e a imprimir livros religiosos e litúrgicos.

Lasswell (1982) não entende a propaganda como uma simples difusão de ideias e doutrinas. Para ele, a propaganda baseia-se nos símbolos para chegar a seu fim: a manipulação das atitudes coletivas. Assim, o uso de representações para produzir reações coletivas pressupõe um método de propaganda.

Childs (1967) afirma que o Instituto de Análise da Propaganda, uma organização norte-americana dedicada ao estudo dos métodos utilizados pelos propagandistas para influenciar a opinião pública, define propaganda como uma expressão de opinião ou ação por parte de indivíduo ou grupos, deliberadamente destinada a influenciar opiniões ou ações de outros indivíduos ou grupos relativamente a fins predeterminados.

No código brasileiro de defesa do consumidor, Benjamin (2001, p.270), defende que:

Não se confundem publicidade e propaganda, embora, no dia-a-dia do mercado, os dois termos sejam utilizados um pelo outro. A publicidade tem um objetivo comercial, enquanto a propaganda visa um fim ideológico, religioso, filosófico, político econômico ou social. Fora isso, a publicidade, além de paga, identifica seu patrocinador, o que nem sempre ocorre com a propaganda. (BENJAMIN, 2001, p.270)

Assim, de acordo Benjamin (2001), o Código de Defesa do Consumidor trata apenas da publicidade, não se preocupando com a propaganda. Tal fato serve como prova de que sempre que um anúncio de televisão, rádio ou jornal se referir a um produto ou a um serviço, ainda que de maneira indireta, o que está em questão é a publicidade. Logo, pode a publicidade vincular o fornecedor junto ao consumidor para o cumprimento de uma determinada obrigação, o que não é possível com a propaganda.

A diferenciação entre a propaganda e a publicidade pode ter dos mínimos aos máximos níveis de complexidade, ideias defendidas envolvendo a espécie e o gênero. Porém a intenção da obtenção do lucro com certeza torna-se o mais importante aspecto diferenciador, logicamente para a publicidade. Ficando assim determinado que a intenção primordial da propaganda é a de não gerar lucros econômicos e sim de propagação de certa filosofia.

Bakhtin (2011) afirma que os gêneros discursivos se caracterizam pela maleabilidade e plasticidade dinâmica. Assim, com o passar dos anos, tanto a publicidade quanto a propaganda foram adquirindo novos sentidos e diversas funções; e uma enunciação imprime, de alguma maneira, uma representação histórico sociocultural de um lugar e uma época. Este pensamento na perspectiva de Trindade (2005, p. 87) é dado com as seguintes palavras: “a publicidade é realmente um reflexo e um elemento adjuvante no processo de consolidação e de incorporação, por parte dos indivíduos, na assimilação e na aceitação dos valores da modernidade-mundo”.

A publicidade, então, não vende um produto, mas status e é por isso que foi suscitada a polemica sobre a publicidade infantil. Pois, segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), toda publicidade que tem o público infantil como interlocutor

desrespeita o princípio da identificação, pois a criança não tem condições de analisar criticamente o interesse mercadológico que existe por trás da informação direcionada a ela.

Assim, o artigo 37º do Código de Defesa do Consumidor, a publicidade direcionada ao público infantil é abusiva, pois se aproveita da deficiência de julgamento da criança. Deste modo, é válido ressaltar que a publicidade infantil é proibida, a propaganda destinada ao interlocutor infanto-juvenil, não.

A propaganda social se difere da publicidade, pois segundo Kotler (2002), o primeiro conceito está relacionado com o uso de princípios e técnicas de marketing para influenciar um público-alvo para que, muitas vezes, de forma voluntária, aceite modificar ou abandonar um comportamento para os benefícios de indivíduos, grupos ou a sociedade como um todo.

Essa ferramenta tem sido amplamente utilizada para promover mudanças sociais, especialmente no âmbito de planejamento familiar, saúde pública, HIV / AIDS, segurança do tráfego rodoviário, consumo excessivo de drogas e álcool, percepção pública sobre deficientes físicos, desemprego, adoção, desidratação e o combate à violência sexual contra a mulher, a criança e o adolescente, são alguns dos exemplos das mensagens. Quanto aos meios de difusão da mensagem publicitária ou propagandística é discutido a seguir.

### **3.2.1 Os meios e as mensagens**

A propaganda encontra em qualquer forma de interação social um meio de difundir ideias, a publicidade torna todo e qualquer veículo de comunicação comercializável. Sendo assim, segundo Nagle e Stanley (2009), a propaganda é uma atividade humana tão antiga quanto os registros de que algo acontece ou aconteceu. A inscrição de Behistun (cerca de 515 a.C.), detalhando a ascensão de Dario I ao trono persa é vista pela como um dos primeiros exemplos de propaganda.

De acordo com Sant'anna (1998), é na Antiguidade Clássica quando se encontram os primeiros sinais da atividade publicitária verbal, como evidenciam as tabuletas descobertas em Pompéia. As tabuletas, além de anunciarem combates de gladiadores, faziam referências às diversas casas de banhos existentes na cidade. Nesta fase, a publicidade era, sobretudo, verbo-sonora através de gritos, cantorias gestos dos quais os pregoeiros se utilizavam para anunciar as vendas de escravos, gado e outros produtos, ressaltando as suas virtudes procuravam tornar conhecido do público a sua mercadoria.

Hoje em dia, os meios de divulgar informações são os mais variados, que podem ir desde a propaganda boca-a-boca até os últimos avanços tecnológicos da comunicação integrada. Assim, segundo Kaplan e Haenlein (2009b), a melhor estratégia de saber as vantagens e as desvantagens na hora de escolher entre os meios de comunicação é saber, primeiramente, qual o objetivo da sua publicidade e/ou propaganda que pode ser de questões desde dar maior visibilidade a um produto ou uma ideia, melhor relacionamento e contato com o público. Para poder eleger entre uma mídia ou uma mídia social.

A palavra mídia refere-se a instrumentos tradicionais de comunicação como o jornal, televisão ou o rádio. Esses meios podem ser caracterizados como uma via de mão única, na qual você tem poucas possibilidades de participar ou dar sua opinião a respeito. De acordo com a definição de Kaplan e Haenlein (2009a), as mídias sociais são a redes sociais de interação de rede, as quais possibilitam a criação e o intercâmbio de conteúdos, muitos dos quais gerados pelos locutores e pelos interlocutores. Ou seja, tem espaço dinâmico para a compreensão ativa responsiva e contrapalavra.

Outro ponto importante, ainda conforme Kaplan e Haenlein (2009b), é preciso conhecer bem e especificar o interlocutor, pois crianças, adolescentes e adultos, homens e mulheres, procuram e compartilham coisas diferentes e interagem de maneiras diversas. Sabendo *o que é e para quem é* a mensagem.

Quando se trata de um problema de saúde mundial pública que acontece com pessoas independentemente da origem, cor, gênero, crença religiosa e classe social econômica, como a violência sexual que acomete as crianças e os adolescentes, a intenção é abranger o maior número de sujeitos possível.

Como visto na subseção anterior, alguns dos interesses podem variar conforme o intuito seja o de informar a sociedade sobre o que é e as diferentes formas que se apresentam a violência sexual contra a criança e o adolescente, educar a criança sobre a sexualidade e as possíveis formas de agressão e/ou sensibilizar os pais e os responsáveis, por exemplo.

O próximo passo, de acordo com Kaplan e Haenlein (2009b), é definir como ela vai chegar ao interlocutor. Alguns métodos de transmissão de mensagens propagandísticas, em sua grande maioria, são os textos de linguagens verbal, visual, sonora e suas correlações.

Segundo Públío (2008), uma campanha é composta por um conjunto de peças publicitárias ou propagandísticas, que podem ser lidas individualmente, pois são mensagens completas. Contudo, a utilização de várias peças em diferentes mídias, ou seja, diferentes linguagens (verbo-visual, sonora, verbo-sonora-visual) se vale para criar na mente do receptor a melhor fixação da ideia e compor um embasamento informativo.

Para a campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, a *Childhood Brasil* utilizou as mídias sociais e mídias convencionais para divulgar seu material verbo-visual e verbo-sonoro-visual. Assim, na análise desse material, é utilizado o estudo produzido por Vestergaard/Schroder (2004) que fazem um estudo sobre a composição do enunciado verbo-visual publicitário ou propagandístico. Segundo estes autores, cada palavra e cada imagem é colocada em um anúncio a fim de causar atenção, interesse, desejo e convicção para a partir disso, levar os locutores à ação.

Além da teoria promovida pelos filósofos do Círculo de Bakhtin, são esses os autores levados em consideração na análise do enunciado verbo-visual e do enunciado verbo-sonoro-visual que se encontram no quarto capítulo deste estudo. Um pouco sobre o locutor da campanha encontra-se a seguir.

### 3.3 CHILDHOOD BRASIL, UMA RAINHA EM DEFESA DA INFÂNCIA

A Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais – ABONG, fundada em 1991, apresenta no art. 2º do seu estatuto<sup>32</sup> a seguinte definição para as ONGs:

[...] são consideradas Organizações Não-Governamentais – ONGs, as entidades que, juridicamente constituídas sob a forma de fundação, associação e sociedade civil, todas sem fins lucrativos, notadamente autônomas e pluralistas, tenham compromisso com a construção de uma sociedade democrática, participativa e com o fortalecimento dos movimentos sociais de caráter democrático, condições estas, atestadas pelas suas trajetórias institucionais e pelos termos dos seus estatutos.

Segundo Landim (1993) e Gohn (2000), a expressão ONG (Organização Não-Governamental), foi criada pela Organização das Nações Unidas – ONU, na década de 1940, para designar entidades não-oficiais que recebiam subsídio de órgãos públicos para executar projetos de interesse social, dentro de uma filosofia de trabalho denominada desenvolvimento de comunidade.

Além desses e de outros conceitos que surgem para definir as organizações não-governamentais, destaca-se o que foi formulado pela Comissão Sobre Governança Global (1996), por constituir as ONGs como um grupo diverso e multifacetado. Suas perspectivas e suas áreas de atuação podem ser locais, regionais ou globais.

Ainda segundo Comissão Sobre Governança Global (1996), algumas ONGs se dedicam a determinadas questões ou tarefas; outras são movidas por ideologias. Existem também aquelas que visam o interesse público em geral, enquanto outras têm uma perspectiva

---

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.abong.org.br>. Acessado em 16/01/2015

mais estreita e particular. Assim, as organizações não-governamentais tanto podem ser pequenas entidades comunitárias cujas verbas são escassas, como disposições de grande porte, bem dotadas de recursos humanos e financeiros. Elas podem atuar individualmente ou formar redes de troca de informações e divisões de tarefas, bem como ampliar seu impacto.

A abrangência do conceito acima citado é o aqui adotado por dois motivos centrais, primeiro porque reconhece a heterogeneidade das ONGs e, segundo, porque não as generaliza como sendo não lucrativas, não governamentais e não assistencialistas.

A heterogeneidade das ONGs levou Gohn (2000) a identificar quatro tipos de organizações não-governamentais atuando no Brasil: as caritativas, as desenvolvimentistas, as ambientalistas e as cidadãs. Aqui é tratado de uma “ONG cidadã”, que, conforme a autora, trata-se de organizações que nascem e crescem referidas ao campo das associações e dos movimentos sociais como agentes de democratização.

As ONGs cidadãs são voltadas para reivindicação dos direitos de cidadania, atuam no espaço urbano construindo redes de solidariedade, promovendo ou participando de programas e serviços sociais básicos e emergenciais, atuando junto a minorias discriminadas. Essas ONGs, em particular, têm uma grande atuação junto aos canais de comunicação e reivindicam políticas públicas, fornecendo subsídios para sua elaboração, fiscalizando-as ou fazendo denúncias quando ocorrem violações ou omissões.

Santos et al. (2004) apontam que as primeiras organizações brasileiras para a proteção de crianças contra maus-tratos surgiram nos anos de 1980. Para eles, isso não significa que as crianças não eram negligenciadas ou abusadas física e sexualmente no passado, nem que não existissem atendimentos para elas, mas que não existiam, até então, instituições especializadas que trabalhassem apenas com esse tipo de clientela. Os atendimentos às crianças eram realizados em ambulatórios e hospitais comuns.

Em 1999, a rainha Silvia da Suécia fundou em São Paulo, onde passou sua infância, a primeira sede da organização mundial, a *Childhood*<sup>33</sup>. Um projeto com intuito de: informar, prevenir, combater e oferecer os devidos cuidados à crianças e adolescentes que foram vítimas da violência sexual.

Desde 1999 a *Childhood Brasil* luta por uma infância livre de violência e exploração sexual. A organização apoia projetos, desenvolve programas regionais e nacionais, influencia políticas públicas e transforma a vida de muitas crianças e adolescentes. Também educa os

---

<sup>33</sup> Como explicitado na seção “Quem somos” encontrada no site da organização. Disponível em: <http://www.childhood.org.br/>. Acessado em: três de fevereiro de 2015.

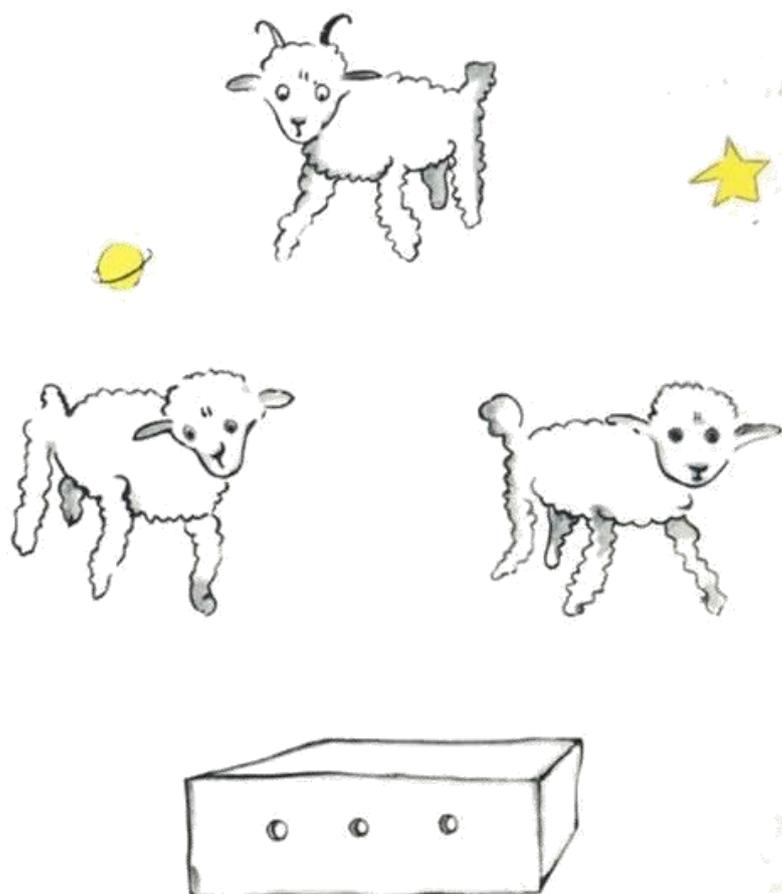
diferentes agentes, orientando como cada um pode agir para lidar com o problema, promovendo a prevenção e formando proteção em rede para meninos e meninas.

Em 2012, a organização iniciou uma série de propostas para a sociedade civil reduzir o impacto negativo dos megaeventos, como Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016), na exploração e na violência sexual infanto-juvenil.

Segundo o site da organização, a *Childhood Brasil* apresentou um mapeamento de iniciativas e discussões empreendidas pelos governos federal, estaduais e municipais e como a sociedade civil vem se articulando numa atuação em conjunto para enfrentamento da violência sexual contra meninos e meninas nos próximos anos. Em seguida, a organização fez a iniciativa de tentar engajar organizações civis à causa.

O intuito de tal iniciativa era articular os setores de Turismo, Cultura, Educação e Lazer, em função de uma campanha unificada visando a sensibilização da sociedade para a proteção da infância, cuidado na capacitação de atores do Sistema de Garantias de Direitos para temas de maior vulnerabilidade e formação de crianças, adolescentes e jovens que leve em consideração seus anseios e necessidades. O resultado dela foi a campanha

*#BrasilNaDefesaDaInfancia*, que possui maiores detalhamentos na análise no decorrer do capítulo a seguir.



O Carneiro

## CAPÍTULO IV: O CARNEIRO

- Por favor... *Desenha-me um carneiro!*

- Hem!

- *Desenha-me um carneiro... Pus-me de pé, como atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Olhei bem. E vi um pedacinho de gente inteiramente extraordinário, que me considerava com gravidade. Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Meu desenho é, seguramente, muito menos sedutor que o modelo. (SAINT-EXUPÉRY, S/D, CAP. II)*

Foi assim que começou a amizade entre dois heróis, o piloto-narrador e o menino vindo do espaço ou da imaginação deste piloto. Além do sentido círculobakhtiniano (BAKHTIN, 2011) do conceito de herói, a construção de uma personagem cuja intenção é aproximar um locutor de um interlocutor; os dois personagens são heróis no sentido comum da palavra, pois, no romance literário infantil, o primeiro pilotou aviões durante a Segunda Guerra, sofreu um acidente aéreo e sobreviveu, enquanto o segundo se aventurou pelo espaço a fim de angariar conhecimentos para retornar para sua rosa se sentindo mais poderoso.

Quando o menino pede o desenho de um carneiro para o piloto, ele tem a responsabilidade de levar uma solução para as ervas que crescem em seu planeta pondo em risco a vida de sua rosa. A estilização do carneiro feita pelo narrador é, no entanto, o resultado de sua (não) carreira de desenhista. Deste modo, esta análise é o meu carneiro. Ela é, por enquanto, o melhor desenho que posso oferecer pelas experiências na minha vida. Espero que de alguma forma, ele possa atender expectativas.

Este capítulo encontra-se dividido em duas seções principais: Aspectos metodológicos referentes à pesquisa e à Análise da campanha da ONG Childhood Brasil,

*#BrasilNaDefesaDaInfancia*. Na primeira, encontram-se os tipos nos quais a pesquisa encontra-se enquadrada, a apresentação do *Corpus*, a metodologia e os procedimentos de análise. A segunda seção trata-se da análise enunciado verbo-visual e do enunciado verbo-sonoro-visual que compõem a campanha.

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa enquadra-se na área da Linguística Aplicada (LA), por se tratar de uma análise crítica da linguagem em seu uso e entender que as práticas discursivas que nos circundam são de ordem política e não podem ser analisadas de caráter descomprometido, intuitivo e iludidamente neutro, tampouco, serem dadas respostas definitivas a todas as problematizações analisadas. De acordo com o que é enunciado por Fabrício (2006, p. 61):

[...] que tem clara postura epistemológica, entendendo que a produção do conhecimento não é neutra, pois se encontra entretecida a um domínio de práticas sócio-historicamente situadas, podendo apenas ser aplicada ao contexto da situação sob investigação; que adota um modelo de crítica entendida [...] como exame de suas pressuposições e condições de possibilidade e ciente de sua própria relatividade, alcance e limites; que está aberta a reavaliações; e, principalmente que se preocupa com os desdobramentos éticos do conhecimento produzido. (FABRÍCIO, 2006, p. 61).

Há aqui, sim, a preocupação com os desdobramentos éticos, pois, a análise intenta produzir conhecimento de aplicação prática como soluções a determinados problemas diagnosticados, como, por exemplo, a produção de uma pesquisa sobre as ferramentas propagandísticas mais eficazes na indução à denúncia, por parte das próprias vítimas, dos crimes de exploração e de violência sexual infanto-juvenil.

Já quanto à forma de abordagem deste problema, a pesquisa inscreve-se como qualitativa, pois, procura-se obter dados descritivos mediante o contato direto e interativo com o estudo, no intuito de entender a situação estudada a partir da interpretação da bibliografia proposta.

A pesquisa é bibliográfica, pois como exposto nos capítulos anteriores, ela utiliza material publicado impressos e digitais – sobre: 1. A teoria-metodológica da linguagem, a Translinguística, e as categorias e os conceitos produzidos pelo Círculo de Bakhtin; 2. O histórico-sociocultural da violência sexual contra crianças e adolescentes; 3. O gênero discursivo Propaganda.

Do ponto de vista dos objetivos a serem alcançados, a pesquisa enquadra-se no âmbito exploratório que, segundo Gil (1991), constrói hipóteses a partir de pesquisas bibliográficas e estudos de caso, a fim de propor maior envolvimento com o problema estudado.

E, por fim, a pesquisa é também um Estudo de Caso, por se tratar de um exercício exaustivo de aprofundamento sobre a organização *Childhood Brasil* e da campanha propagandística *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, na tentativa de proporcionar um detalhamento profundo do objeto pesquisado.

## 4.2 CORPUS DA PESQUISA

Levando em consideração questões como o extenso histórico da violência sexual que vitimiza crianças e adolescentes do mundo inteiro, a grande diversidade de gêneros discursivos, e que todo e qualquer sujeito é um ser responsivo, como selecionar o *corpus* da pesquisa?

Assim, o processo de seleção de *corpus* passou pelas seguintes etapas:

1. Demarcação espaço-temporal: Brasil, 2014 (o ano em que a pesquisa foi iniciada).
2. Delimitação de gênero discursivo: propaganda social;
3. Fixação de um (inter)locutor: uma organização não-governamental nacional.

O site de busca Google foi utilizado para selecionar organizações não-governamentais, nacionais e internacionais, que têm como mote específico o combate contra a violência sexual infanto-juvenil. As homepages das próprias organizações já continham o material da campanha, a propaganda verbo-sonoro-visual (vídeo) e a propaganda verbo-visual (anúncio) que compõe o *Corpus* da pesquisa. Mas, não obstante, antes que o material fosse definitivamente selecionado, recorreu-se ao *Youtube* para averiguar outras campanhas verbo-sonora-visuais e, mais uma vez, ao *Google* na investigação de material verbo-visual.

Deste modo, foi chegada à seleção da ONG brasileira *Childhood Brasil* que, no primeiro semestre de 2014, lançou a campanha propagandística, *#BrasilNaDefesaDaInfancia* como resposta aos crimes de violência sexual infanto-juvenil.

Esta campanha conta com um enunciado composto por material verbo-visual (anúncio) e outro enunciado composto por material verbo-sonoro-visual (vídeo). O enunciado verbo-visual está exposto a seguir:

**A PARTIDA MAIS DURA DO BRASIL VAI SER FORA DE CAMPO.**

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade no Brasil. Com o grande fluxo de turistas e a quantidade de eventos durante o mundial de futebol, os riscos de novos casos acontecerem aumentam. Por isso, a Childhood Brasil está lançando a campanha Brasil na Defesa da Infância.

Fique atento: se você suspeitar de algo, disque 100. A ligação é gratuita e você não precisa se identificar.

A Childhood Brasil é uma organização brasileira, faz parte da World Childhood Foundation e tem como objetivo proteger crianças e adolescentes da violência sexual.

Acesse [www.childhood.org.br](http://www.childhood.org.br) e saiba mais sobre a instituição.

Entre em campo pelos direitos da infância.

**#BRASILNADEFESA DA INFANCIA**

**CHILDHOOD**  
pela proteção da infância  
FUNDADA POR X. M. RAÍSSA BILVA DA SUECIA

Apelo:  
Rodovisa  
100  
100  
100

**Figura 1 - #BrasilNaDefesaDaInfancia material verbo-visual**  
**Fonte: [www.childhoodbrasil.org.br](http://www.childhoodbrasil.org.br) (2015)**

De acordo com a proposta dos filósofos do Círculo de Bakhtin, enunciado concreto é sinônimo de enunciação, e por isso, não é possível analisar os enunciados sem que eles estejam relacionados ao ato concreto do uso da linguagem, a reconstrução e a averiguação da enunciação é a primeira etapa desta análise:

1. Enunciação: trata-se da investigação do contexto histórico-sociocultural e político no qual o enunciado verbo-visual e o enunciado verbo-sonoro-visual da campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia* se inscrevem;

A enunciação é abordada conforme os três postulados propostos por Bakhtin/Voloshínov (2009), que são os passos para a teoria-metodológica adotada para o procedimento de análise, a Translinguística. Os passos são os seguintes:

1. *Não separar a ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da consciência ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).

2. *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).

3. *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material* (infraestrutura). (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 45 – grifos do autor).

Depois da investigação sobre a enunciação, é feita a análise dos enunciados concretos. Estes são analisados de forma, primeiramente, individual, e depois em síntese paralelizada, pois, apesar de formarem um conjunto, cada enunciado propagandístico tem um sentido em si. Assim, a análise é feita segundo a seguinte partição:

2. Enunciado verbo-visual: investigado em três partes:
  - a. A análise do estilo e da responsividade na linguagem verbal; para a análise da linguagem verbal, os trechos que levantam discussão são reproduzidos;
  - b. A análise do estilo e da responsividade na linguagem visual; para examinar as imagens, elas são recortadas do anúncio e reproduzidas ao longo do texto da pesquisa;
  - c. A análise do enunciado concreto como um todo, para ver como os elementos linguísticos verbais e visuais são correlacionados.
3. Enunciado verbo-sonoro-visual: contemplado em quatro partes:
  - a. A análise do estilo e da responsividade na linguagem verbal. Para a análise da linguagem verbal na forma escrita, é utilizado o método chamado *decupagem*, que consiste em congelar imagens do vídeo no intuito de retirá-las do vídeo e expô-las no corpo do texto; o exame da linguagem verbal na forma oral é baseado no método da transcrição;
  - b. A análise do estilo e da responsividade na linguagem visual, momento em que, novamente, é utilizado o método da *decupagem*;
  - c. A análise do estilo e da responsividade na linguagem sonora. Aqui, é feita uma descrição da música e dos sons presentes no enunciado.
  - d. A análise do enunciado concreto como um todo, para ver como as linguagens verbo-sonoro-visual estão ancoradas.
4. O pareamento dos enunciados verbo-visual e verbo-sonoro-visual para averiguar as similaridades entre eles, pois ambos pertencem à mesma campanha do gênero discursivo propaganda.

Assim, é discutido o estilo, ou seja, os elementos que foram escolhidos para dar expressividade ao enunciado verbo-visual e ao enunciado verbo-sonoro-visual e a responsividade, ou seja, como os enunciados consistem em uma resposta responsável a

enunciados anteriores e, ao mesmo tempo, requisitam uma resposta responsável de enunciados posteriores.

O conceito gênero discursivo e a categoria enunciado concreto são discutidos já no primeiro momento da análise, quando é estudada a enunciação. Já as demais categorias, locutor-herói-interlocutor, entonação e compreensão ativa responsiva são trazidas para a discussão à medida que forem identificadas as marcações dialógicas do material semiótico.

### 4.3 ANÁLISE DO ESTILO E DA RESPONSABILIDADE NA CAMPANHA

#### *#BRASILNADEFESADAINFANCIA*

Como afirma o primeiro postulado de Bakhtin/Voloshínov (2009), no que corresponde à metodologia de analisar a linguagem, segundo a abordagem círculobakhtiniana: “1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da consciência ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível)”. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 45). Assim, é necessário analisar o contexto histórico-sociocultural dos signos e do material utilizados na construção e na veiculação dos enunciados da campanha, neste caso, o Brasil no primeiro semestre de 2014. A seguir, são apresentadas algumas informações pertinentes à época.

#### **4.3.1 Enunciação**

Na primeira quinzena de junho de 2014, ocorreu a vigésima edição da Copa do Mundo da FIFA, uma das maiores competições esportivas do planeta. O evento consiste em uma disputa futebolística quadrienal, entre as melhores seleções do mundo, e mobiliza bilhões de espectadores de diversas culturas.

Em 20 de outubro de 2007, o único país consagrado cinco vezes campeão foi definido como o anfitrião da edição de 2014. Em maio de 2009, quando as 12 cidades-sede selecionadas foram ratificadas, o Brasil iniciou um trabalho de planejamento e de execução de empreendimentos estratégicos exigidos pela FIFA.

Além da paixão flamejante por este esporte, o país possui fama internacional pelo clima tropical, pela alegria e pela receptividade de seu povo, e infama pela violência e pelos crimes de corrupção política. Contudo, além da violência fruto, em parte, das grandes disparidades econômico-sociais, houve uma série de protestos nacionais em 438 cidades do

país, com argumentos que iam desde o aumento nas tarifas de transporte público, a má qualidade dos serviços públicos em geral até os gastos públicos exorbitantes em grandes eventos esportivos internacionais.

A iminência de protestos e de greves às vésperas da Copa fez com que a EMBRATUR aferisse uma expectativa de público baixa para o porte do evento: aproximadamente, cerca de 600 mil turistas estrangeiros e 3,5 milhões de turistas nacionais transitarium pelas cidades selecionadas para sediar os jogos durante a Copa do Mundo, conforme mostra o gráfico:



**Tabela1: fluxo de turismo nas cidades-sede da copa.**

Fonte: EMBRATUR, 2014.

Em paralelo, a *Childhood Brasil* começou um plano de estratégia desde que as cidades foram selecionadas, pois, ao mesmo tempo em que as construções e as reformas requisitadas pelos eventos esportivos de grande porte geram empregos, eles também podem agravar situações de vulnerabilidade entre crianças e adolescentes, o que pode estimular a exploração sexual. Segundo *Childhood Brasil*, a organização se baseou na pesquisa feita pela *Brunel University London* (BRACKENRIDGE, C.; PALMER-FELGATE, S.; RHIND, D.; HILLS, L.; KAY, T.; TIIVAS, ANNE; F. IAIN LINDSAY, L., 2013), que apontou os seguintes fatores:

- ★ O ritmo acelerado de construções traz um contingente alto de homens separados de suas famílias;
- ★ A falta de estrutura de lazer, saúde, educação e sociabilidade para comportar a chegada de trabalhadores temporários, que se veem sem alternativas durante suas horas de folga;

- ★ O deslocamento de crianças dos seus lares para locais temporários e desconhecidos;
- ★ A extensão das férias escolares ou suspensão de dias letivos – por conta dos jogos – sem supervisão ou programação especial.
- ★ A coerção sobre crianças para atividades ilegais, como venda de drogas e roubo;
- ★ Níveis elevados de abuso sexual e físico por conta do aumento de atividades festivas;

O que *poderia* ser alarmante, pois conforme a tabela da UNICEF que traz os números de denúncias de exploração sexual infanto-juvenil nos estados brasileiros dentre os anos 2003-2005, os onze estados nos quais são localizadas as doze cidades-sede da Copa, também são os locais com maior incidência de denúncias de exploração sexual infanto-juvenil, conforme destaque a seguir:

Unidade da Federação	Denúncias de Exploração Sexual Comercial
Acre	6
Alagoas	26
Amapá	5
Amazonas	35
Bahia	143
Ceará	179
Distrito Federal	19
Espírito Santo	24
Goiás	24
Maranhão	81
Mato Grosso	21
Mato Grosso do Sul	15
Minas Gerais	138
Pará	48
Paraíba	36
Paraná	67
Pernambuco	66
Piauí	7
Rio de Janeiro	133
Rio Grande do Norte	37
Rio Grande do Sul	174
Rondônia	14
Roraima	1
Santa Catarina	34
São Paulo	112
Sergipe	12
Tocantins	12
Não informado	37
<b>Total</b>	<b>1.506</b>

Tabela2: denúncias de exploração sexual infanto-juvenil (2003-2005)  
 Fonte: [http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_03.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_03.pdf), 2015

O *poderia* está destacado no parágrafo acima da tabela pois é válido ressaltar que esses números estão longe de refletir a dimensão do fenômeno no Brasil, visto que os crimes sexuais estão entre as práticas criminosas menos notificadas no mundo. Cabe chamar a atenção, também, para o fato de que nem sempre a maior quantidade de denúncias é termômetro da gravidade da situação. Muitas vezes, esses indicadores são, na verdade, o fruto de maior mobilização social. Então, talvez, os fatos de as cidades-sedes pertencerem aos mesmos estados onde ocorrem o maior número de crimes de exploração sexual infanto-juvenil não seja uma infeliz coincidência.

Além do grande número de obras que antecipam os grandes eventos esportivos, o Mundial de Futebol atrai um grande fluxo de turistas nacionais e estrangeiros em direção às cidades-sedes dos jogos. E, apesar do turismo também gerar empregos e promover oportunidades de desenvolvimento econômico e cultural, os riscos da exploração sexual infanto-juvenil aumentam.

Com a atenção da população voltada para os jogos, os exploradores tiram proveito para tentar ganhar dinheiro utilizando as crianças e os adolescentes como objetos sexuais, como mercadorias. E, infelizmente, existem pessoas dispostas a co-participar desse tipo de crime, como os visitantes internacionais e/ou turistas do próprio país.

Segundo a UNICEF<sup>34</sup>, além da tradicional cafetinagem, a exploração sexual infanto-juvenil, muitas vezes, envolve a cumplicidade, por ação direta ou omissão, de agências de viagem e guias turísticos, hotéis, bares, lanchonetes, restaurantes e barracas de praia, garçons e porteiros, postos de gasolina, caminhoneiros e taxistas, prostíbulos e casas de massagem.

A Copa das Confederações serviu como um ensaio prático para o que a Copa do Mundo tinha potencial de ser. Segundo a EMBRATUR, o evento realizado no Brasil em 2013 contou com uma quantidade de 248,8 mil brasileiros e de 20,9 mil estrangeiros, uma quantidade bem menor que a esperada para o Mundial de Futebol. Mas, no balanço realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República sobre os plantões técnicos que funcionaram em áreas próximas aos locais de jogos, foram registradas ocorrências de exploração sexual e de desaparecimento de crianças.

Um ponto positivo recorrente à época da Copa é que, desde que a internet foi inventada, o Mundial de Futebol sediado pelo Brasil viria a ser o evento esportivo mais visto no planeta, contando com 2,2 bilhões de espectadores. É nesse palco festivo, esportivo, multicultural e tenso devido às manifestações sociais, às grandes obras e ao fluxo de turismo

---

<sup>34</sup> Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_03.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_03.pdf). Acessado em: 13 de fevereiro de 2015.

que a *Childhood Brasil* aproveita o ensejo de o mundo todo estar assistindo o Brasil, para convocar sujeitos a dar assistência no combate aos crimes de violência e de exploração sexual infanto-juvenil.

Assim, de acordo com a agenda do planejamento estratégico feito pela *Childhood Brasil* desde 2009, no dia 13 de maio de 2014, exatamente um mês antes da copa, é lançada a campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*. Nela estão nada menos que dois dos mais populares jogadores da seleção brasileira: Neymar Jr., que atua como *atacante*, jogando pelo time da Espanha, Barcelona, e Daniel Alves, que atua como *lateral-direito*, no mesmo time.

Nesse sentido, é como se a Rainha Silvia da Suécia tivesse convocado um guerreiro e o seu braço-direito para lutar em defesa das crianças e dos adolescentes. Mas, como materializar esse chamado, ou melhor, como fazer esse enunciado concreto? De acordo com o segundo postulado proposto por Bakhtin/Voloshínov (2009), no que corresponde às regras de analisar a linguagem, conforme a abordagem círculobakhtiniana: “2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).” (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 45).

Assim, como já exposto na parte referida ao *corpus* da pesquisa, a campanha foi “encarnada” de duas formas: em um enunciado verbo-visual e outro enunciado verbo-sonoro-visual. Mas esta encarnação precisa ser exposta no meio social adequado, pois, segundo Bakhtin/Voloshínov (2009, p. 72):

Assim como, para observar o processo de combustão, convém colocar o corpo no meio atmosférico, da mesma forma, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som, no meio social. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 72)

Desta forma, segundo informações que constam no site da organização não-governamental *Childhood Brasil*, o enunciado verbo-visual e o enunciado verbo-sonoro-visual foram difundidos com o apoio das organizações civis elencadas a seguir:

- ★ Empresas relacionadas ao ramo empregatício: Construtora Camargo Corrêa, Camargo Corrêa Desenvolvimento Imobiliário, Grupo Aldan, Companhia Paulista de Força e Luz, Ultragaz, Grupo Pão de Açúcar.
- ★ Empresas relacionadas ao ramo de turismo: Atlântica Hotels, TAM Linhas Aéreas, GRU Airport,
- ★ Empresas relacionadas ao ramo comercial: C&A Modas, Casas Pernambucanas,
- ★ Empresas relacionadas ao ramo bancário: Citibank, Paypal.

- ★ Empresas relacionadas ao ramo automobilístico: MultiPark Estacionamentos, Volvo do Brasil, Inovashow (NISSAN).
- ★ Empresas relacionadas ao ramo da comunicação: (1. Assessoria de Comunicação) Setor Dois e Meio, Kreab Gavin Anderson, MktMix, Ernst Young Raí+Velasco, Guetto Produtora; (2. Meios de difusão do enunciado verbo-sonoro-visual) Globo de Televisão Grupo Bandeirantes, Google; (3. Meios de difusão do enunciado verbo-visual), Grupo Abril, Revista Bem+, Revista Caminhoneiro e Revista O Carreteiro.
- ★ Outras organizações que apoiaram a causa: Projeto Neymar Jr., Grupo NR Sports, GIFE (Grupo de Institutos Fundações e Empresas), National Children's Advocacy Center, Fundação Roberto Marinho, Iessi Music Entertainment.

Conforme visto, os três fatores potenciais para o aumento da violência e da exploração sexual contra crianças e adolescentes durante grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, são: o grande número de obras, o aumento do fluxo do turismo nacional e internacional e o quanto esses eventos chamam a atenção da população, fazendo com que os responsáveis deixem as crianças e os adolescentes desassistidos. E, ao analisar a lista acima, pode ser entendido que a *Childhood Brasil* teve a estratégia de tentar engajar empresas, organizações, instituições e pessoas que estivessem, de alguma forma, vinculadas a esses possíveis pontos fracos.

O vínculo com empresas ligadas ao ramo empregatício, especialmente aquelas ligadas ao ramo da construção, é válido devido ao fato de que o aumento de grandes obras gera a demanda de trabalhadores temporários, que ficam longe das famílias e sem opção de lazer, o que pode ocasionar o aumento do risco da exploração sexual. Assim, é necessária a divulgação da campanha nessas áreas.

A união com empresas dos ramos turístico, comercial, bancário e automobilístico é essencial para divulgação dos enunciados componentes da campanha, pois eles estarão expostos nos aeroportos, hotéis, meios de transporte, super mercados, lojas de roupas, ou seja, em contato com o fluxo de turistas nacionais e internacionais.

Uma vez que a atenção da população está voltada para os jogos, faz-se necessário divulgar a campanha também através dos meios de comunicação de massa, como a Rede Globo e a Bandeirantes, revistas que abrangem diferentes públicos e empresas especializadas em assessoria de comunicação para trazer o problema à atenção pública.

Além desses órgãos e empresas, serviram de interlocutores para a campanha pessoas que estavam publicamente em evidência durante o período da Copa. Os jogadores da seleção brasileira Daniel Alves e Neymar Jr (Projeto Neymar Jr) também serviram como heróis dos

enunciados, e a cantora do show de encerramento do evento, Ivete Sangalo (Jessi Music Entertainment) divulgou a causa em seu *Facebook* e *Twitter*.

Aqui cabe ressaltar que o símbolo # na frente do slogan da campanha, *Brasil na Defesa da Infância*, não é à toa. Este símbolo é referenciado na Internet como *hashtag*. Ao colocá-lo na frente de uma palavra ou de uma frase sem espaçamento nem acentuação, cria hiperlinks que encaminham para resultados relevantes em diferentes mídias sociais, como *Facebook* (site de rede de relacionamentos), *YouTube* (site de material verbo-sonoro-visual), *Twitter* (site verbal que contém textos de 140 caracteres), *Instagram* (site de relacionamento verbo-visual), entre outras. Ou seja, é uma maneira de dar mais evidência à campanha e em diferentes meios, cobrindo diversas *esferas* da vida social.

E, finalmente, o terceiro postulado de Bakhtin/Voloshínov (2009, p. 45), com o qual fecho o tópico da enunciação para que, assim, possa analisar os enunciados concretos, é: “3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura). (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 45)”.

Gêneros discursivos, segundo Bakhtin (2011), são formas relativamente estáveis de enunciados. O enunciado verbo-visual e o enunciado verbo-sonoro-visual feitos pela *Childhood Brasil*, segundo Kotler (2002), fazem parte do gênero discursivo propaganda social, pois tratam do uso de princípios e de técnicas para propagar ideias no intuito de influenciar um público-alvo a modificar ou abandonar um comportamento para os benefícios de indivíduos, de grupos ou da sociedade como um todo. Destacando que, por ser um gênero discursivo propagandístico e não publicitário, ele pode ter a criança como interlocutor.

Novamente de acordo com a classificação de Bakhtin (2011), pelo fato de estes enunciados não se concretizarem de maneira imediata, por fazerem parte de uma situação comunicativa complexa e mais organizada e contarem de uma teia elaborada e intrincada de divulgação, fazem parte dos gêneros discursivos secundários.

Além disso, Bakhtin (2011) leva em consideração outros aspectos para definir um gênero discursivo, que são: 1. O conteúdo temático (assunto); 2. O estilo, as formas de linguagem disponíveis para a construção de uma enunciação e, a partir desta disponibilidade, que elementos são utilizados para fazer o plano composicional da enunciação direcionada a um interlocutor; 3. A compreensão ativa responsiva do locutor e do interlocutor.

Sobre o primeiro ponto, o conteúdo temático é o antagonismo à violência e à exploração sexual infanto-juvenil. O segundo ponto, o estilo, trata de que elementos das linguagens verbal, sonora e visual foram utilizados na composição do enunciado verbo-sonoro e do enunciado verbo-sonoro-visual; o terceiro ponto, a compreensão ativa e responsiva,

aborda como a Childhood Brasil respondeu responsabilmente aos crimes de violência e de exploração sexual contra a criança e o adolescente e como a organização engaja os interlocutores da campanha a responder aos crimes.

#### 4.3.2 Análise do Enunciado Verbo-Visual

De acordo com o que está elucidado na subseção referente aos procedimentos de análise, a observação deste enunciado verbo-visual é feita em dois momentos: estilo e responsividade na linguagem verbal e estilo e responsividade na linguagem visual.

##### *Estilo e Responsividade na Linguagem Verbal:*

Retomando o que está disposto na discussão teórica do trabalho, Bakhtin/Voloshínov (2009) concebem o estilo como a manipulação da linguagem de um gênero discursivo, visando criar um enunciado concreto direcionado a um interlocutor. O enunciado concreto, o locutor e o interlocutor, a linguagem e a tecnologia utilizadas estão inseridos dentro de um contexto histórico-sociocultural, logo, é necessário analisar a enunciação levando em consideração como os valores de uma época, espaço e sujeitos estão representados nos enunciados.

O intuito da manipulação da linguagem nos gêneros discursivos publicidade e propaganda é, segundo Vestergaard & Schroder (2004, p. 72), para alcançar os seguintes objetivos: (1) chamar a atenção; (2) despertar interesse; (3) estimular desejo; (4) criar convicção; (5) induzir à ação.

Bakhtin (2011) define os gêneros discursivos como formas relativamente estáveis de enunciados presentes nas mais variadas esferas sociais. A estabilidade do gênero discursivo propagandístico está na sua estrutura composicional. É possível apontar, segundo Vestergaard & Schroder (2004), que, o plano composicional de um enunciado verbo-visual, geralmente, é constituído da seguinte maneira:

*Título* – por ter o objetivo de chamar a atenção do interlocutor para prender sua atenção e induzir à leitura do anúncio, o título deve ser criativo, atraente, composto por frases curtas e baseadas em um jogo de palavras carregadas de linguagem conotativa. No título do enunciado da Childhood Brasil, lê-se: “A partida mais dura do Brasil vai ser fora de campo”.

*Corpo do texto* – em que o assunto é desenvolvido. O texto deve conter informações de forma sucinta, clara, criativa e atraente sobre uma empresa/ideia/produto. Assim, no corpo do texto do enunciado da Childhood Brasil, destaca-se:

“A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade no Brasil. Com o grande fluxo de turistas e a quantidade de eventos durante o mundial de futebol, os riscos de novos casos acontecerem aumentam. Por isso, a *Childhood Brasil* está lançando a campanha Brasil na Defesa da Infância. Fique atento: se você suspeitar de algo, disque 100. A ligação é gratuita e você não precisa se identificar. A *Childhood Brasil* é uma organização brasileira, faz parte da *World Childhood Foundation* e tem como objetivo proteger crianças e adolescentes da violência sexual. Acesse [www.childhood.org.br](http://www.childhood.org.br) e saiba mais sobre a instituição. Entre em campo pelos direitos da criança. #BRASILNADEFESADAINFANCIA. Childhood pela proteção da infância – fundada por E. M. Rainha Silvia da Suécia. Apoio: Rodovisa e Instituto Neymar Jr.”

Tanto o título quanto o corpo do texto preenchem os requisitos do gênero discursivo publicitário e/ou propagandístico propostos por Vestergaard & Schroder (2004) e mencionados nos parágrafos anteriores.

Conforme Bakhtin (2010a), todo enunciado concreto traz a relação locutor-herói-interlocutor. Desta forma, considerando o texto verbal que faz parte do enunciado verbo-visual (pôster), a Childhood Brasil funciona como locutor que, através de Neymar Jr. (herói), convoca *você* (interlocutor) a denunciar os crimes de violência e de exploração sexual contra a criança e o adolescente. Assim, ele visa dois possíveis interlocutores: o possível perpetrador ou perpetradora da violência e qualquer outro sujeito que possa denunciar esse crime.

Na passagem “A Childhood Brasil é uma organização brasileira, faz parte da *World Childhood Foundation* e tem como objetivo proteger crianças e adolescentes da violência sexual”, fica subentendido que a organização é o locutor do enunciado, já o interlocutor, *você*, está explícito no trecho a seguir: “Fique atento: se você suspeitar de algo, disque 100. A ligação é gratuita e você não precisa se identificar”.

Prosseguindo a discussão para o conceito responsividade, todo enunciado, segundo a concepção círculobakhtiniana (BAKHTIN, 2008; BAKHTIN, 2010a; BAKHTIN, 2010b; BAKHTIN, 2011; BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009), é uma resposta a alguém ou a alguma coisa.

Assim, conforme visto no terceiro capítulo e retomado na subseção *enunciação* desta análise, o locutor, ou seja, a *Childhood Brasil*, é uma organização não-governamental criada a partir do intuito de proteger os direitos das crianças e dos adolescente, especialmente, contra

os crimes de violência e de exploração sexual infanto-juvenil. O trecho destacado serve, então, de apresentação do locutor para o interlocutor.

A resposta que a *Childhood Brasil* deu para este problema de saúde mundial foi criar um enunciado com o intuito específico de prevenir o risco do aumento destes crimes durante o Mundial de Futebol sediado pelo Brasil em 2014. Isto pode ser aferido no seguinte trecho: “A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade no Brasil. Com o grande fluxo de turistas e a quantidade de eventos durante o mundial de futebol, os riscos de novos casos acontecerem aumentam. Por isso, a *Childhood Brasil* está lançando a campanha Brasil na Defesa da Infância”.

Este trecho aponta, também, a responsabilidade para com o perigo de dois dos três principais fatores que têm potencialidade de aumentar o risco da violência e da exploração sexual de crianças e de adolescentes. Segundo a pesquisa na qual a organização se baseou, tais fatores são: (1) o aumento do fluxo de turistas; (2) a atenção popular voltada para os eventos, o que pode deixar as crianças e os adolescentes desassistidos; Contudo, o ponto (3), mencionado na pesquisa da *Brunel University London*, ou seja, a ideia de que o grande número de obras necessárias para a realização de grandes eventos é acompanhado pelo aumento da contingência de mão de obra de trabalhadores, não é contemplado pelo anúncio da *Childhood Brasil*.

Ainda que tenha recorrido à pesquisa desenvolvida pela *Brunel University London* e, em suas campanhas, tenha dado importância às questões do envolvimento de turistas em crimes de violência sexual contra a criança e o adolescente e à falta de atenção dos responsáveis por essas crianças e por esses adolescentes, a *Childhood Brasil* não contemplou a questão do aumento do número de mão de obra em função do aumento do número de obras em seus anúncios, eliminando, sistematicamente, esse ponto da pesquisa.

Os fatores um e dois foram corroborados durante a Copa das Confederações realizada no ano de 2013, e o terceiro fator foi confirmado acerca do período de construção das obras, como estradas, estádios e hospedagem.

Assim, apesar de apenas explicitar dois destes três fatores, a responsabilidade de enviar a mensagem para operários de construção foi alcançada através da estratégia de difusão da mensagem. A organização fez parceria com algumas empreiteiras e empresas de construção, para que, da parte delas, houvesse o apoio à instituição e a divulgação do enunciado verbo-visual. Assim, quem sabe, o terceiro ponto da pesquisa da *Brunel University London* fosse coberto e determinados interlocutores fossem informados sobre o problema, ficando, talvez, dessa forma, sensibilizados a não perpetrar o crime.

O texto verbal traz a informação, a educação e a tentativa de persuasão à não perpetração do crime e/ou a necessidade de ficar atento à possibilidade do crime ocorrer nas proximidades e de denunciá-lo. Além disso, a percepção identitária dos sujeitos, a partir da perspectiva de Bakhtin (2010b), baseia-se nas noções de eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim. Nesse sentido, a proposta bakhtiniana se articula com o gênero discursivo propagandístico no que se refere à visão do locutor sobre si e à visão do locutor a partir da perspectiva do interlocutor.

A persuasão que caracteriza o gênero discursivo propagandístico relaciona-se, assim, à produção de uma visão dos sujeitos sobre si mesmos e sobre como eles gostariam de ser vistos pelo horizonte social. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2009)

Como se trata do Brasil, “o país do futebol”, em plena Copa do Mundo, e, em função de um evento de tamanha magnitude, é possível que o aliciador/a aliciadora e/ou o perpetrador/a perpetradora, supondo que a população esteja dispersa, imaginem que, ainda que cometam o crime, possam sair impunes. Mas, ao serem notificados de que outros estão atentos, a percepção do possível criminoso/da possível criminosa sobre a população muda, e isto possa, conseqüentemente, alterar a visão do criminoso/da criminosa em relação à segurança causada pela presumida impunidade.

É possível estabelecer uma ponte entre a campanha e a noção de sujeito sem-álibi (BAKHTIN, 2010b) quando, no enunciado, o locutor, através do herói, se refere ao interlocutor como *você*. Com isso, o dizer remete à responsabilidade que todo e qualquer sujeito localizado em um contexto histórico-sociocultural, estando ciente de algum crime de exploração ou de violência sexual infanto-juvenil, tem a responsabilidade única, particular e intransferível de responder responsavelmente. Além do vocativo *você*, outros interlocutores que dão coro à campanha, de acordo com o texto verbal do enunciado, são: E. M. Rainha Silvia da Suécia. Apoio: Rodovisa e Instituto Neymar Jr.

Os sujeitos mencionados (E. M. Rainha da Silva da Suécia, Rodovisa e Instituto Neymar Jr.), assim como a própria Childhood Brasil, constituem elementos do texto verbal. Ademais, esses sujeitos asseguram que o interlocutor (*você*) não está sozinho para fazer essa denúncia. Pelo contrário: faz parte de um time que tem, junto com esses sujeitos, o propósito de combater a violência sexual contra a criança e o adolescente.

Além de passar informações sobre a violência e a exploração sexual infanto-juvenil, o enunciado desperta a compreensão ativa responsiva do interlocutor (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009), ou seja, há espaço para que o interlocutor compreenda a questão e a responda responsavelmente, como é mostrado nos trechos a seguir: “Fique atento:

se você suspeitar de algo, disque 100”, “a ligação é gratuita e você não precisa se identificar”, “Acesse [www.childhood.org.br](http://www.childhood.org.br) e saiba mais sobre a instituição”. Desse modo, o interlocutor é convocado a denunciar ligando para o número 100 e a procurar mais informações sobre o problema, uma vez que o enunciado concreto verbo-visual do gênero discursivo propagandístico não permite espaço para textos longos.

A categoria contrapalavra, que se refere à ruptura de sentidos estabilizados na memória, permitindo dar a signos novos significados (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009), pode ser percebida:

- ★ No título do enunciado: “A partida mais dura do Brasil vai ser fora de campo”.
- ★ No fechamento do corpo do texto: “Entre em campo pelos direitos da criança”.
- ★ E no slogan da campanha: “#BRASILNADEFESADAINFANCIA”.

Por se tratar do contexto histórico-sociocultural do Mundial de Futebol de 2014, frases como “a partida mais dura do Brasil vai ser fora de campo” prendem a atenção do interlocutor que está interessado nos eventos relacionados ao futebol, mas, durante o corpo do texto, leva-o a entender que esta “partida mais dura” se trata, naquele contexto, dos crimes de violência e de exploração sexual infanto-juvenil. Assim, ainda de acordo com a interpretação dada devido ao contexto, o “entre em *campo* pelos direitos da criança” se refere não apenas ao jogo de futebol, mas à guerra (campo de batalha) contra este crime. A ressignificação destas palavras tem o intuito de despertar, no interlocutor, emoções que o façam interagir com a proposta. Isto ocorre, também, no slogan da campanha, visto que a palavra *defesa* se refere a ambos: ao futebol e à guerra.

Isto posto, é interessante ressaltar que o próprio termo “slogan” é uma contrapalavra que faz referência à guerra, pois, segundo o Dicionário de Significados<sup>35</sup>, *slogan* é um termo proveniente do inglês, cuja origem etimológica é do gaélico “*sluagh-ghairm*” (pronuncia-se *slo-gorm*) em que *sluagh* significa “exército” e *ghairm* corresponde a choro ou grito. “*Sluagh-ghairm*” seria então o “grito de guerra” que identificava determinado grupo. Muitas vezes também era um grito de chamada usado pelos escoceses, que era usado para reunir os combatentes. Já no sentido figurado, é uma palavra ou frase curta e de fácil memorização, usada com frequência em propaganda comercial, política, religiosa, etc..

Entonação, que é uma categoria que prescinde de modulação expressiva dos signos, dando cor, tom, forma, peso, velocidade, etc., a um enunciado, é uma noção possível de ser

---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.significados.com.br/slogan/>. Acessado em: dez de janeiro de 2015.

percebida na linguagem verbal através do uso de verbos na segunda pessoa do singular e da velocidade proporcionada pela construção de períodos curtos, segundo Bakhtin (2013), induzem o interlocutor à ação. Já as palavras recorrentes à temática do assunto “exploração e violência sexual infanto-juvenil” dão o tom grave, pois, recorrentemente, na declaração dos direitos da criança e do adolescente, na criação de normas e nos movimentos sociais, existe uma tentativa, a nível mundial, de carregar, com valores que possuam o teor de crime, injustiça e tabu, as palavras pertencentes ao campo semântico relacionado a essas práticas sexuais criminosas.

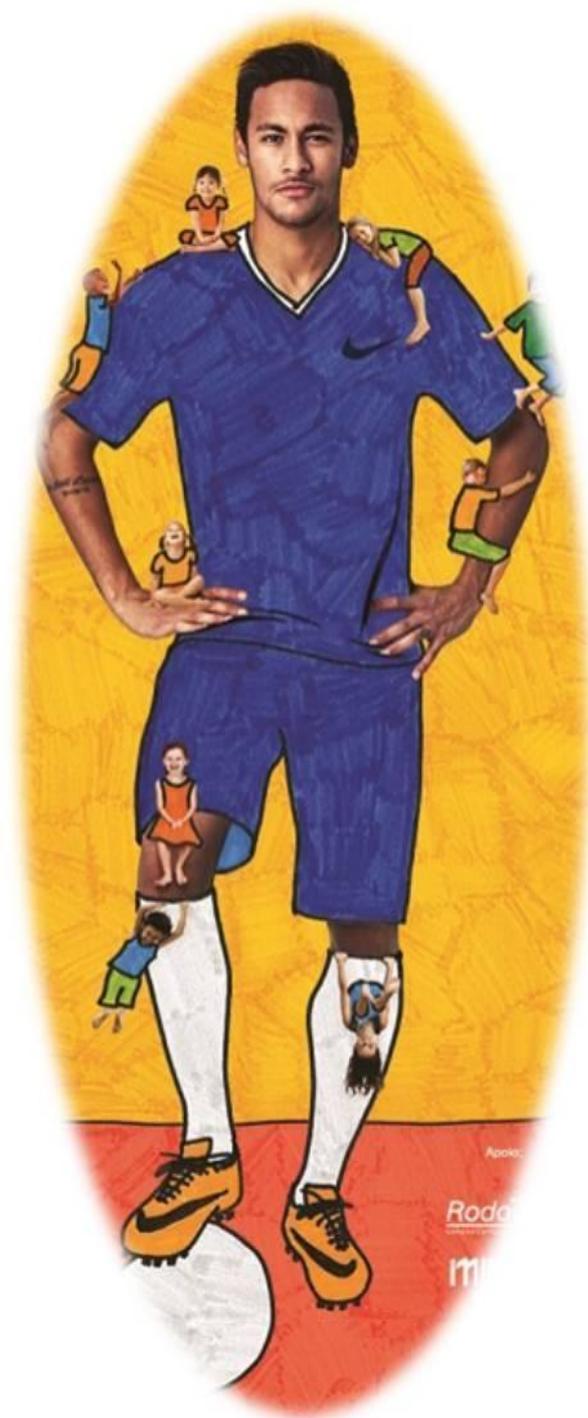
Voltando ao gênero discursivo propagandístico, sua estrutura composicional ainda conta com imagens, que são analisadas na subseção a seguir.

### *Estilo e Responsividade na Linguagem Visual:*

De acordo com a teoria do Círculo de Bakhtin, a palavra é um signo ideológico por excelência (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009) e é esta a forma de linguagem que domina grande parte dos seus estudos (BAKHTIN, 2008; BAKHTIN, 2010a; BAKHTIN, 2010b; BAKHTIN, 2011; BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009). Os filósofos do Círculo, contudo, afirmam que o mundo se apresenta em diferentes formas semióticas, sendo, assim, apreendido pelos sujeitos a partir dos diferentes sentidos humanos. Ou seja, como já foi observado, os filósofos russos compreendem que existem outras formas de linguagem além da verbal (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009), tanto que, para abarcar o conceito, optei, nesse trabalho, por chamá-la de linguagem verbo-sensorial.

Vestergaard & Schroder (2004) assinalam que o texto imagético está cada vez mais frequente na nossa cultura, mas esses autores também ressaltam que, se, por um lado, dispõe-se de um corpo extenso e bem fundamentado para análise de signos verbais, por outro, não existem ferramentas analíticas tão vastas para o estudo dos textos imagéticos com intuito comunicacional. Assim, a análise visual do enunciado é delimitada aos âmbitos exploratórios e explanatórios.

Como dito acima, o objetivo do gênero discursivo propagandístico social é a persuasão à mudança de um hábito para a melhoria da sociedade em geral. Para tal, os enunciados propagandísticos devem ter as funções de impactar, causar interesse, incitar vontade, para, assim, estimular os sujeitos a agirem. Então, o estilo no enunciado propagandístico tem a função de manipular as linguagens comportadas nele para causar emoção e volição.



**Figura 2 -**  
**#NeymarJrEmDefesaDaInfancia**

No enunciado verbo-visual da campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, encontram-se as seguintes imagens:

A primeira coisa que chama atenção na imagem ao lado, é a presença de Neymar Jr.. Um jogador de futebol brasileiro bastante popular, e, como o enunciado é lançado um mês antes dos jogos do Mundial de Futebol de 2014, a imagem dele está ainda mais evidenciada.

Se o interlocutor não reconhece este homem, os trajes reforçam a lembrança de que se trata de um jogador de futebol, pois ele veste camisa, short, meias compridas e um par chuteiras, além de estar pisando em uma bola.

Como afirmam Bakhtin/Voloshínov (2009) os signos representam a ideologia e os valores de um contexto histórico-sociocultural, assim, a primeira coisa que destoa, no referente à indumentária, é que e, no Mundial de Futebol de 2014, o uniforme número um da seleção brasileira possui camisa amarela, short azul e meias brancas. Já o número dois é composto por camisa azul, short branco e meias azuis.

O uniforme que Neymar Jr. usa na imagem não possui a combinação das cores de nenhum dos uniformes, mas pode ser, então, que a roupa que ele está trajando seja a união do uniforme número um e número dois, pois o azul da imagem tem o mesmo tom do azul dos uniformes oficiais da seleção. Ou nenhum. E Neymar Jr. está simplesmente representando a si como sujeito único responsivo, responsável e sem-álibi. (BAKHTIN, 2010b).

Conforme a análise Translinguística círculobakhtiniana (BAKHTIN/VOLOSH/INOV, 2009; BAKHTIN, 2011), deve-se estar atento aos fatores para além dos que constam no enunciado, como o contexto histórico-sociocultural. Assim, acredito que a segunda opção pode ser aferida pelos seguintes fatores:

- ★ Falta do emblema da Confederação Brasileira de Futebol, que deveria estar disposto do lado esquerdo do peito. Outro fator que aponta para a segunda opção é que, na seção enunciação, encontra-se a lista de empresas e organizações que apoiaram à campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*; a Confederação Brasileira de Futebol não está nela. Assim, pode ser concluído que Neymar Jr. não está representando a Confederação Brasileira de Futebol, mas a si próprio como sujeito responsivo sem-álibi no combate dos crimes de violência e exploração sexual infanto-juvenil;
- ★ Onde deveria estar o emblema da Confederação Brasileira, encontra-se símbolo<sup>36</sup> da *Nike*<sup>37</sup>. Este, nos uniformes oficiais da seleção brasileira, está localizado no lado direito do peito. O símbolo da *Nike* encontra-se novamente nas chuteiras de Neymar Jr., mas o nome da empresa também está ausente da lista de apoiadores da campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*.

O segundo fator leva, também, a deduzir que se Neymar Jr. está, por um lado, valorizando a causa pela sua popularidade, por outro ele está relacionando a marca *Nike* a uma causa social a qual ela não ofereceu apoio. Isto é uma contrapalavra (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009), pois, a marca *Nike* é ressignificada, mas com um sentido vazio, pois está sendo agregado à marca um valor que ela não tem.

O logotipo da *Nike* está exposto três vezes nesta imagem, uma na camisa, no lado esquerdo do peito, e uma em cada chuteira, este fato pode ocasionar com que o interlocutor do enunciado interprete como se a empresa esteja dando suporte à campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*. Assim, no que se refere à compreensão ativa responsiva (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009), caso o interlocutor venha a se deparar com a dúvida sobre qual marca esportiva deva comprar, ele pode optar pela *Nike*, por imaginar que a

---

<sup>36</sup> As diferenças entre símbolo, logotipo e logomarca encontram-se no Anexo I.

<sup>37</sup> Nike é o nome de uma empresa norte-americana de materiais esportivos e patrocinadora oficial da seleção brasileira em 2014. Neymar Jr. tem, atualmente, seu nome aferido a uma linha de calçados e roupas desta empresa.

empresa colaborou com uma campanha social em prol da defesa da criança e do adolescente contra os crimes de violência e exploração sexual. Deste modo, isto traz à reflexão sobre a fluidez entre os gêneros discursivos publicitários e propagandísticos, recobrando que o primeiro gênero discursivo tem fins lucrativos, o segundo, supostamente, não.

Além do Neymar Jr., a imagem traz nove crianças sobrepostas ao longo do corpo do jogador. O primeiro fato a ser notado é a diferença de proporção de tamanho entre o jogador e as crianças. Neymar Jr. mede 1,74 m e pesa 65 kg, ele não é nenhum gigante. Mas o gênero discursivo propagandístico pode fazer uso de signos conotativos também na linguagem visual. Assim, a entonação na desproporção de tamanho pode ser para afirmar que ele está sendo entoadado como um “gigante do futebol”, ou que ele é como o herói (criação) do enunciado, é também um herói para as crianças: grande, forte, em posição de guarda, e assim, as crianças, logo, elas podem brincar tranquilas.

O modo fixo e sério que Neymar Jr. encara a câmera, pode ser uma contrapalavra e/ou uma compreensão ativa responsiva. Se, no caso, o interlocutor for um potencial perpetrador / perpetradora de crimes de violência e/ou exploração sexual infanto-juvenil, ele/ ela pode compreender que durante o evento do Mundial de Futebol as pessoas não vão estar desatentas, o que é o esperado. Assim, o olhar-guardião é uma contrapalavra (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009).

Por outro lado, se o interlocutor não for seja um possível perpetrador/ perpetradora de crimes de violência e/ou exploração sexual infanto-juvenil, ele/ ela pode entender este olhar como um convite ao desafio de denunciar estes crimes, ou seja, ele é uma compreensão ativa responsiva (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009).

As nove crianças retratadas na imagem contam com cinco meninas e quatro meninos. Destes, um menino é negro, dois são pardos e um é loiro; quanto às meninas, quatro são pardas e uma é loira. O que mostra, para o interlocutor, a diversidade de crianças que estão suscetíveis aos crimes, e reforça o fato de o número de violência e exploração sexual contra as meninas é maior.



**Figura 3 - Crianças Enunciado Verbo-Visual**

As roupas do Neymar Jr., das nove crianças e o fundo da imagem parecem têm cores alegres e seus traços parecem ser de canetinha, o que dá uma entonação pueril. Essa entonação rompe com as expectativas da sobriedade que costuma caracterizar a temática da violência sexual infanto-juvenil. E essa quebra de expectativas, acompanhada de uma entonação distinta para se tratar o tema, relaciona-se, inclusive, à resignificação característica da categoria círculobakhtiniana contrapalavra. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009)

O próprio complemento<sup>38</sup> da *World Childhood* (organização de que a Childhood Brasil faz parte) é estilizada para parecer ter sido escrito por crianças em fase de alfabetização, como pode ser visto na imagem a seguir:

<sup>38</sup> Conferir a distinção entre símbolo, logotipo, logomarca e complemento no Anexo II.



**Figura4 - Logomarca - World Childhood**

O título da campanha está entoadado em caixa alta para dar destaque, enquanto o verde e o amarelo do fundo da imagem, além de chamarem atenção, fazem referência às cores do Brasil:



**Figura 5 - Título do Enunciado Verbo-Visual**

O slogan da campanha também está entoadado em caixa alta, mas, desta vez, ao invés de grafado na cor verde, está em azul, contrastando com amarelo do plano de fundo da imagem. As cores que chamam atenção novamente fazem referência às cores do Brasil. O azul, por sua vez, está entoadado em duas tonalidades diferentes para fazer quebra na leitura, para que, assim, o interlocutor distinga as palavras e compreenda a frase “Brasil na defesa da infância”:



**Figura 6 - Slogan**

E para fechar a análise do estilo e responsividade na linguagem visual do enunciado verbo-visual, destaco uma imagem dos três apoiadores principais que, junto com a *Childhood Brasil*, dão coro à locução da campanha, o Conselho Tutelar Infantil.



**Figura 7- Conselho Tutelar Infantil**

Esta imagem remonta ao provérbio "não veja nenhum mal, não ouça nenhum mal, não fale nenhum mal", representado pelos três macacos que cobrem os olhos, as orelhas e a boca. Mas, no contexto histórico-sociocultural da violência sexual contra crianças e adolescentes, os macacos presentes na imagem ressignificam as figuras e as palavras do provérbio, indicando que não devemos nos omitir. Isto é reforçado por: "abra os olhos, fique atento e denuncie", slogan do Conselho Tutelar Infantil, instituição responsável pelo número de denúncias ao crime, o disque 100. Assim, por ser uma ressignificação do material verbo-visual original (provérbio), pode-se ligar a imagem do Conselho Tutelar Infantil à noção círculobakhtiniana contrapalavra.

A seguir a ancoragem (VESTEERGARD/SHRODER, 2004) entre a linguagem verbal e a linguagem visual do enunciado verbo-visual.

#### *Análise da Linguagem Verbo-Visual.*

Assim como os signos verbais, os signos visuais comunicam: os símbolos das empresas são uma ilustração disso. A marca esportiva *Nike*, por exemplo, não precisou colocar o seu nome nem o seu apoio para marcar a sua presença no enunciado verbo-visual da campanha #BrasilNaDefesaDaInfancia. O seu símbolo, por si, só fez isso.

Mas, com relação ao símbolo da *Nike*, por fazer parte do gênero discursivo publicitário, sua mensagem é clara e simples: *compre-me*. A propaganda social é, realmente, outro gênero de discurso. Como impactar, causar interesse, incitar vontade nos interlocutores para direcioná-los à ação de responder responsabilmente a algum problema social manipulando apenas imagens estáticas?

Não estou dizendo que isto seja impossível, pois, como afirma Bakhtin (2011), quanto melhor se conhece um gênero discursivo, melhor se sabe como manipulá-lo. Mas este não foi o caso do enunciado verbo-visual da campanha #BrasilNaDefesaDaInfancia. Por se tratar de um gênero discursivo que deve prender à atenção do interlocutor, a linguagem verbal precisou da linguagem visual. A linguagem visual, por sua vez, precisou da linguagem verbal para dar informações sobre o que abordava o enunciado, para quem ele era direcionado e o que o interlocutor deveria fazer.

Assim, o enunciado verbo-visual do gênero discursivo propagandístico leva em conta a manipulação dos elementos verbais e visuais para levantar o interesse, prender a atenção e levar à ação. No enunciado concreto da Childhood Brasil, esses elementos tiveram o seguinte plano composicional:

**A PARTIDA MAIS DURA  
DO BRASIL VAI SER FORA  
DE CAMPO.**

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade no Brasil. Com o grande fluxo de turistas e a quantidade de eventos durante o mundial de futebol, os riscos de novos casos acontecerem aumentam. Por isso, a Childhood Brasil está lançando a campanha Brasil na Defesa da Infância.

Fique atento: se você suspeitar de algo, disque 100. A ligação é gratuita e você não precisa se identificar.

A Childhood Brasil é uma organização brasileira, faz parte da World Childhood Foundation e tem como objetivo proteger crianças e adolescentes da violência sexual.

Acesse [www.childhood.org.br](http://www.childhood.org.br) e saiba mais sobre a instituição.

Entre em campo pelos direitos da infância.

**#BRASILNADEFESA  
DAINFANCIA**

**CHILDHOOD**  
pela proteção da infância  
FUNDADA POR S. M. RAINHA SILVIA DA SUECIA

Apóio:  
Rodovisa  
MVR

**Figura 8: Enunciado verbo-visual**

O primeiro elemento que chama atenção é o colorido da campanha. Em seguida, é reconhecida a imagem de Neymar Jr., que ocupa todo o lado direito do enunciado. A atenção que a imagem do Neymar Jr suscita é disputada pelo texto verde em caixa alta. O título: “A disputa mais dura do Brasil vai ser fora de campo”, em pareado à imagem do Neymar Jr. em um contexto próximo do início do Mundial de Futebol, induz o interlocutor a ler o restante do texto que, no gênero discursivo propagandístico atual, parece ser volumoso.

A primeira frase do corpo do texto, “A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade no Brasil”, já justifica a imagem de crianças no enunciado, mas ao mesmo tempo, a linguagem visual é uma contrapalavra da linguagem verbal, pois esta se refere à *violência sexual* enquanto, imageticamente, crianças são representadas felizes e brincando. A própria parte colorida do enunciado visual parece ter sido feita por elas.

Ao continuar a leitura do corpo de texto, o interlocutor fica ciente das informações sobre o risco que o Mundial de Futebol pode trazer, devido ao fluxo de turismo e à desatenção da população. Sabe também o que *ele* ou *ela* devem fazer: ficarem atentos e, caso percebam algo, discar 100 para denunciar. Se houver alguma dúvida, acessar o site da organização Childhood Brasil.

Todo sujeito, sendo único, situado e sem-álibi, tem a responsabilidade implícita de responder, de forma responsável, ao problema da violência e da exploração sexual infanto-juvenil. Contudo, os elementos verbais e visuais que, juntos, compõem o enunciado, explicitam essa responsabilidade, convocando-o os interlocutores a agirem. Essa convocação pode ser compreendida ativa e responsivamente através da última frase do corpo do texto o faz: “Entre em campo pelos direitos da infância”.

Ademais, o interlocutor que possa temer a ação responsiva de fazer a denúncia, sabe que, se ligar, *não* vai ser identificado, e que ele não está sozinho, pois se trata de uma organização *mundial* pela defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes. Esta organização, conforme mostra o complemento da Childhood, está sob a responsabilidade da Rainha Silvia da Suécia e do próprio Neymar Jr. E o interlocutor que, possivelmente, não teria medo de perpetrar a violência, passa a ter, pois percebe que está sendo observado pelos locutores e os interlocutores do enunciado.

A organização que deu início à campanha ganha maior destaque tendo o seu complemento sozinho, logo após o slogan. Alguns dos apoiadores (Rodovisa, Instituto Neymar Jr. e o Conselho Tutelar Infantil) encontram-se juntos do lado direito da imagem, à altura dos pés do Neymar Jr..

No que se refere à noção de sujeito círculobakhtiniano, pode-se pensar, por exemplo, em como um possível interlocutor não perpetrador da violência poderia mudar sua visão a respeito de si mesmo sendo influenciado pela campanha, ou seja, tendo uma perspectiva distinta de eu-para-mim (BAKHTIN, 2011), causada pela manipulação dos elementos de natureza verbal e visual. Assim, o conteúdo verbo-visual dos enunciados pode fazer com que um interlocutor que, geralmente, aja de maneira passiva se sinta sugestionado a fazer denúncias, tendo, então, uma postura ativa. A postura passiva pode ser reconhecida, inclusive, no provérbio chinês mencionado (“não veja o mal, não ouça o mal, não faça o mal”).

Através do olhar-guardião de Neymar Jr., com as crianças brincando sob a guarda do atacante, o não perpetrador/a não perpetradora podem ser induzidos a sair da posição passiva dos três macacos do provérbio chinês. Ainda que não reconheça o complemento do Conselho Tutelar Infantil, o interlocutor/a interlocutora pode, ainda assim, conectá-la às figuras dos

macacos do provérbio. Uma vez que, ao contrário dos animais presentes no provérbio, os macacos do complemento do Conselho Tutelar Infantil remetem à ideia de atitude, assim como a imagem do atacante, o interlocutor/ a interlocutora pode, também, ser encorajado/encorajada a agir.

De acordo com o plano estratégico da campanha, desenvolvido desde 2009 até o Mundial de Futebol de 2014, e com a lista de apoiadores da campanha, o enunciado verbo-visual ganhou divulgação em aeroportos, redes de hospedagem, empreiteiras, supermercados, bares, revistas variadas, e, em especial, no ramo dos transportes; é possível ser inferido que, apesar da campanha visar a sociedade como todo, ela ganhou destaque nos pontos em que os possíveis aliciadores/aliciadoras e perpetradores/perpetradoras do crime de exploração e de violência sexual infanto-juvenil poderiam circular.

A seguir, está a análise do segundo e último enunciado concreto que compõe a campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, o enunciado verbo-sonoro-visual.

### **4.3.3 Análise do Enunciado verbo-sonoro-visual**

Conforme Publio (2008), uma campanha publicitária ou propagandística é composta por enunciados de diferentes naturezas semióticas. O intuito de ter enunciados díspares é uma estratégia de difusão e de exposição da mensagem. Meios distintos podem ter interlocutores diferentes, mas, caso o interlocutor do rádio seja o mesmo interlocutor da televisão, por exemplo, a reprodução repetida da mesma mensagem, mesmo que em diferentes meios, traz a vantagem de a informação ficar mais facilmente retida pelos interlocutores.

Segundo Bakhtin/Voloshínov (2009), os gêneros discursivos, enunciados, sujeitos e signos estão todos inseridos em um contexto histórico-sociocultural. No atual contexto, em que sujeitos são expostos a muitas informações e distrações, comunicar algo de maneira rápida e eficaz é proveitoso. Assim, um enunciado em que a linguagem possa apresentar verbo, som e imagens em movimento, quando manipulado da forma correta, tem grande valor comunicacional.

Como os enunciados do mesmo gênero discursivo possuem familiaridades, o enunciado verbo-sonoro-visual do gênero propagandístico social, também possui o intuito de persuadir seus interlocutores à mudança de um hábito para a melhoria da sociedade em geral. Assim, como no enunciado verbo-visual, o enunciado verbo-sonoro-visual deve gerar interesse, incitar vontade, para persuadir os sujeitos a uma ação que irá acarretar mudanças sociais.

A estrutura composicional deste enunciado não é rígida; as durações podem ir, geralmente, de 15 segundos até três minutos, e pode conter informações fechadas naquele enunciado ou fracionadas em outros. Desta forma, conforme dito na seção de metodologia do trabalho, levando em consideração propósitos didáticos, a análise do estilo e da responsividade da linguagem verbo-sonoro-visual ocorre de maneira isolada, para, posteriormente, ser ancorada (VESTEERGARD, SHRODER, 2004). Assim, a primeira linguagem do enunciado verbo-sonoro-visual a ser analisada é a verbal.

### *Estilo e Responsividade na Linguagem verbal:*

A análise da linguagem verbo-oral baseia-se no método da transcrição. O enunciado verbo-sonoro-visual *#BrasilNaDefesaDaInfancia* possui 30 segundos de duração. Uma das escolhas estilísticas deste enunciado foi fazer com que dois homens intercalassem suas falas, ao invés de dialogarem ou, até mesmo, falarem ao mesmo tempo.

Outra escolha relacionada ao estilo, ainda com relação à organização das falas, foi a de dar mais tempo de tela e número de falas ao primeiro homem que aparece. Ele soma 18 segundos de aparição na tela e fala 52 palavras, enquanto o segundo homem aparece somente por oito segundos e possui a fala de 24 palavras.

A intercalação entre a fala dos dois homens ocorre da seguinte maneira:

Homem 1. (0''- 14''): - Todo mundo tem que se unir para proteger as crianças e os adolescentes da exploração e do abuso sexual. Por isso, a Childhood Brasil está lançando a campanha Brasil na defesa da infância. Eu, você e todos nós temos que ficar de olho.

Homem 2 (15''- 23''): - Entre em campo com a gente pelo direito da infância. Para denunciar, disque 100. Se eles vierem para cima, a gente vai com tudo na defesa.

Homem 1 (26''- 30''): - Entre em campo pelos direitos das crianças e dos adolescentes.

A linguagem verbal na modalidade oral contém informações sobre a campanha Brasil na defesa da infância, uma campanha anti-exploração e anti-abuso sexual infanto-juvenil, lançada pela organização *Childhood Brasil*, convocando os interlocutores a ficarem atentos e a denunciarem os crimes, ligando para o número 100.

Bakhtin (2010b) afirma que, durante o processo de evolução dos gêneros discursivos, pode haver hibridação de gêneros, como ele exemplifica traçando duas linhas do gênero literário romanescos, ao discutir o estilo polifônico de Dostoiévski.

O caso acima consiste em mais um exemplo de hibridação de gêneros discursivos. Por ser uma propaganda social, tem-se um gênero discursivo secundário, ou seja, concretizado em um enunciado que possui uma organização complexa e não tem contato direto com o seu interlocutor. Existem câmeras, cenários, figurinos e roteiros, mas os sujeitos que transmitem a mensagem do locutor, a *Childhood Brasil*, tratam o interlocutor com intimidade, utilizando-se da segunda pessoa do singular.

Assim, ao enunciar “todo mundo tem que se unir” e “eu, você e todos nós temos que ficar de olho”, pode-se apontar que os Homens 1 e 2 têm consciência de sua posição no mundo e, junto do locutor *Childhood Brasil*, estão engajados na proposta de unirem-se para combater a violência e a exploração sexual infanto-juvenil.

Por meio de expressões como “todo mundo” e “eu, você e todos nós”, identifica-se a estratégia estilística de incluir o interlocutor em um time do qual participam tanto os Homens 1 e 2 e a própria *Childhood Brasil*. Se o interlocutor se sentir parte de um time, ele/ela responderá a enunciação de uma maneira distinta da que responderia caso não se sentisse incluído, por exemplo. Assim, podemos, mais uma vez, relacionar essas escolhas estilísticas à necessidade do interlocutor de compreender ativamente a enunciação, posicionando-se, valorativamente em relação a ela, ou seja, concordando com as propostas de ficar atento a eventuais práticas sexuais criminosas e de denunciá-las ou, mesmo, discordando delas.

Ademais, é importante observar a linguagem verbal nas seguintes construções: “Entre em campo com a gente pelo direito da infância.” e “Entre em campo pelos direitos das crianças e dos adolescentes.” Os elementos verbais que iniciam a primeira sentença repetem-se na segunda (“Entre em campo”), podendo remeter, simultaneamente, ao contexto de uma partida de futebol ou de uma guerra. Assim, ao usar expressões similares, a ideia posterior estabelece uma relação de reforço da ideia anterior. Mais uma vez, a ideia de fazer parte um mesmo time ou de uma mesma infantaria é reforçada com a forma verbal no imperativo (“Entre”), acompanhada do adjunto adverbial de companhia (“Com a gente”) e pelo fato de que, conseqüentemente, os dizeres são endereçados a um “você” (Interlocutor).

A contrapalavra (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009) pode ser notada nas frases “Brasil na defesa da infância”, “Eu, você e todos nós temos que ficar de olho”, “Se eles vierem para cima, a gente vai com tudo na defesa” e “Entre em campo com a gente pelo direito da infância”, que têm expressões ligadas ao vocabulário de guerra ou do futebol, vocabulário esse que é ressignificado na atuação dos interlocutores/das interlocutoras no sentido de interferir nos crimes de exploração e de violência sexual infanto-juvenil através de denúncias telefônicas.

Dentre as sentenças citadas acima, é importante, ainda, fazer mais observações sobre a construção “Se eles vierem para cima, a gente vai com tudo na defesa”, mais especificamente sobre a escolha estilística pelo signo verbal “defesa”. A expressão “na defesa” constitui, na frase, uma quebra de expectativa devido à noção de movimento sugerida pelo verbo “ir”, em “a gente vai com tudo”, que pode fazer o interlocutor assumir, previamente, que as palavras seguintes podem se referir ao “ataque”, e não à “defesa”. Além disso, por se tratar da expressão “defesa”, espera-se um verbo de estaticidade, como o verbo “ficar”, por exemplo. Entretanto, a opção pela forma “defesa” corresponde a uma maneira de reforçar o próprio título da campanha, *#BrasilNaDefesaDaInfancia*, bem como o intuito de sair em defesa das crianças e dos adolescentes.

O texto verbal é composto de períodos curtos, e verbos no imperativo que, de acordo com Bakhtin (2013), entoam ação. A intercalação das falas do Homem 1 e do Homem 2 pode ser entendida como um recurso que dá velocidade e dinamismo ao texto. Durante toda a intercalação de falas, existe um texto legendado na língua inglesa na base da tela. Ou seja, a fala não é apenas endereçada aos interlocutores falantes da língua portuguesa. Estilo e Responsividade na Linguagem Visual

O enunciado verbo-sonoro-visual inicia com esta imagem:



**Figura 9 - Neymar Jr. verbo-sonoro-visual**

Existem escolhas estilísticas, no plano composicional do enunciado verbo-sonoro-visual, que se relacionam à maneira como o vídeo é gravado: o foco apenas nos rostos dos sujeitos, a falta da nitidez do campo de futebol no plano de fundo e certa luminosidade que indica a claridade solar.

A um mês para o Mundial de Futebol de 2014, mesmo que o falante de língua portuguesa ou inglesa que não tem familiaridade com as feições do Neymar Jr., uma das estrelas da seleção brasileira de futebol, pode relacioná-lo ao nome que é repetido em vários meios de comunicação e encontra-se exibido no vídeo da própria campanha. Para remeter Neymar Jr. ao esporte, apesar de ele não aparecer com trajes futebolísticos, um campo de futebol desfocado é identificado no fundo.

O foco no rosto do sujeito, o fato de ele estar posicionado frontalmente e de seu olhar estar direcionado para a câmera são recursos que permitem uma aproximação entre ele e o interlocutor/a interlocutora do enunciado.



**Figura 10 - #BrasilNaDefesaDaInfancia**

É importante salientar que o uso do símbolo *hashtag* nas mídias sociais atuais pode ser relacionado à noção de compreensão ativa responsiva, uma vez que, com esse símbolo, o locutor abre espaço para uma resposta do interlocutor. Essa resposta pode, então, ser reproduzida num conjunto de mídias sociais, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter* e o *YouTube*. Assim, é por meio da *hashtag* #*BrasilNaDefesaDaInfancia* que se dá a interação verbal entre locutor e interlocutor.



**Figura 11- Daniel Alves verbo-sonoro-visual**

No mesmo plano de imagem, com olhar direcionado à câmera e no mesmo local que Neymar Jr. estava antes, aparece o Homem 2, identificado como Daniel Alves. E, da mesma maneira que ele não está caracterizado com uniforme de futebol, seu nome na tela, o campo no fundo e a associação de sua imagem com a de Neymar Jr., podem fazer com o interlocutor o identifique como jogador de futebol.



**Figura 12 - Disque 100**

O verbo no imperativo “disque” e o número “100” são recursos que podem ser ligados à noção círculo bakhtiniana de compreensão ativa responsiva, pois, novamente, o locutor abre um espaço destinado à compreensão do interlocutor, que pode responder de diferentes formas.

Um destaque que é válido ressaltar é que, apesar da câmera não mostrar detalhes do corpo de Daniel Alves, a logomarca da marca de roupas esportivas *Adidas* está na roupa, à

altura do ombro esquerdo do jogador. A empresa, que não faz parte de lista de apoiadores da campanha, era, até o final de 2014, patrocinadora oficial do Daniel Alves.



**Figura 13 - Childhood Brasil verbo-sonoro-visual**

A imagem anterior identifica o complemento da organização, cujo nome faz alusão à escrita infantil. O complemento também informa que a Rainha Silvia da Suécia é a responsável pela instituição. Ademais, a imagem traz o endereço do site em cores que chamam atenção.



**Figura 14 - Apoiadores verbo-sonoro-visual**

A última imagem traz novamente Neymar Jr. com as respectivas identificações dos apoiadores da campanha: Instituto Neymar Jr e Conselho Tutelar da Infância.

Durante todos os 30 segundos os dois jogadores conversam muito próximos à câmera, o que dá uma sensação não só de intimidade com o interlocutor/a interlocutora, mas, também, de uma conversa séria com ele/ela. A luz do dia e o verde do gramado do campo, porém, dão a entonação de que, apesar dessa conversa ser íntima e séria, ela não é uma reprovação: é uma convocação.

A linguagem sonora reforça esta entonação, pois uma música instrumental e tranquila é tocada durante toda a fala dos jogadores e todas as imagens do vídeo.

### *Análise da Linguagem verbo-sonora-visual*

A *Childhood Brasil* estilizou seu enunciado verbo-sonoro-visual com dois sujeitos que estavam em muita evidência na época, os jogadores de futebol Neymar Jr. e Daniel Alves, além de recursos como a trilha sonora calma, a claridade da luz do dia e o verde do campo.

A estratégia de escolher o atacante e o lateral direita da seleção brasileira de futebol pode ter sido motivada pelos indícios de que a atenção da sociedade estaria voltada para o evento da ocasião. Assim, ao vê-los na televisão ou em um vídeo da *internet*, um grande número de pessoas, talvez, dirigisse sua atenção para o que os jogadores teriam a dizer, esperando que o assunto que abordariam fosse o futebol, quando, na verdade, eles falariam sobre a supressão à exploração e à violência sexual contra crianças e adolescentes.

A opção organização da *Childhood Brasil* por esses dois sujeitos liga-se, então, à noção círculobakhtiniana de contrapalavra, pois eles foram ressignificados de, respectivamente, o atacante e o lateral direito da seleção de futebol brasileira do ano de 2014, a sujeitos a favor dos direitos das crianças e dos adolescentes. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009)

Como os filósofos círculobakhtinianos afirmam, é necessário levar em conta os valores axiológicos os fatores histórico-socioculturais que circundam e atravessam um enunciado concreto. Então, sobre a posição dos dois jogadores em campo, é interessante saber que Neymar Jr., como atacante, tem a função de marcar gols, enquanto Daniel Alves, como lateral direito, tem a função de ficar na guarda para que o time rival não marque gols. Na propaganda em questão, é possível identificar uma contrapalavra na ressignificação das posições desses dois sujeitos, que passam, desta forma, a ser um guerreiro e um fiel escudeiro que ajudassem uma rainha na batalha na defesa dos direitos infanto-juvenis.

Outro fator interessante sobre a escolha desses dois jogadores é que, além de fazerem parte do mesmo time no Mundial de Futebol de 2014, fora do evento quadrienal, os dois também jogam no time Barcelona, da Espanha. E, assim, aparecem juntos em reportagens, entrevistas, além das imagens da mídia social, como a conta do *Instagram* um do outro (KAPLAN e HAELEIN, 2009a). Ou seja, como participam da mesma seleção e do mesmo time espanhol, não é apenas naqueles 30 segundos que os dois se apresentam como parceiros para o público, mas cotidianamente.

Mais uma similaridade entre os dois é que, assim como a roupa de Neymar Jr. mostrou o símbolo de seu patrocinador oficial (*Nike*) para o enunciado verbo-visual, a de Daniel Alves apresentou o símbolo de seu patrocinador oficial (*Adidas*) para o enunciado verbo-sonoro-visual, fazendo com o que, mais uma vez, fique evidente a fluidez entre o gênero discursivo publicitário e o gênero discursivo propagandístico e, assim, confirmando a ideia de Bakhtin (2011) de que os gêneros discursivos são fluídos e podem se hibridizar.

No enunciado verbo-sonoro-visual, Neymar Jr. e Daniel Alves não vestem uniformes de times, mas o campo de futebol ao fundo e o vocábulo recheado de termos alusivos a esse esporte fazem com que os sujeitos sejam referenciados como jogadores.

Apesar de se apoiar na pesquisa que sugere o aumento do risco da exploração e da violência sexual infanto-juvenil em períodos de grandes eventos esportivos (BRACKENRIDGE, C.; PALMER-FELGATE, S.; RHIND, D.; HILLS, L.; KAY, T.; TIIVAS, ANNE; F. IAIN LINDSAY, L., 2013), através da trilha sonora tocado no fundo, o tom de fala dos jogadores, o verde do campo e a claridade da luz do dia percebe-se que *Childhood Brasil* optou por uma entonação sóbria e serena para informar, mas não causar pânico na população, para que assim o fulgor do evento não seja apagado.

O interlocutor do enunciado verbo-sonoro-visual é qualquer pessoa que assista ao vídeo. Para atingir um grande número de interlocutores, além de fazerem suas imagens presentes nos enunciados, os jogadores de futebol difundiram a campanha em suas mídias sociais. A *Childhood Brasil* também se articulou com a cantora Ivete Sangalo, que, apesar não ter seu o corpo estampado na campanha, também difundiu a campanha em suas contas do *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. (KAPLAN e HAELEIN, 2009a)

#### 4.3.4 Síntese Comparativa entre o Enunciado verbo-visual e o Enunciado verbo-sonoro-visual

Ao longo da análise do *corpus*, surgiram algumas similaridades e disparidades entre os dois enunciados formados por elementos de natureza semiótica distinta que compõem a campanha *#BrasilNaDefesaDaInfancia*. Assim, é válido fazer uma reflexão comparativa entre enunciado verbo-visual e o enunciado verbo-sonoro-visual. Primeiramente, vale salientar que os dois fazem parte do gênero discursivo propaganda social, pois ambos visam induzir uma mudança em prol do bem da sociedade em geral. A mudança é que, durante o Mundial de Futebol, os interlocutores fiquem em alerta, na observação das crianças e dos adolescentes e, caso suspeitem de algum crime de exploração ou violência sexual infanto-juvenil, devem oferecer uma resposta responsável àquela enunciação, discando 100 e, dessa forma, contactando o Conselho Tutelar Infantil.

Outra característica que situa os enunciados no gênero discursivo propaganda social é que ambos, supostamente, não têm nenhum intuito de receber ganhos financeiros. Mas, como os filósofos círculo bakhtinianos observam sobre a fluidez dos gêneros discursivos, tanto a roupa de Neymar Jr. quanto a de Daniel Alves exibem seus respectivos patrocinadores (*Nike* e *Adidas*). O atacante exibe o símbolo do seu patrocinador no enunciado verbo-visual, enquanto o lateral direita exibe a logomarca do seu patrocinador no enunciado verbo-sonoro-visual e, por esse motivo, o gênero discursivo propagandístico ganha uma característica do gênero discursivo publicitário, o de difundir uma instituição/produto que tem fins lucrativos. Mais uma vez, é válido ressaltar que, ainda que o símbolo e a logomarca figurem nas roupas dos sujeitos, os patrocinadores dos jogadores não deram apoio à campanha da *Childhood Brasil*.

O locutor dos dois enunciados propagandísticos é o mesmo, a organização *Childhood Brasil*. Em ambos os enunciados, o nome dessa organização está em evidência e o nome da rainha Silvia da Suécia está ligado a ele. Outros elementos informativos são o endereço do site da ONG e o número do disque-denúncia 100 do Conselho Tutelar Infantil. Ainda são citados outros apoiadores da campanha, como o Instituto Neymar Jr. e a Rodovisa, todavia, com menos proeminência.

A construção dos heróis é relativamente díspare. O Neymar Jr. do enunciado verbo-visual está vestindo um uniforme futebolístico ficcional, é um enorme guardião e está atento a um possível perpetrador/perpetradora da violência, enquanto nove crianças brincam seguras sobre ele.

Devido ao enfoque de câmera, à altura do rosto dos sujeitos, no enunciado verbo-sonoro-visual, Neymar Jr. e Daniel Alves parecem estar em pé de igualdade com o interlocutor, em uma conversa olho-no-olho, séria e, ao mesmo tempo serena, sobre manter a guarda das crianças e dos adolescentes e, caso qualquer coisa fora do comum aconteça, procurar o Conselho Tutelar Infantil, discando o número 100.

Apesar dos sujeitos representados no vídeo e no anúncio fazerem uso de formas linguísticas em segunda pessoa para se dirigirem ao interlocutor, a linguagem verbal dos dois enunciados é diferente. O enunciado verbo-visual apresenta-se na modalidade escrita, assim, é entoada de maneira mais formal do que a linguagem do enunciado verbo-sonoro-visual que é expressa na modalidade oral.

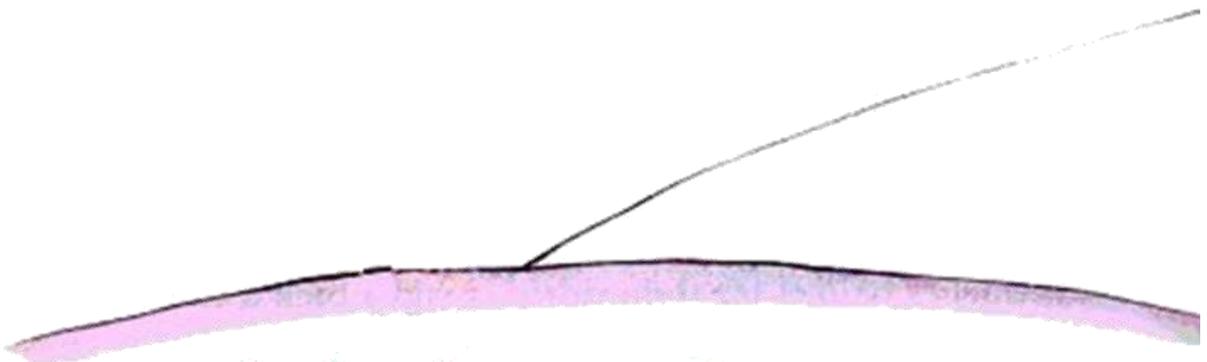
Os interlocutores dos enunciados são diferentes. O enunciado verbo-sonoro-visual é difundido apenas na internet, alcançando, assim, toda e qualquer pessoa que assista ao vídeo, desde os falantes da língua portuguesa ou inglesa aos seguidores da mídia social de Neymar Jr., Daniel Alves e Ivete Sangalo. Por outro lado, o enunciado verbo-visual é exposto em empreiteiras, revistas de caminhoneiros, aeroportos, redes de hotelaria, supermercados, estacionamentos, transporte público, ou seja, está visível para qualquer sujeito, mas mais especificamente para aqueles que trabalham nas obras de grandes eventos, para os turistas nacionais e para os caminhoneiros.

Os dois enunciados pedem para que o interlocutor compreenda ativa e responsivamente aos crimes de exploração e de violência sexual infanto-juvenil de três maneiras: estar atento à proteção das crianças e dos adolescentes durante os grandes eventos, acessar o site para mais informações e ligar para o Conselho Tutelar Infantil caso testemunhe alguma forma de violência e de exploração sexual infanto-juvenil. Quando exposto em lugares de construção das obras para o evento esportivo e possíveis lugares de passagem de turistas, o enunciado verbo-visual tem como interlocutores os possíveis perpetradores de violência e/ou de exploração sexual infanto-juvenil, revelando, assim, uma outra compreensão ativa responsiva, isto é, para os possíveis perpetradores dos crimes, que eles não se sintam tranquilos, pois estão sendo observados.

Em ambos os enunciados, a posição dos jogadores de futebol é contrapalavreada, de maneira que o atacante e o lateral direita passem a assumir a posição de guardiões dos direitos das crianças e dos adolescentes. Junto da imagem dos jogadores, há também a escolha estilística por termos linguísticos associados aos campos semânticos do futebol e da guerra como recursos linguísticos utilizados para convidar os interlocutores a tomar partido na causa.

No enunciado verbo-visual, Neymar Jr. é relacionado à imagem de jogador de futebol devido ao uniforme e à bola. No enunciado verbo-sonoro-visual, tanto Neymar Jr. quanto Daniel Alves aparecem próximo à câmera tendo um campo de futebol desfocado ao fundo. O olhar dos jogadores é outro elemento ressignificado, uma vez que este olhar refere-se à ação de “ficar de olho” nas crianças e adolescentes, enquanto o esperado era que a atenção da população e, sobretudo, a dos jogadores de futebol, estivesse mais voltada para o evento esportivo.

Por fim, a comparação da entonação. A entonação dos elementos visuais do enunciado verbo-visual, como a maneira que o enunciado parece ser colorido por crianças, e o fato de no próprio enuncia aparecerem nove crianças felizes e brincando, dá um tom mais pueril do que a entonação dos elementos visuais do enunciado verbo-sonoro-visual. No enunciado verbo-visual, Neymar Jr. é “pintado” como um gigante protetor das crianças, enquanto, no enunciado verbo-sonoro-visual, Neymar Jr. não é mais o único defensor dos direitos das crianças e dos adolescentes presentes no enunciado concreto: ele está acompanhado por seu lateral direita, Daniel Alves, e ambos conversam intimamente com o interlocutor. Enquanto as cores laranja, amarelo, verde, azul do enunciado verbo-visual dão um tom mais alegre e lúdico, a música instrumental da trilha sonora, a claridade da luz do dia e a entonação da voz dos jogadores demandam maior seriedade e serenidade.



A (in)conclusão

## A (IN)CONCLUSÃO

*Esta é, para mim, a mais bela paisagem do mundo, e também a mais triste. É a mesma da página precedente. Mas desenhei-a de novo para mostrá-la bem. Foi aqui que o príncipezinho apareceu na terra, e desapareceu depois. (SAINT-EXUPÉRY, S/D, XXVII)*

Como dito no primeiro capítulo, a pesquisa assumiu como base teórica a abordagem da linguagem desenvolvida pelos filósofos do Círculo de Bakhtin. Assim, nomear esta seção de “conclusão” não seria uma resposta responsável à teoria adotada. Pois, levando em conta o dialogismo que sustenta o pensamento círculobakhtiniano, signos, enunciados, gêneros discursivos e sujeitos se completam para e com o outro. Não somos conclusos. Nem os enunciados.

Assim, esse trabalho não se conclui aqui, pois, ao longo dele, deparei-me muito mais com dúvidas do que com conclusões e anseio que você também. Esse trabalho não se conclui em mim, pois, humildemente, espero ter incitado à compreensão ativa responsiva à formulação de questões, para que trabalhos seguintes, de outros interlocutores, construam novos heróis sobre essa temática. Almejo contrapalavras e, com isso, tenho a pretensão que esta página não seja o fim de uma pesquisa, mas uma arena dialógica.

O objetivo também foi analisar estilística-responsivamente a manipulação da linguagem verbo-sensorial de uma campanha antagônica aos crimes de exploração e de violência sexual infanto-juvenil, a *#BrasilNaDefesaDaInfancia*. Para tal, a análise apoiou-se na ótica da Translinguística, teoria círculobakhtiniana que requer que os enunciados sejam analisados a partir do contexto que eles foram concebidos.

A realização do Mundial de Futebol de 2014 foi decisiva na maneira de enunciar da Childhood Brasil no anúncio e no vídeo, uma vez que a escolha dos sujeitos e dos recursos linguísticos, associados tanto ao campo semântico do futebol quanto ao campo semântico da guerra, são tributários do evento esportivo em questão. Ademais, é importante ressaltar, apesar do Mundial de Futebol de 2014 corresponder a um elemento extralinguístico fundamental para o próprio surgimento da campanha, no enunciado verbo-sonoro-visual, a Copa do Mundo não é mencionada, da maneira que a relação entre o evento iminente e o aumento do número de práticas sexuais criminosas contra as crianças e os adolescentes não é trabalhada.

O enunciado verbo-visual se caracteriza por apresentar informações explícitas, no plano semiótico verbal, sobre a relação entre a Copa do Mundo, o aumento do fluxo de turistas e o crescimento da violência sexual contra as crianças e os adolescentes. O mesmo, no entanto, não pode ser dito sobre o enunciado verbo-sonoro-visual, pois, nele não existe

nenhuma vinculação entre a necessidade de defender os direitos das crianças e dos adolescentes e o aumento do número crimes cometidos contra eles, assim como não há menções ao Mundial de Futebol.

Realizou-se, em primeiro lugar, uma “jornada” bibliográfica, na qual a obra círculobakhtiniana foi apreendida em sua ordem cronológica, para fazer esclarecimentos sobre as macrocategorias e as microcategorias utilizadas no estudo do *corpus*. A lição que tirei da revisão bibliográfica é que o estilo é a manipulação intencional da linguagem verbo-sensorial de um enunciado concreto, com a finalidade de construir um sentido para-e-com um interlocutor. Essa manipulação também varia de acordo com a plasticidade do gênero discursivo o qual o enunciado concreto pertence. Nesse trabalho, buscou-se mostrar a plasticidade composicional dos enunciados verbo-visual e verbo-sonoro-visual do gênero discursivo propagandístico, e, também, apontar como uma série de escolhas de elementos de diferente natureza semiótica relacionavam-se ao propósito de gerar uma compreensão e uma resposta nos interlocutores em potencial da campanha.

Os gêneros discursivos, na concepção círculobakhtiniana, são divididos em primários e secundários. Os gêneros discursivos secundários são formados a partir de reelaborações dos primários. Assim, um diálogo cotidiano, que é um gênero discursivo primário, quando transposto para uma propaganda, por exemplo, perde seu caráter imediato e congrega-se às características do universo narrativo da propaganda, que é um gênero discursivo secundário. Ou seja, o diálogo transforma-se em um enunciado propagandístico e deixa de ser enunciado cotidiano.

O gênero discursivo propaganda social, conforme afirmado anteriormente, não tem originalmente fins lucrativos, almejando alcançar mudanças de natureza social. No entanto, no enunciado verbo-sonoro-visual, a existência dos símbolos dos patrocinadores de Neymar Jr. e Daniel Alves podem levar à conclusão precipitada de que esses patrocinadores também atuam na defesa da infância, sendo, assim, apoiadores da campanha da Childhood Brasil, o que, conforme vimos, não é verdade. Assim, caso associem a *Nike* e/ou a *Adidas* à questão do combate à violência e à exploração sexual infanto-juvenil, os consumidores podem se sentir estimulados a consumir os produtos dessas marcas. Nesse sentido, o gênero discursivo propaganda social se hibridiza com o gênero discursivo publicitário, passando a apresentar, assim, contornos financeiros.

Embora pertencente a um gênero discursivo específico, cada enunciação é única, pois é nascida a partir das experiências e das impressões particulares de um sujeito situado em um determinado contexto. Tendo isso em mente, busquei fazer um estudo detalhado de ambos os

enunciados que formam a campanha da *Childhood Brasil*, levando em conta a ideia círculobakhtiniana de que cada enunciado é um evento irrepetível e singular caracterizado por uma entonação própria. Posteriormente, sobretudo na seção destinada à ancoragem (VESTEERGARD/ SHRODER, 2004), busquei reconhecer o que havia de comum e o que era próprio de cada um dos enunciados em análise.

Também foi esclarecido que todo e qualquer enunciado, mesmo quando criado na esfera artística, influencia o mundo real. Ao locutor, cabe a responsabilidade de ter um compromisso ético na produção dos seus enunciados, uma vez que esses enunciados causarão efeitos no interlocutor, suscitando, dele, uma compreensão ativa e a formulação de uma resposta, que não pode ser dissociada da manifestação de um posicionamento valorativo.

O interlocutor, tendo um espaço destinado à emissão de uma resposta, também tem o compromisso de oferecer uma resposta responsável aos dizeres endereçados a ele. No caso da campanha, as estratégias linguísticas utilizadas para fazer o interlocutor se sentir parte de um time, tendo, assim, o apoio da *Childhood Brasil*, de Neymar Jr. e de Daniel Alves, além da seleção de jogadores de futebol que estavam em evidência no período de divulgação do anúncio e do vídeo e que eram considerados heróis nacionais, constituem recursos que conduzem esse interlocutor a não compreender passivamente os enunciados, e, sim, conduzem-no a tomar uma atitude em relação ao assunto.

No entendimento círculobakhtiniano, não é possível separar o ideológico do dialógico, o produto do processo. Não foi, portanto, uma mera coincidência que dois jogadores que eram companheiros da seleção brasileira de futebol tenham sido escolhidos para dar corpo e voz aos enunciados de uma campanha propagandística no país anfitrião do Mundial de Futebol.

Assim como os locais de divulgação do material verbo-visual e verbo-sonoro-visual foram estrategicamente selecionados, algo que vale ser ressaltado é a percepção que, tendo em consideração os efeitos intelectivos-emotivos causados no interlocutor, a escolha de lugar de divulgação pode mudar a leitura do enunciado, em função de seu interlocutor. Se, por exemplo, o anúncio estiver exposto em um supermercado, o enunciado verbo-visual pode estar direcionado ao sujeito cuja atenção estaria voltada para o evento esportivo e, por isso, poderia se esquecer de observar e de proteger a criança e o adolescente. De outro modo, se estiver exposto em local com grande fluxo de turistas ou trabalhadores de construção, a finalidade do enunciado pode ser a de avisar ao possível perpetrador do crime que ele está sendo observado.

O enunciado produzido no interior da evolução da esfera ideológica de um sujeito é uma resposta. Todo sujeito na concepção círculobakhtiniana é ativo, responsivo e sem-álibi.

Mesmo quando o interlocutor compreende a enunciação do locutor e oferece como resposta o silêncio, tem-se uma compreensão responsiva ativa. No entanto, caso da exploração e da violência sexual infanto-juvenil, essa resposta não é ética. Os interlocutores dos enunciados verbo-visual e verbo-sonoro-visual são convocados a agir por um conjunto de estratégias discutidas ao longo da pesquisa. Um exemplo delas é o próprio lema do Conselho Tutelar infantil: “Abra os olhos, fique atento, denuncie”.

A contrapalavra identificada na propaganda relaciona-se às posições de Neymar Jr. e de Daniel Alves como o guerreiro e o fiel escudeiro da Rainha Silvia da Suécia no combate à violência e à exploração sexual infanto-juvenil e na resignificação de expressões ligadas ao vocabulário futebolístico, uma vez que o contexto extralinguístico do Mundial do Futebol foi utilizado com o propósito de engajar interlocutores na denúncia dos crimes de exploração e de violência sexual infanto-juvenil.

A entonação do enunciado concreto verbo-visual é lúdica, o que pode ser confirmado através das cores, do tamanho desproporcional de Neymar Jr. em relação às nove crianças, das crianças estarem brincando sobre o corpo do atacante e de como o enunciado em si parece ter sido pintado pelas mãos de crianças. Já a entonação do enunciado verbo-sonoro-visual é serena, o que pode ser notado pela clareza do dia, pelo verde do campo e pela trilha sonora instrumental e calma. Os enunciados foram entoados desta maneira para não tirar o brio do evento esportivo, apesar de tratarem de uma questão séria e preocupante, o problema mundial de saúde que é a violência e a exploração sexual infanto-juvenil. Os períodos curtos e os verbos na segunda pessoa do singular e a *hashtag* do slogan da campanha foram entoados para induzir uma compreensão ativa responsiva por parte do interlocutor, de manter sua atenção nas crianças e nos adolescentes e denunciar os crimes sexuais relacionados a elas.

Algumas das dúvidas que surgiram durante a pesquisa foram:

- ★ Como proceder quando o autor da violência sexual infanto-juvenil não é um turista, mas alguém da própria família da vítima, que, de acordo com os dados levantados pela UNICEF e pela Organização Mundial de Saúde, são os principais perpetradores da violência sexual infanto-juvenil? Existem campanhas que enfocam especificamente esse perpetrador?
- ★ Visto que a palavra “infância” origina-se do latim *infans*, “aquele que não tem voz”; e o vocábulo “adolescência” vem do Latim *adolescere*, “ser nutrido”. E, segundo Butler (1979) e Azambuja (2004), ainda hoje a criança e o adolescente se situam na posição de vítimas por vivermos em uma sociedade embasada nos valores de um modelo adultocêntrico, falocêntrico e sexista, por que não criar

propagandas sociais com heróis com que “deem voz” às crianças e “nutram” os adolescentes para que se sintam empoderados a denunciar os crimes de exploração e de violência sexual cometida contra eles?

- ★ O que está sendo no gênero discursivo propagandístico para educar, informar e sensibilizar a sociedade sobre demais tipos de violência sexual infanto-juvenil, como: *Abuso sexual online, Assédio sexual, Exibicionismo, Pornografia infanto-juvenil, Telefonemas obscenos, Violência sexual verbal, Voyeurismo?*

Assim, não encerro esta pesquisa com um decisivo ponto final, mas com inquietantes pontos de interrogação e com reticências que deixam espaço aberto para contrapalavras e que requisitam novas respostas responsáveis, pois, da mesma forma que não pude começar este estudo com um “era uma vez”, não posso terminá-lo com “e eles viveram felizes para sempre”. Ofereço, contudo, o meu mais afetuoso “e eles viveram dialogicamente para sempre”.

## REFERÊNCIAS

- ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência. *Maus-tratos contra crianças e adolescentes. Proteção e Prevenção: Guia de Orientação para Profissionais de Saúde*. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 2ª Ed., Abrapia, 2002a.
- ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência. *Abuso sexual – mitos e realidade*. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 3ª Ed., Abrapia, 2002b.
- ALMEIDA, M. F. & SALES, P. G. M.. *Bakhtin e o Círculo Ante Questões da Teoria Literária e Teoria Linguística – primeiros tempos..* Miguilim - Revista Eletrônica o Netlli.. p. 04-17. Volume 1, número 1, dezembro de 2012. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/343/253>
- ARAÚJO, L. S.; PIMENTEL, A. *Concepção de Criança na Pós-Modernidade*. Psicologia, Ciência e Profissão, 2007, pp. 184-193. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n2/v27n2a02.pdf>
- AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. In: Cadernos de estudos linguísticos, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, 2010.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A (Org.). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZAMBUJA, M.R.. *Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança?* Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética – a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010a.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estilística no Ensino da Língua – a teoria do romance*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2013.
- BAKHTIN, M. *Para Filosofia do Ato Responsável*. São Paulo: Pedro & João editores, 2010b.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BASS, E.; THORNTON, L.(Org.). *Nunca contei a ninguém*. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1985.

BENJAMIN, A.H.V., *Código de Defesa do Consumidor Comentado pelos autores do Anteprojeto*, 7ª Ed., 2001.

BRACKENRIDGE, C.; PALMER-FELGATE, S.; RHIND, D.; HILLS, L.; KAY, T.; TIIVAS, ANNE; F. IAIN LINDSAY, L., *Exploração de crianças e adolescentes e a Copa do Mundo: uma análise dos riscos e das intervenções de proteção*. Brunel University London, Londres: 2013.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. Decreto nº 99.710 de 21 de novembro de 1990: Convenção Internacional dos Direitos da Criança.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Estatuto da criança e do adolescente. Ministério da Justiça/ Secretaria de Estado dos Direitos Humanos/ Departamento da Criança e do Adolescente. Brasília, 2002.

BRASIL. Lei 12.015 de 07 de Agosto de 2009. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm). Acessado em 03 de janeiro de 2015.

BRONCKART, J-P.; BOTA, C. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. Trad. Márcio Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

BUBENECK, Celso. *Prostituição, a mais longa história*. Revista Jurídica Consulex – Ano VIII, n. 177, p. 31, maio 2004.

BUTLER, S. *A conspiração do silêncio: o trauma do incesto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

CLARK, K; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas em 1973 com Viktor Duvakin*. Trad. Daniela Miotello Mondardo, a partir da edição italiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

ELOY, C. B. *A credibilidade do testemunho da criança vítima de abuso sexual no contexto judiciário*. Psicologia, Ciência e Profissão. 2012, vol.32, n.1, pp. 234-249. ISSN 1414-9893. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000100017> .

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P. 45 – 65.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo : Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, I. *Combate à Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes: Guia de Referência para Educadores/as*. Assunção: OIT, 2003.

FERREIRA, N. A linguagem e o estilo. In: *Estilística: a ponte entre linguística e teoria literária*. Revista Conhecimento Prático da Língua Portuguesa. Ed. nº 22 – São Paulo: Editora Escala Educacional, 1984.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, J. L.. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOHN, MARIA DA G. *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. 2 ED. SÃO PAULO: CORTEZ, 2000.

KAPLAN, A. M., & HAENLEIN, M.. *Consumer use and business potential of virtual worlds: The case of Second Life*. The International Journal on Media Management, 2009a.

KAPLAN, A. M., & HAENLEIN, M.. *Consumers, companies, and virtual social worlds: A qualitative analysis of Second Life*. Advances in Consumer Research, p. 873—874, 2009b.

KAPLAN, A. M., & HAENLEIN, M.. *The fairyland of Second Life: About virtual social worlds and how to use them*. Business Horizons, p. 563—572, 2009c .

LANDIM, Leilah. *A invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão impossível*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1993.

LANDINI, T. S. *Pedófilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa / Pedophile, who are you? A study of pedophilia in the press*. Cad. Saúde Pública; 192(); S273-S282, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000800009&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800009&lang=pt)

LANDINI, T. S. *Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração / Sexual violence against children in the press: gender and generation*. Cad. Pagu; (26); 225-252; 2006-06. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000100010&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100010&lang=pt)

LEFFA, V. J. - *A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade*. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MALANGA, E. *Publicidade: uma introdução*. Atlas, São Paulo, 1979.

MARTINS, E. J. *Enunciação e Diálogo*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

NAGLE, D. B; STANLEY M B. *The Ancient World: Readings in Social and Cultural History*. Pearson Education, 2009.

NASCIMENTO, Bráulio do. *Processos de variação do romance*. Revista Brasileira do Folclore, Rio de Janeiro: MEC IV (8/10): p. 59-126, jan./dez. 1964.

NASCIMENTO, Bráulio do. *As sequências temáticas do romance tradicional*. Revista Brasileira do Folclore, Rio de Janeiro: MEC 15 p. 159-190,1966.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. *Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência / Current view of sexual abuse in childhood and adolescence*. Jornal de Pediatria, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>

PONZIO, A. Signo e ideologia. In: PONZIO. *A Revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 109-159

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin - *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill, 2001.

PINHO, J. B. *Propaganda Institucional*. São Paulo: Summus, 1990.

PÚBLIO, M. A. *Como planejar e executar uma campanha de propaganda*. São Paulo: Atlas, 2008.

RABAÇA, C A. & BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. S/D. Disponível em: <http://www.cirac.org/Principe/Start-pt.htm>

SANDMANN, A. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 1993.

SANT'ANNA. A. *Propaganda*. São Paulo: Pioneira, 1998.

SANTOS, B.R. et al. *Métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Guia Escolar. 2. ed. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

TRINDADE, E. *A publicidade e a modernidade-mundo: as representações de pessoa, espaço e tempo*. In: BARBOSA, I. (Org.). *Os sentidos da publicidade*. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. *A Linguagem da Propaganda*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIVARTA, V. *O grito dos Inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes*. v. 5. São Paulo: Cortez, 2003.

VOLOSHÍNOV, V.; BAKHTIN, M. Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics. In: VOLOSHÍNOV, V. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (uso didático).

## SITES DE REFERÊNCIA

ABRABIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência: <http://www.prsp.mpf.gov.br/links/direitos-humanos/abrapia-associacao-brasileira-multiprofissional-de-protecao-a-infancia-e-a-adolescencia>

Cartilha de Enfrentamento de Violência Sexual: [http://www.mpap.mp.br/images/Cartilha\\_EnfretamentoViolenciaSexual\\_web.pdf](http://www.mpap.mp.br/images/Cartilha_EnfretamentoViolenciaSexual_web.pdf)

Childhood Brasil: <http://www.childhood.org.br/>

Código de Defesa do Consumidor: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm)

EMBRATUR: <http://www.embratur.gov.br/>

Estatuto da Criança e do Adolescente: <http://www.promenino.org.br/direitosdainfancia/eca-e-legislacao>

FIFA: <http://www.fifa.com/>

UNICEF: <http://www.unicef.org.br/>

## VÍDEO DE REFERÊNCIA

#BrasilNaDefesaDaInfância: <https://www.youtube.com/watch?v=fCzuLnhtHXU>

## ANEXOS

Diferença entre símbolo, logotipo, logomarca e complemento:

Fonte: [http://www.sergiocabraldesign.com.br/logomarca\\_logotipo2.htm](http://www.sergiocabraldesign.com.br/logomarca_logotipo2.htm)

**SÍMBOLO:** é um ícone ou ilustração abstrata para representar ou lembrar a empresa. Veja o exemplo da *figura* ao lado.



**LOGOTIPO:** é formado pelo NOME da empresa, escrito em extenso, de forma estilizada ou com algum design nas letras. Veja os exemplos da *figura* ao lado.



**LOGOMARCA:** é a junção do SÍMBOLO com o NOME da empresa. Veja o exemplo da *figura* ao lado.



Observe que a principal diferença entre o LOGOTIPO e a LOGOMARCA é que na LOGOMARCA, o SÍMBOLO não participa do NOME da empresa. Já no LOGOTIPO, o próprio NOME faz parte do SÍMBOLO.

---



**COMPLEMENTO:** é qualquer informação complementar (palavra ou imagem) adicionada ao conjunto da LOGOMARCA. O COMPLEMENTO tem como finalidade identificar ou destacar alguma característica da empresa. No exemplo da *figura ao lado*, a frase "Sempre o menor preço" faz parte da LOGOMARCA.

---